



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.10 | ABRIL
2022



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.10

ABRIL
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da EDITORA INTEGRALIZE, (SC) Brasil

International Integralize Scientific. 10ª ed. Abril/2022. Florianópolis - SC

Periodicidade Mensal

Texto predominantemente em português, parcialmente em inglês e espanhol.

ISSN/2675-5203

1 - Ciências da Administração

2 - Ciências Biológicas

3 - Ciências da Saúde

4 - Ciências Exatas e da Terra

5 - Ciências Humanas/ Educação

6 - Ciências Sociais Aplicadas

8 – Ciências Jurídicas

7 - Linguística, Letras e Arte

9 – Tecnologia

10 – Ciências da Religião /Teologia

**Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Editora Integralize - SC – Brasil**

Revista Científica da EDITORA INTEGRALIZE- Ed.10, n.01,
Abril/2022. Florianópolis-SC

PERIODICIDADE MENSAL

Texto predominantemente em Português,
parcialmente em inglês e espanhol.

ISSN/2675-5203

1. Ciências da Administração
2. Ciências Biológicas
3. Ciências da Saúde
4. Ciências Exatas e da Terra
5. Ciências Humanas / Educação
6. Ciências Sociais Aplicadas
7. Ciências Jurídicas
8. Linguística, Letras e Arte
9. Tecnologia
10. Ciências da Religião / Teologia

EXPEDIENTE

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

ISSN/2675-5203

É uma publicação mensal, editada pela
EDITORIA NTEGRALIZE | Florianópolis - SC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande, CEP 88032-005.

Contato: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.online>

Diretor Geral

Luan Trindade

Diretor Financeiro

Bruno Garcia Gonçalves

Diretora Administrativa

Vanessa Sales

Diagramação

Balbino Júnior

Conselho Editorial

Marcos Ferreira

Editora-Chefe

Vanessa Sales

Editor

Dr. Diogo de Souza dos Santos

Bibliotecária

Rosangela da Silva Santos Soares

Revisores

Francisco Rogério Gomes da Silva

Rosangela da Silva Santos Soares

Permitida a reprodução de pequenas partes dos artigos, desde que citada a fonte.



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC
ISSN / 2675-5203

É uma publicação mensal editada pela
EDITORA INTEGRALIZE.

Florianópolis – SC
Rodovia SC 401, 4150, bairro Saco Grande, CEP 88032-005
Contato (48) 4042 1042
<https://www.integralize.online/acervodigital>

EDITORA-CHEFE

Dra. Vanessa Sales

Os conceitos emitidos nos artigos são de
responsabilidade exclusiva de seus Autores.



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

HUMAN SCIENCES
AND EDUCATION

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC
ISSN/2675-520

ed.10

ABRIL
2022

SUMÁRIO – CIÊNCIAS HUMANAS

ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA DA MATEMÁTICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA. Autores: Claudimir Fernandes Sebastião e Fabio Hekel.....	09
SCIENTIFIC MATHEMATICS LITERACY: A LITERATURE REVIEW	
ALFABETIZACIÓN EN MATEMÁTICA CIENTÍFICA: UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA	
DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DA ARQUITETURA TARTESSA. Autor: Matheus Donizete Lima.....	17
UNLOCKING THE MYSTERIES OF TARTESSA ARCHITECTURE	
DESBLOQUEANDO LOS MISTERIOS DE LA ARQUITECTURA DE TARTESSA	
EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA NO ENSINO SUPERIOR: UMA REVISÃO DE LITERATURA. Autores: Claudimir Fernandes Sebastião e Fabio Hekel.....	27
SPECIAL AND INCLUSIVE EDUCATION IN HIGHER EDUCATION: A LITERATURE REVIEW	
EDUCACIÓN ESPECIAL E INCLUSIVA EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR: UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA	
FAKE NEWS: DISCURSOS E NARRATIVAS COM RELAÇÃO À DESINFORMAÇÃO PROPOSTAS POR NOTÍCIAS. Autores: João Paulo da Luz Rosa e Samuel de Oliveira Nicolau.....	35
FAKE NEWS: DISCOURSES AND NARRATIVES REGARDING DISINFORMATION PROPOSED BY NEWS	
FAKE NEWS: DISCURSOS Y NARRATIVAS SOBRE LA DESINFORMACIÓN PROPUESTAS POR NEWS	
MEDIAÇÃO DE CONFLITOS: UM ESTUDO DAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA. Autor: Jorge Guilherme Ramos Santos.....	41
CONFLICT MEDIATION: A STUDY OF THE CONTRIBUTIONS OF ANALYTICAL PSYCHOLOGY	
MEDIACIÓN DE CONFLICTOS: UN ESTUDIO DE LOS APORTES DE LA PSICOLOGÍA ANALÍTICA	
NOVAS TECNOLOGIAS E A CAPACITAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. Autores: Claudimir Fernandes Sebastião e Fabio Hekel.....	51
NEW TECHNOLOGIES AND THE CONTINUOUS TRAINING OF MATHEMATICS TEACHERS: A LITERATURE REVIEW	
NUEVAS TECNOLOGÍAS Y LA FORMACIÓN CONTINUA DEL PROFESORADO DE MATEMÁTICAS: UNA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA	
O LEGADO FENÍCIO NA PRODUÇÃO DA CERÂMICA TARTESSA. Autor: Matheus Donizete Lima.....	59
THE PHENICIAN LEGACY IN THE PRODUCTION OF TARTESSA CERAMICS	
EL LEGADO FÉNICO EN LA PRODUCCIÓN DE CERÁMICA TARTESSA	
O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TICs NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA. Autor: Fabio da Silva Vilanova	71
THE TEACHER'S ROLE IN FRONT OF THE USE OF INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES - ICTs IN YOUTH AND ADULT EDUCATION - EJA	
EL PAPEL DEL DOCENTE FRENTE AL USO DE LAS TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y LA COMUNICACIÓN - TIC EN LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS – EJA	
O PROFESSOR COMO MEDIADOR NO PROCESSO DE ESCRITA ESPONTÂNEA: POSSIBILIDADES DE ACERTOS NA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA. Autores: Rosa Mery Oliveira e Oliveira, Francinete Pessoa Nogueira e Renata Peres de Oliveira.....	78
THE TEACHER AS MEDIATOR IN THE SPONTANEOUS WRITING PROCESS: POSSIBILITIES OF SCIENTIFIC LITERACY HIT	
EL DOCENTE COMO MEDIADOR EN EL PROCESO DE ESCRITURA ESPONTÁNEA: POSIBILIDADES DE ALCANCE DE LA ALFABETIZACIÓN CIENTÍFICA	
O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TIC NO PROCESSO DE ENSINO DA MATEMÁTICA. Autor: Fabio da Silva Vilanova	86

THE USE OF INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES - ICT IN THE MATHEMATICS TEACHING PROCESS

EL USO DE LAS TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y LA COMUNICACIÓN - TIC EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA DE LAS MATEMÁTICAS

O USO DAS TECNOLOGIAS NA PRÁTICA DO PROFESSOR PARA O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO – AEE. Autor: Fabio da Silva Vilanova92

THE USE OF TECHNOLOGIES IN TEACHER PRACTICE FOR SPECIALIZED EDUCATIONAL SERVICE – AEE

EL USO DE TECNOLOGÍAS EN LA PRÁCTICA DOCENTE PARA EL SERVICIO EDUCATIVO ESPECIALIZADO - AEE

RELAÇÃO ENTRE SERVIÇO SOCIAL E PACIENTE RENAL CRÔNICO. Autora: Maria Cristina Antunes Martins.....98

RELATIONSHIP BETWEEN SOCIAL SERVICE AND CHRONIC KIDNEY PATIENT

RELACIÓN ENTRE EL SERVICIO SOCIAL Y EL PACIENTE RENAL CRÓNICO

ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA DA MATEMÁTICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

SCIENTIFIC MATHEMATICS LITERACY: A LITERATURE REVIEW

ALFABETIZACIÓN EN MATEMÁTICA CIENTÍFICA: UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA

Claudimir Fernandes Sebastião
claudimirfernandes@gmail.com
 Fabio Hekel

SEBASTIÃO, Claudimir Fernandes. HEKEL, Fabio. **Alfabetização científica da matemática: uma revisão de literatura**. Revista International Integralize Scientific. Ed. 10, n.1, p.08-16, abril/2022, ISSN/2675-5203.

RESUMO

As novas tecnologias devem ser incluídas no ensino, de modo que possam promover a conscientização de formar um aluno crítico e capaz de gerir seu próprio conhecimento. As evoluções socioculturais e tecnológicas geram constantes mudanças na sociedade e no pensamento humano e, assim, é necessário inovar para que haja qualidade e eficiência no ensino, já que a competitividade que marca o mercado globalizado exige cada vez mais qualidade, dando lugar a um novo paradigma tecnológico. As novas tecnologias podem e devem ser usadas como aliadas na construção do conhecimento, oportunizando aos alunos a viajarem pelo mundo virtual, mesmo que ele se encontre em uma sala de aula. O ensino da matemática pode transformar a aprendizagem em um saber lógico através de exercícios de raciocínio. Optou-se por realizar uma metodologia de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, cujo objeto de estudo, encontra-se ancorado em métodos adequados para o assunto de ordem social, tornando a pesquisa relevante e apropriada. O estudo apresenta como objetivo geral discutir a importância da alfabetização científica na educação matemática através da inserção das novas tecnologias. As novas tecnologias utilizadas para fins educativos são de vital importância e se fazem necessárias no âmbito escolar, visto que elas maximizam as possibilidades de aprendizagem dos alunos, enriquecendo tanto o modo de trabalho do professor como a dinâmica da aquisição do conhecimento.

Palavras-chave: Tecnologias. Matemática. Alfabetização. Ensino.

ABSTRACT

New technologies must be included in teaching, so that it can promote awareness of forming a critical student capable of managing their own knowledge. Sociocultural and technological evolutions generate constant changes in society and in human thought and, therefore, it is necessary to innovate for quality and efficiency in education, since the competitiveness that marks the globalized market demands more and more quality, giving way to a new technological paradigm. New technologies can and should be used as allies in the construction of knowledge, giving students the opportunity to travel through the virtual world, even if it is in a classroom. The teaching of mathematics can transform learning into logical knowledge through reasoning exercises. It was decided to carry out a bibliographic research methodology with a qualitative approach, whose object of study is anchored in appropriate methods for the social order subject, making the research relevant and appropriate. The study has as a general objective to discuss the importance of scientific literacy in mathematics education through the insertion of new technologies. The new technologies used for educational purposes are of vital importance and are necessary in the school environment, as they maximize students' learning possibilities, enriching both the teacher's way of working and the dynamics of knowledge acquisition.

Keywords: Technologies. Math. Literacy. Teaching.

ABSTRACTO

Las nuevas tecnologías deben incorporarse a la docencia, de forma que se promueva la conciencia de formar alumnos críticos y capaces de gestionar su propio conocimiento. Los desarrollos socioculturales y tecnológicos generan constantes cambios en la sociedad y en el pensamiento humano y, por ello, es necesario innovar para que haya calidad y eficiencia en la enseñanza, ya que la competitividad que marca el mercado globalizado exige cada vez más calidad, dando lugar a un nuevo paradigma tecnológico. Las nuevas tecnologías pueden y deben ser utilizadas como aliadas en la construcción del conocimiento, brindando a los estudiantes la oportunidad de viajar por el mundo virtual, incluso si se encuentran en un salón de clases. La enseñanza de las matemáticas puede

transformar el aprendizaje en conocimiento lógico a través de ejercicios de razonamiento. Optamos por realizar una metodología de investigación bibliográfica con enfoque cualitativo, cuyo objeto de estudio se ancla en métodos adecuados al orden social, haciendo pertinente y adecuada la investigación. El estudio presenta como objetivo general discutir la importancia de la alfabetización científica en la educación matemática a través de la inserción de nuevas tecnologías. Las nuevas tecnologías utilizadas con fines educativos son de vital importancia y son necesarias en el ámbito escolar, ya que maximizan las posibilidades de aprendizaje de los alumnos, enriqueciendo tanto la forma de trabajar del docente como la dinámica de adquisición de conocimientos.

Palabras clave: Tecnologías. Matemáticas. Literatura. Enseñando.

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo em plena era tecnológica, em uma época extremamente rica em inovações, disputas e diversidades. Assim, percebe-se a necessidade de uma inovação em busca de uma escola de melhor qualidade. Assim, parte-se do pressuposto de que as novas tecnologias devem ser incluídas no ensino, de modo que possa promover a conscientização de formar um aluno crítico e capaz de gerir seu próprio conhecimento (VIECHENESKI et al., 2012).

O momento atual não abre espaço para aquele aluno que simplesmente reproduz informações, mas sim para os que possuem capacidade criativa e habilidades em lidar com situações que permitam associar informações e que saibam agir e se adaptar rapidamente às mudanças.

As evoluções socioculturais e tecnológicas geram constantes mudanças na sociedade e no pensamento humano e, assim, é necessário inovar para que haja qualidade e eficiência no ensino, já que a competitividade que marca o mercado globalizado exige cada vez mais qualidade, dando lugar a um novo paradigma tecnológico. Sob este prisma, verifica-se que o ensino se encontra intimamente relacionado com a ciência.

A educação e a ciência se encontram associadas, não podendo ser separadas uma da outra. Assim, observa-se que deve haver uma união entre os dois termos, pois o ato de educar deve estar voltado para a pesquisa com a adição de outros aportes da atualidade que se encontram vinculados às novas epistemologias (DEMO, 2014).

O ato de educar pela pesquisa se diferencia entre si como princípio científico e princípio educativo. O princípio científico tem como foco a produção do conhecimento, baseado no método científico e no contexto do questionamento reconstrutivo, enquanto que o princípio educativo se baseia em educar o aluno na produção educativa do conhecimento (DEMO, 2014).

Neste cenário, observa-se que o desenvolvimento científico e tecnológico, muitas vezes, encontra-se defasado e até mesmo ausente nos conteúdos trabalhados no ambiente escolar, especialmente naqueles relacionados às disciplinas da área científica, terminando sendo ministrado de forma conteudista e metódica, baseando-se na tradicional memorização de fórmulas de conceitos (SIEMSEN e LORENZETTI, 2018).

O desenvolvimento científico-tecnológico tem implicado em mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais. Essas mudanças motivaram o surgimento de vários movimentos que impactam diretamente a educação e levam ao desenvolvimento de diferentes olhares para a relação da ciência e da tecnologia com a vida social. A ausência de relações entre esses conteúdos com a realidade dos alunos também contribui para um processo de ensino e de aprendizagem pouco atraente e significativo em sala de aula (SIEMSEN e LORENZETTI, p. 11, 2018).

Para a obtenção da alfabetização científica e tecnológica, existe a necessidade de uma proposta que utilize uma metodologia de cunho interdisciplinar. A perspectiva de interdisciplinaridade apresenta aspectos essenciais para que haja uma alfabetização tecnológica (AT) (SIEMSEN e LORENZETTI, 2018).

Neste contexto, insere-se o ensino da matemática, como uma proposta de se trabalhar no ambiente escolar, de modo a possibilitar a alfabetização científica e tecnológica para os estudantes. Tal e qual as outras disciplinas do currículo escolar, essa área necessita de metodologias que favoreçam a aprendizagem dos estudantes, pois para que haja uma melhor compreensão do conteúdo abordado, é necessário que exista uma relação com situações vivenciadas no cotidiano desses alunos (SOUZA e ROZAL, 2016).

É incontestável que as novas tecnologias exercem certo fascínio nas pessoas. Assim, elas podem servir como uma ferramenta auxiliar para promover o ensino da matemática, ocasionando ao estudante um conhecimento rápido, fácil, interativo e agradável, assim como também desenvolvendo o raciocínio lógico (RIBEIRO e PAZ, 2012).

A educação Matemática tem o objetivo de transformar o ensino em um saber lógico por meio do exercício do raciocínio. Portanto, precisa oferecer uma aprendizagem centrada nas evoluções tecnológicas e na interdisciplinaridade, formando seres capazes e preparados para viver e agir nesse mundo cada vez mais complexo, onde as coisas evoluem e modificam rapidamente (RIBEIRO e PAZ, p. 14, 2012).

Com o intuito de se preparar o aluno para o futuro, onde a vida social e profissional se encontra plena de oportunidades virtuais, as novas tecnologias podem e devem ser usadas como aliadas na construção do conhecimento, oportunizando aos alunos a viajarem pelo mundo virtual, mesmo que ele se encontre em uma sala de aula (CHASSOT, 2014).

O ensino da matemática pode transformar a aprendizagem em um saber lógico através de exercícios de raciocínio. Deste modo, verifica-se a necessidade de oferecer uma aprendizagem centrada nos avanços tecnológicos e na interdisciplinaridade, formando indivíduos capazes e preparados para a convivência em um mundo cada vez mais complexo, onde as coisas acontecem e evoluem aceleradamente (COSTA e PRADO, 2015).

Assim sendo, observa-se a necessidade de uma análise da questão que envolve a importância das novas tecnologias no ensino da matemática. Por conseguinte, o presente estudo propõe ponderar sobre a inserção dessas tecnologias, possuindo como cerne da investigação a necessidade cada vez maior de um ensino voltado para o mundo atual, longe das já ultrapassadas metodologias tradicionais.

Para a execução desses feitos, optou-se por realizar uma metodologia de pesquisa, cujo objeto de estudo encontra-se ancorado em métodos adequados para o assunto de ordem social, tornando a pesquisa relevante e apropriada. Diante das informações mencionadas, considera-se este estudo justificável, visto que servirá para elucidar dúvidas e consequências a respeito do presente tema.

O estudo apresenta como objetivo geral discutir a importância da alfabetização científica na educação matemática através da inserção das novas tecnologias.

TECNOLOGIA EDUCACIONAL

O momento atual vem passando por constantes transformações tecnológicas, vislumbrando melhores resultados e qualidade de ensino. Deste modo, é de suma importância se levar em consideração os novos instrumentos e as tecnologias educacionais (DVORAK, 2016).

As tecnologias de informação e de comunicação (TIC) podem ser utilizadas no meio educacional, uma vez que são uma área de pesquisa que possui por objeto o uso de recursos tecnológicos como ferramentas para o aperfeiçoamento do processo de ensino aprendizagem (DVORAK, 2016).

Graças à disseminação dos computadores e programas interativos, é possível a adequação dos métodos de aprendizagem com a evolução tecnológica. Assim sendo, tanto as instituições de ensino, como os professores, têm a incumbência de adaptarem suas atividades pedagógicas com a tecnologia educacional (SANTOS e SILVA JÚNIOR, 2016).

A intensa expansão do uso social das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) sob a forma de diferentes dispositivos móveis conectados à internet sem fio, utilizados em diferentes espaços, tempos e contextos, observada na segunda década do século XXI, gerou e continua gerando mudanças sociais que provocam a dissolução de fronteiras entre espaço virtual e espaço físico e criam um espaço híbrido de conexões (BACICH e MORAN, p. 1, 2018).

Percebe-se que a união entre o espaço presencial e o virtual propicia o surgimento de novos meios de expressão por intermédio de uma profusão de tecnologias usadas para interagir, criar, estabelecer relações e aprender. Deste modo, observa-se que as instituições de ensino não podem ficar alheias às transformações que vêm ocorrendo no cenário mundial (BACICH e MORAN, 2018).

No entanto, o que se pode observar é o fato de que muitos professores não se sentem à vontade quando desafiados e obrigados a lidar com o novo, pois para isto, o docente deve superar suas próprias dificuldades quanto à interação e o manuseio dos recursos tecnológicos (MASHIO e MARTINS, 2013).

Sendo assim, o professor deve observar se aquele recurso tecnológico que está sendo utilizado como um recurso pedagógico está despertando a atenção de seus alunos, possibilitando a assimilação de conteúdos de forma eficaz para uma aprendizagem satisfatória (CHIOFI e OLIVEIRA, 2014).

TENDÊNCIAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA

Percebe-se que o ensino da matemática é muito mais do que um mero ato de calcular, que várias vezes, não possui nenhum significado real para o estudante. Neste cenário, cabe ao professor se aperfeiçoar para estar ciente da importância de estimular o aluno, a fim de ocasionar um melhor entendimento acerca do conteúdo que está sendo ministrado. Este procedimento é uma situação desafiadora para o estudante e o leva a interagir com outros contextos nos quais a matemática não é tão notória (COSTA e PRADO, 2015).

As tendências metodológicas que compõem a área de estudo da matemática são: etnomatemática, modelagem, mídias tecnológicas, história da matemática, investigação matemática e resolução de problemas. Ao fazer uso de uma dessas tendências, o docente deixa de lado seu papel de simples professor de matemática para ser substituído pelo educador matemático (WICHNOSKI e KLÜBER, 2019).

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)

O emprego das tecnologias de informação e comunicação (TIC) são pautas constantes em diversos debates, visto que são de extrema importância no contexto atual, a despeito de muitos docentes que ainda as consideram como uma ameaça ao processo educacional (CARNEIRO e PASSOS, 2014).

Um dos argumentos para a inserção das TIC na Educação defende o uso de recursos tecnológicos na escola para preparar os alunos para o mercado de trabalho. Esse é sem dúvida um fator importante na sociedade em que vivemos, visto que muitas empresas estão substituindo sua mão-de-obra por computadores e saber manusear essa ferramenta tornará os alunos melhor preparados para assumir essas funções (CARNEIRO e PASSOS, p. 103, 2014).

A utilização das TICs junto ao ensino matemático pode gerar transformações relacionadas tanto na dinâmica da sala de aula, como também no jeito de ensinar e de assimilar os conteúdos ensinados. Não obstante, percebe-se que é importante que o docente possua a compreensão e a clareza das vantagens e limites deste recurso (CARNEIRO e PASSOS, 2014).

Ressalta-se que a relação entre o professor e essas tecnologias ainda se encontra marcado por regras que visam o controle, demonstrando condutas do ensino convencional, no qual ele expõe as informações e os alunos assistem a toda esta conduta passivamente (CARNEIRO e PASSOS, 2014).

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, onde se coletaram informações por meio de leituras, análise sistemática e fichamento de obras literárias, revistas pedagógicas e demais documentos que sejam compatíveis com o assunto proposto.

Depois de realizado o levantamento bibliográfico, partiu-se para a análise dos documentos selecionados em busca de elementos que fossem de relevância para a elaboração da pesquisa e o fichamento de cada obra pesquisada.

Ressalta-se que as informações foram coletadas junto às fontes disponibilizadas no Google Acadêmico e *SciELO* através dos seguintes descritores: tecnologias, matemática, alfabetização e ensino.

Quadro 1. Etapas do desenvolvimento do trabalho

Etapas	Desenvolvimento do Trabalho
1	Escolha do tema

2	Elaboração do plano de trabalho
3	Reconhecimento do conteúdo referente ao assunto pesquisado
4	Localização do material bibliográfico
5	Anotações dos dados referenciais em fichas
6	Análise dos dados coletados
7	Interpretação dos dados coletados
8	Redação

Fonte: Adaptado de Eco (2020)

Os descritores citados foram utilizados na busca, junto às línguas portuguesa, inglesa e espanhola.

RESULTADOS

O estudo constatou a elaboração de conhecimentos identificados na literatura nacional e internacional acerca das novas tecnologias e o ensino da matemática, no período de 2011 a 2021.

Os critérios de exclusão estabelecidos para assegurar a coerência com a pergunta da pesquisa foram os seguintes: publicações dos últimos 10 anos, artigos escritos nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola e abordagem envolvendo os descritores citados anteriormente.

A seguir, o Quadro 2 apresenta o processo de busca de dados para seleção dos artigos na base SciELO e no Google Acadêmico, com os descritores: tecnologias, matemática, alfabetização e ensino.

Quadro 2. Busca de artigos

Base de dados	Artigos encontrados	Artigos Duplicados	Artigos excluídos	Artigos selecionados
SciELO	18	1	14	4
Google Acadêmico	13	3	6	7
Total	31	4	20	11

Fonte: Autoria própria (2021).

Mediante a pesquisa na base de dados, utilizado o filtro, ou seja, os últimos 10 anos e línguas investigadas se observou um total de trinta e um (31) artigos. Foram excluídos vinte (20) artigos tomando por base o critério de exclusão e artigos duplicados, logo a amostra ficou reduzida a onze (11) artigos.

DISCUSSÃO

As novas tecnologias devem abranger algum tipo de objeto material que faça parte de atividade educativa, deste modo deve estar relacionado a processos de ensino e de aprendizagem que possam envolver algum tipo de relação entre o professor, o aluno e a tecnologia (BACICH e MORAN, 2018; CHASSOT, 2014; RIBEIRO e paz, 2012).

Percebe-se que as tecnologias vêm sendo inseridas no contexto escolar como um recurso didático, todavia, ainda há escolas que não fazem uso desses instrumentos como deveria, deixando assim, de oferecer novas possibilidades que podem facilitar o processo de ensino aprendizagem (CHIOFI e OLIVEIRA, 2014; MACHIO e MARTINS, 2013).

O professor centrado nos modernos paradigmas educacionais, sente a necessidade de que haja um aperfeiçoamento profissional que, contribua para uma transformação junto a sua prática de ensino que se encontra relacionado às novas concepções educacionais (COSTA e PRADO, 2015; PACHECO e BARROS, 2013).

Muitos docentes têm repensado acerca da relação dos alunos com a prática matemática e a importância que os mesmos concedem ao saber dessa ciência. Deste jeito, a escola deve estar voltada para o uso dos recursos tecnológicos, a fim de auxiliar o processo de ensino aprendizagem (COSTA e PRADO, 2015; MASHIO e MARTINS, 2013; RIBEIRO e PAZ, 2012).

Neste universo, observa-se que a utilização das novas tecnologias pode solucionar problemas junto ao sistema educacional, já que existe uma variedade de ferramentas que podem ser empregadas como uma proposta pedagógica que motiva a aprendizagem e a ruptura daquela antiga postura apática do estudante (PACHECO e BARROS, 2013; RIBEIRO e PAZ, 2013).

Convém salientar que existe a falta de um sistema educacional eficaz que melhor prepare os docentes para a prática em sala de aula, e de uma legislação que contemple um currículo voltado para a realidade e necessidades nacionais e globais (CHASSOT, 2014; COSTA e PRADO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu a constatação de que as novas tecnologias utilizadas para fins educativos são de vital importância e se fazem necessárias no âmbito escolar, visto que elas maximizam as possibilidades de aprendizagem dos alunos, enriquecendo tanto o modo de trabalho do professor como a dinâmica da aquisição do conhecimento.

Entretanto, observa-se a premência de que os docentes se conscientizem quanto à adoção das TICs junto à sua prática pedagógica para a obtenção do sucesso no ensino aprendizagem da matemática.

É inegável que as novas tecnologias contribuem enormemente para um ensino eficiente e prazeroso, mas cabe ao professor saber usá-la adequadamente e, para tal, é necessário que haja um planejamento para usufruir de todos os benefícios que elas podem oferecer para a aquisição do conhecimento.

Neste cenário, verifica-se a importância da realização de cursos de capacitação para que os professores se sintam à vontade e seguros para o uso desses instrumentos como motivadores do ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BACICH, L.; MORAN, J. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico prática. Porto Alegre: Penso, 2018.
- CARNEIRO, R. F.; PASSOS, C. L. B. A utilização das TICs nas aulas de matemática: limites e possibilidades. Revista Eletrônica de Educação, v. 8, n. 2, p. 101-19, 2014.
- CHASSOT, A. Alfabetização científica: questões e desafios para a educação. 6 ed. Ijuí: Unijuí, 2014.
- CHIOFI, L. C.; OLIVEIRA, M. R. F. O uso das tecnologias educacionais como ferramenta didática no processo de ensino aprendizagem. III Jornada de Didática: desafios para a docência. Londrina, p. 329-37, jul. 2014.

- COSTA, N. M. L.; PRADO, M. E. B. P. A Integração das Tecnologias Digitais ao Ensino de Matemática: desafio constante no cotidiano escolar do professor. *Perspectivas da Educação Matemática*, v. 8, n. 15, p. 100-120, 2015.
- DEMO, P. Educação e alfabetização científica. Campinas: Papirus Editora, 2014.
- DVORAK, P. E. As tecnologias educacionais na evasão dos cursos de educação à distância: uma pesquisa do tipo estado de arte. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Internacional (UNINTER). Curitiba, 2016.
- ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- MASHIO, E. C. F.; MARTINS, O. B. As novas tecnologias educacionais como instrumentos constituintes da cultura escolar. *Revista Inter saberes*, p. 38-49, nov. 2013.
- PACHECO, J. A. D.; BARROS, J. V. O Uso de Softwares Educativos no Ensino de Matemática. *Revista Diálogos*, n. 8, p. 5-13, 2013.
- RIBEIRO, F. M.; PAZ, M. G. O ensino da matemática por meio de novas tecnologias. *Revista Modelos*, v. 2, n. 2, p. 12-21, ago. 2012.
- SANTOS, W. O.; SILVA JÚNIOR, C. G. Virtualização de Jogos Educativos: Uma Experiência no Ensino de Matemática. *Rev. Bras de Info na Educ*, v. 24, n. 2, p. 109-122, 2016.
- SIEMSEN, G. H.; LORENZETTI, L. O ensino de astronomia em uma abordagem interdisciplinar no ensino médio: potencialidades para a promoção da alfabetização científica e tecnológica. IX Workshop do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Curitiba, dez. 2018.
- SOUZA, E. S. R.; ROZAL, E. F. Instrução por modelagem de David Hestenes: uma proposta de ciclo de modelagem temático e discussões sobre alfabetização científica. *Revista de Educação em Ciências e Matemática*, v. 12, n. 24, p. 99-115, jan./jul. 2016.
- VIECHENESKI, J. P.; LORENZETTI, L.; CARLETTO, M. R. Desafios e práticas para o ensino de ciências e alfabetização científica nos anos iniciais do ensino fundamental. *Atos de pesquisa em educação*, v. 7, n. 3, p. 853-876, set./dez. 2012.
- WICHNOSKI, P.; KLÜBER, T. E. Investigação Matemática: possíveis articulações com a História da Matemática, TIC e Resolução de Problemas. *Educ. Matem. Pesq.*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 539-561, 2019.

DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DA ARQUITETURA TARTESSA
UNLOCKING THE MYSTERIES OF TARTESSA ARCHITECTURE
DESBLOQUEANDO LOS MISTERIOS DE LA ARQUITECTURA DE TARTESSA

Matheus Donizete Lima
matheusvlima2018@gmail.com

LIMA, Matheus Donizete. **Desvendando os mistérios da arquitetura tartessa**. Revista International Integralize Scientific. Ed. 10, n.1, p.17-26, abril/2022, ISSN/2675-5203.

RESUMO

A coeva pesquisa objetiva compreender e analisar a arquitetura tartessa na Península Ibérica tendo como recorte geográfico a Andaluzia, local onde a sociedade tartessa viveu por vários séculos. Concomitante com a arquitetura, estudar a cultura tartessa, compreendê-la e analisá-la é consequência, lembrando que uma não é dissociável da outra. O método de pesquisa utilizado foi o qualitativo no que tange investigação e análise dos fatos históricos e arqueológicos, assim como a interpretação e análise da historiografia. As fontes utilizadas no presente trabalho foram: livros acadêmicos, textos publicados em sites de maior confiabilidade, artigos científicos publicados em revistas eletrônicas nas temáticas de história ou arqueologia. A escolha das fontes e a revisão bibliográfica foi propositalmente voltada para a influência que os Fenícios exerceram na arquitetura e na cultura tartessa, porém durante o estudo foi possível identificar que outros povos também influenciaram e foram influenciados pelos Tartessos ao longo dos séculos. A comparação dos vestígios arqueológicos com as fontes escritas confirma alguns fatos, e contrapõem outros, a religião politeísta praticada pelos Fenícios também era praticada pelos Tartessos, porém os rituais nos parecem ser diferentes, assim como a arquitetura dos templos construídos em memória dos deuses. Outro fator questionável é a sociedade tartessa ser composta apenas de índios ou nativos de forma unitária e homogênea.

Palavras-chave: Tartessos. Fenícios. Arquitetura. Ibérica. Andaluzia.

ABSTRACT

The present research aims to understand and analyze the tartessa architecture in the Iberian Peninsula, having Andalusia as a geographical cutout, a place where the tartessa society lived for several centuries. Concomitant with architecture, studying the tartessa culture, understanding and analyzing it is a consequence, remembering that one cannot be dissociated from the other. The research method used was the qualitative one regarding the investigation and analysis of the historical and archeological facts, as well as the historiography interpretation and analysis. The sources used in the present work were: academic books, texts published in more reliable sites, scientific articles published in electronic magazines on the themes of history or archeology. The choice of sources and the literature review was purposely focused on the influence that the Phoenicians had on the Tartessian architecture and culture, but during the study it was possible to identify that other people also influenced and were influenced by the Tartessians throughout the centuries. The comparison of the archaeological remains with the written sources confirms some facts and opposes others, the polytheistic religion practiced by the Phoenicians was also practiced by the Tartessians, but the rituals seem to us to be different, as well as the architecture of the temples built in memory of the gods. Another questionable factor is whether the Tartessian society was composed only of Indians or natives in a unitary and homogeneous way.

Keywords: Tartessos. Phoenicians. Architecture. Iberian. Andalusia.

ABSTRACTO

La presente investigación tiene como objetivo comprender y analizar la arquitectura de Taressa en la Península Ibérica, teniendo como corte geográfico Andalucía, donde vivió la sociedad Taressa durante varios siglos. Concomitante con la arquitectura, estudiar la cultura Taressa, comprenderla y analizarla es una consecuencia, recordando que una no puede disociarse de la otra. El método de investigación utilizado fue cualitativo en cuanto a la investigación y análisis de hechos históricos y arqueológicos, así como la interpretación y análisis de la historiografía. Las fuentes utilizadas en el presente trabajo fueron: libros académicos, textos publicados en sitios web de mayor confiabilidad, artículos científicos publicados en revistas electrónicas sobre los temas de historia o arqueología. La elección de las fuentes y la revisión bibliográfica se centró deliberadamente en la influencia que los fenicios ejercieron en la arquitectura y en la cultura tartésica, pero durante el estudio se pudo identificar que otros pueblos también influyeron y fueron influidos por los tartésicos a lo largo de los siglos. La comparación de restos arqueológicos con fuentes escritas confirma unos hechos y contrasta otros, la religión politeísta practicada por los fenicios también la practicaban los tartesios, pero los rituales parecen ser diferentes, así como la arquitectura

de los templos construidos en memoria de los Dioses. Otro factor cuestionable es que la sociedad de Taressa está compuesta únicamente por indios o nativos de manera unitaria y homogénea.

Palabras clave: Tartessos. Fenicios. Arquitectura. Ibérica. Andalucía.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a temática; arquitetura tartessa, traçando um paralelo com a arquitetura fenícia, porém levando em consideração os aspectos culturais de ambos os povos. A complexidade da sociedade tartessa nos propõe vários desafios, os dois principais deles são referentes aos significados culturais presentes na arquitetura tartessa em contraponto com a fenícia, e, às possíveis influências de outros povos na formação desta sociedade.

A problematização do presente trabalho segue as diretrizes de duas questões sendo elas as seguintes: é possível realizar a distinção da arquitetura tartessa com a arquitetura fenícia? Os Tartessos conseguiram impor a seus vizinhos uma cultura hegemônica? Qual o papel da arqueologia na construção da historiografia tartessa?

As expectativas de responder a problematização da pesquisa estão nas seguintes hipóteses; confrontação das fontes escritas com as descobertas arqueológicas para distinguir características culturais tartessas ou fenícias, presentes na arquitetura. Com relação a uma cultura hegemônica tartessa a suposição é que não houve uma imposição cultural dominante e sim assimilações culturais entre povos, de maior ou menor grau. No tocante ao papel da arqueologia com relação à historiografia tartessa, supõe-se que ela exerce um papel essencial na comprovação factual ou de refutação e historiográfica.

O objetivo da pesquisa consiste em desvendar as características e as significações culturais e arquitetônicas tartessas. A relevância do atual trabalho está na atualização historiográfica em consonância com os achados arqueológicos recentes e na contribuição aos estudiosos do tema em questão, trazendo novos subsídios históricos e arqueológicos aos membros de quaisquer sociedades que se interessam pelo assunto.

A pesquisa contou com uma metodologia qualitativa envolvendo levantamento bibliográfico, revisão bibliográfica, interpretação e análise dos dados, baseada em livros acadêmicos, artigos científicos publicados em revistas eletrônicas e textos publicados em sites relacionados ao tema abordado.

DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DA ARQUITETURA TARTESSA

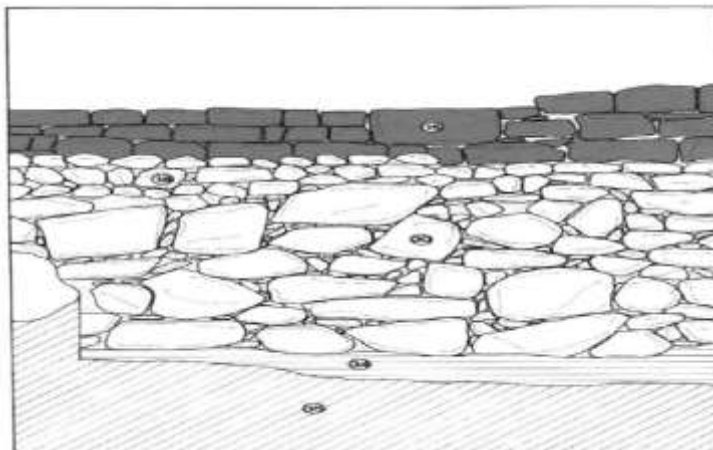
As fontes históricas e arqueológicas apontam que o povo fenício colonizou outros povos e que; segundo Carrasco (2002, p. 69), “foi documentado às muralhas no tempo e no espaço em que viveram os Tartessos, pois se tratava de fortificações erigidas por eles no baixo andaluz localizado na península ibérica, mais precisamente ao sul da Espanha, onde é a Andaluzia”.

UMA ARQUITETURA CARREGADA DE SIGNIFICADOS

De acordo com Carrasco (2002, p. 69), os Tartessos sofrem influência fenícia visto que suas fortificações seguem o modelo fenício que foi introduzido naquela região a partir do século VIII a.C. e parte das premissas de que as muralhas se devem aos conflitos bélicos entre os Tartessos e vários povos indígenas ou se são devidos às lutas e o processo de colonização fenícia com outros povos inclusive os de origem semita. [...] “Las tensiones entre las poblaciones residentes y esas comunidades semitas que al menos desde comienzos del siglo

VIII a.C., o ya desde finales del IX, venían asentándose en el territorio”. (CARRASCO, 2002, p. 70).

Figura 1. Frente da parte interior da muralha da época tartéssica.



Fonte: (CARRASCO, 2002, p. 83).

Nas muralhas da região costeira da Costa del Sol, Carrasco (2002, p. 72), descarta a possibilidade de serem construídas pelos Fenícios, pelo fato dos povos vizinhos terem incorporado a cultura fenícia e também defendê-la ao exemplo dos Toscanos. Ou seja, se não houvesse conflitos, não teria sentido as construções das muralhas nesta região pelos Fenícios e sim pelos Tartessos. “Las perspectivas metodológicas con que este asunto se ha, abordado constituyen un haz de múltiples cabos, tantos como tendencias teóricas ha conocido la arqueología de la Protohistoria meridional de la Península Ibérica”. (CARRASCO, 2002, p. 70).

[...] o a las tensiones entre las poblaciones residentes y esas comunidades semitas que al menos desde comienzos del siglo VIII a.C., o ya desde finales del IX, venían asentándose en el territorio'. En este sentido, la arqueología carece todavía de buenos métodos que permitan distinguir etnias distintas en un país que se supone ocupado al menos por dos grupos humanos bien diferenciados en sus correspondientes tradiciones culturales, y que, para algunas líneas de investigación, no habrían llegado a conocer fenómenos de fuerte mestizaje sino sólo comunidades mixtas. (CARRASCO, 2002, p. 70).

Como pode ser observado, a arquitetura tartessa é muito semelhante a arquitetura Fenícia considerando que no território de Andaluz outros povos também foram influenciados pelos Fenícios inclusive em seu processo arquitetônico. Por isso Carrasco (2002, p. 70), considera complexo classificar o que foi construído em termos arquitetônicos pelos Fenícios ou pelos Tartessos especificamente, podendo algumas construções terem sido erigidas ou complementadas por outros povos que viviam naquela região, visto que viviam ali comunidades mistas de vários grupos indígenas.

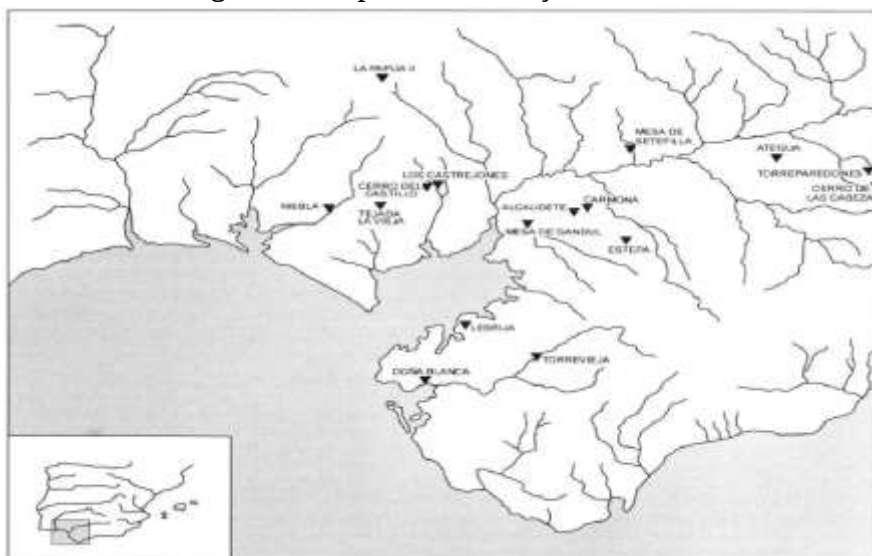
Las murallas del ámbito tartésico, o las estructuras interpretadas como tales, pueden agruparse para su estudio en dos conjuntos atendiendo a su reparto

geográfico: las del área nuclear y las de la periferia inmediata. Esta división es un simple recurso expositivo, y no una diferenciación que tenga que ver con sus aspectos arquitectónicos, cronológicos o funcionales, y mucho menos con parcelaciones del territorio basadas en criterios étnicos o políticos. Es más, la distinción entre una región central y otra que la circunda dista mucho también de pretender el establecimiento de unas fronteras diáfanas y científicamente establecidas para esa cultura; intenta sólo poner cierto orden en el registro de sitios, y de paso contar con los datos procedentes de comarcas que la literatura arqueológica no considera genuinamente tartésicas. (CARRASCO, 2002, p. 71).

Para Carrasco (2002, p. 71), para identificar as construções tartessas se faz necessário um estudo aprofundado das localizações geográficas Ibéricas em que o povo Tartesso habitou desde o núcleo da Andaluzia até as regiões periféricas, considerar a cultura desse povo, a cronologia, a diferenciação de aspectos arquitetônicos e funcionais e que mesmo assim Carrasco (2002, p. 71) relata que a literatura arqueológica não considera originalmente tartessa.

Pueden incluirse en esta zona los testimonios de la depresión inferior del Guadalquivir y de sus comarcas inmediatas: provincias de Cádiz, Huelva, Sevilla y Córdoba (fig. 1). Aunque algunas zonas de la de Málaga entrarían en este conjunto, de la parte más vinculada al Guadalquivir se desconocen lugares fortificados para esta época. Es el caso de la Depresión de Antequera, entre otros. Las murallas localizadas en los asentamientos litorales de la Costa del Sol (Toscanos por ejemplo) se excluyen precisamente porque nadie ha defendido para ellas otra atribución cultural que la fenicia. (CARRASCO, 2002, p. 72).

Figura 2. Mapa de fortificações fenícias



Fonte: (CARRASCO, 2002, p. 72).

De acordo com Gomes (2012, p. 8), “ocorreu um processo de orientalização em grandes áreas do território português e enfatizou a instalação central e também as dos litorais

do Sul que começaram a partir do séc. VIII a.C., e que originou a chegada dos povos originários da região mediterrânea ao Extremo Oriente. Esta imigração teve vários aspectos inseparáveis, dessas populações que foram para Portugal e lá praticado e difundido como: a arquitetura doméstica, funerária e cultural desses povos. Outras atividades também de âmbito profissional e cultural desenvolvidas são: as técnicas de moagem, as técnicas de construções, de produção de cerâmica e de redução do ferro”. Gomes (2012, p. 8), “assinala que houve alterações significativas na produção cultural em comparação do período que esses povos orientais chegaram com o período anterior a chegada dele em solo português, havendo rupturas com os modelos já existentes”.

A associação de Tartessos a uma determinada cultura material, e a arquiteturas domésticas, funerárias e sacras, é hoje, portanto, relativamente questionável, havendo quem defenda que sob tal designação caberiam, sobretudo, as populações fenícias ocidentais. E, assim sendo, não é completamente seguro que santuários como os de Carambolo ou *Caura*, por exemplo, tenham sido erguidos por tartéssicos para aí cultuarem divindades indígenas, como também não é indiscutível que esses mesmos tartéssicos se tenham sepultado nos cemitérios de urnas do vale do Guadalquivir. Ambas as situações poderiam ter tido como protagonistas colonos fenícios, uma vez que estes não são obrigatoriamente uma entidade unívoca, que actua num único registo, concretamente o identificado nas colónias fenícias da costa de Málaga. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 10).

Assim como Albuquerque (2010, p. 10), que abre a discussão sobre a cultura material tartessa e fenícia. Gorbea e Ortiz (2009, p. 113) relatam que “a colonização fenícia das costas meridionais da Península Ibérica trouxe uma discussão crítica no sentido de que a colonização das regiões atlânticas portuguesas, descoberta a algumas décadas depois, não tinha as mesmas características. Sendo assim não poderia ser uma continuação da colonização fenícia”.

Gorbea e Ortiz (2009, p. 113) mencionam “o caso de Medellín-Conisturgis e outros relacionados que pela semelhança levam a crer que os assentamentos e também outras descobertas sinalizam uma colonização tartessa”. Como veremos a seguir é possível através de elementos culturais parecidos, mas que não são idênticos é possível identificar as diferenças que a cultura material nos revela através da arqueologia.

Figura 3. Muralha fenícia em Tavira: Portugal



Fonte: Disponível em: <https://www.viaverde.pt/viagens-vantagens/dicas-de-viagens/artigos/tavira-arqueologica>. Acesso em: 21 set. 2021.

Esta cuestión exige comprender que el fenómeno colonial es un hecho complejo, polimorfo y progresivo, desde procesos exploratorios hasta asentamientos urbanos definitivos, lo que ofrece el riesgo de confundir unos tipos de procesos coloniales con otros y de simplificar hasta la deformación la visión sobre un proceso colonial determinado, que debe definirse a partir de sus propias características. (GORBEA; ORTIZ, 2009, p. 114).

Para Gorbea e Ortiz (2009, p. 113), “a colonização fenícia e a colonização tartessa podem ser identificadas separadamente por justamente possuírem características distintas”. Porém, se nos atermos à questão da arquitetura utilizada nas fortificações mencionadas por Carrasco (2002, p. 72), o autor recorre a informações historiográficas e factuais para diferenciar as construções arquitetônicas, das fortificações Tartessas, das fenícias, não mencionando diferenças através da arqueologia, isso pode significar as semelhanças entre as características estruturais da arquitetura de ambos os povos, pelo menos no tocante a construção das muralhas.

Figura 4. Ruínas de Tartessos no atual parque de Doñana na Andaluzia



Fonte: Disponível em: <https://mercaba.es/articulos/tartessos.htm>. Acesso em: 21 set. 2021.

A escassez de imagens e documentos de imagens de muralhas Tartessas para a comparação e análise de semelhanças entre as construídas pelos Fenícios e as construídas pelos

Tartessos dificulta a realização deste método, porém é possível identificar as semelhanças na arquitetura desses dois povos mesmo não sendo comparadas imagens arquitetônicas de mesma característica ou finalidade. Mas, as diferenças culturais refletem na arquitetura e neste sentido, ficam evidentes as diferenças presentes na arquitetura de Fenícios e Tartessos.

Figura 5. Templo do deus dos fenícios; Eshmun, em Sídon no Líbano.



Fonte: Disponível em: <https://www.infoescola.com/civilizacoes-antigas/fenicios/>. Acesso em 21 set. 2021.

A imagem acima está inserida no contexto da religião politeísta dos fenícios, este local foi construído em homenagem ao deus Eshmun. Os Fenícios acreditavam que o sacrifício de animais aos deuses os agradava e como consequências eram recompensados de alguma forma por eles. Pode-se perceber que a construção é em alto relevo inclusive o altar onde era realizado o sacrifício.

No caso dos Tartessos é possível observar uma construção mais bem elaborada e simétrica, porém de baixo relevo em formato de uma grande vala, mas com uma arquitetura mais simples. Segundo o site *Él País* (2018, s/p.), a construção do edifício, onde a realização dos sacrifícios de animais era realizada, através das escavações com as técnicas de construção típicas dos Tartessos, contendo materiais como ardósia, e outros tipos de rochas, não se sabe ao certo se a construção foi realizada com a finalidade de agradar os Deuses e conseguir apoio e proteção deles, pois, eram também politeístas assim como os Fenícios. Mas, os arqueólogos e pesquisadores encontraram vestígios de aproximadamente 30 mortos dentro do local, de acordo com as informações do site *Él País* (2018, s/p.).

HACE 2.500 AÑOS, muy cerca de lo que hoy es el municipio de Guareña, en Badajoz, los lugareños se reunieron en un enorme edificio de dos plantas para celebrar un banquete y una ceremonia ritual en la que sacrificaron decenas de valiosos animales. Después lo quemaron todo, lo sepultaron y lo abandonaron para siempre. Los últimos días de aquella insólita construcción, congelados en el tiempo gracias a la mezcla de las cenizas y arcilla que ha protegido sus restos todos estos siglos, pueden ser claves para entender la última etapa de Tartessos. (*Él País*, 2018, s/p., grifo do autor).

Figura 6. Edifício Tartésico



Fonte: Disponível em: https://elpais.com/elpais/2018/02/13/eps/1518539498_460221.html. Acesso em 21 set. 2021.

Já o site El Español, traz informações mais completas sobre o possível templo dos Tartessos que pode ser explicada pelas datas das publicações de ambos os sites e os avanços das escavações. A data da publicação das informações do site El País utilizadas no presente trabalho é de 21 de fevereiro de 2018. O site El Español tem data posterior em 13 de dezembro de 2020. Isso justifica as informações acrescentadas em comparação com o site El País.

Las últimas campañas de excavaciones desde 2018 están paralizadas por las negociaciones de la Junta de Extremadura con los propietarios de la finca para su compra se han centrado en ese patio, donde se ha identificado una hecatombe de animales. Los arqueólogos han hallado los restos de **52 caballos, cuatro vacas, cuatro cerdos y un perro**, algunos de ellos desmembrados y que pudieron ser consumidos durante el banquete ritual. El análisis de los huesos, que ayudará a resolver este interrogante, se publicará próximamente. "Sin duda, será una obra de referencia, pues hasta la fecha es **el sacrificio de animales más grande documentado en el Mediterráneo** y el primer estudio que aborda el conocimiento de una cabaña ganadera completa", destaca Esther Rodríguez, investigadora del CSIC. (BARREIRA, 2020, s/p., grifo do autor).

Com todo respeito ao trabalho arqueológico realizado no município da Espanha; Guareña, na província de Badajoz, embora que o trabalho e as investigações arqueológicas não estejam concluídos ainda, a hipótese do que os arqueólogos chamam de edifício, ser um templo voltado para os sacrifícios de animais aos deuses e de adoração a eles, ainda pode ser confirmada. Já que os Tartessos eram politeístas e tinham o costume de sacrificar animais em homenagem aos deuses nos quais acreditavam. Albuquerque (2013, p. 637) menciona que é fundamental compreender todo o processo histórico de Tartessos para perceber as limitações do conceito de sociedade tartésica.

É também fundamental para verificar que esta imagem arqueológica é, igualmente, uma representação feita a partir de um conjunto de critérios que procuram justificar o apriorismo de uma sociedade puramente indígena e

diferenciada dos Fenícios, cuja essência se manteve ao longo de vários séculos. (ALBUQUERQUE, 2013, p. 637).

Albuquerque (2013, p. 637-638), através da problematização e análise das fontes coloca a identidade tartessa em xeque para aqueles que a descreve sendo uma sociedade puramente indígena com relação a sua formação étnica. Para Albuquerque (2013, p. 637-638), a sociedade tartessa sofre influência cultural grega e oriental, mas há possibilidade de isso poder ter se estendido para o campo biológico também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a complexidade da sociedade tartessa, é notório que a historiografia depende muito do trabalho dos arqueólogos. Os poucos vestígios arqueológicos encontrados em tempos remotos até a atualidade contribuem significativamente para a identificação da gênese tartessa.

O surgimento da sociedade tartessa na Península Ibérica e sua trajetória é marcada pelos contatos que tiveram com outros povos dois deles são os gregos e os Fenícios. Porém, são vários os povos que os Tartessos conviveram, inclusive os orientais da região da Mesopotâmia.

Para identificar a arquitetura tartessa e diferenciá-la dos demais povos a história necessita sem dúvida de documentos escritos, ou seja, fonte documental no sentido etimológico da frase, visto que este praticamente inexistente. A segunda opção é a cultura material produzida e, é aí que entra o trabalho dos arqueólogos sendo ele preponderante para reescrever a história Tartessa.

A arquitetura tartessa sofreu influência fenícia, porém muito provavelmente também sofreu influência de outros povos, assim como também influenciou outras culturas. Mas, mesmo que sejam escassos os documentos sobre Tartessos, é possível identificar e diferenciar através dos aspectos da cultura imaterial, associados à cultura material levando em consideração a historiografia, alguns poucos documentos escritos e os achados arqueológicos.

Através do método historiográfico adequado escolhido na construção de seja qual for à pesquisa sobre Tartessos, é fundamental que o historiador leve em consideração as fontes mencionadas no presente trabalho. Sendo assim a pesquisa será desenvolvida com maior profundidade e credibilidade, pois pesquisar sobre a sociedade tartessa não é tarefa fácil, tendo como o maior obstáculo a sua complexidade e escassez documental.

REFERÊNCIAS

- ALL ABOUT SPAIN. Tartessos. Disponível em <<https://www.red2000.com/spain/primer/tartessos.html>>. Acesso em 21 set. 2021.
- GORBEA, Martín Almagro; ORTIZ, Mariano Torres. La colonización de la costa atlántica de Portugal: ¿fenicios o tartesios? *Palaeohispanica*. Revista sobre lenguas y culturas de la Hispania Antigua, n. 9, p. 113-142, 2009. Disponível em <<https://ifc.dpz.es/ojs/index.php/palaeohispanica/article/view/216>>. Acesso em 1 out. 2021.
- ALBUQUERQUE, Pedro Araújo. Tartessos: entre mitos e representações. *Cadernos da Uniarq*, v. 6, Lisboa: Uniarq/ Universidade de Lisboa. 2010. Disponível em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/9854>. Acesso em 1 out. 2021.
- ALBUQUERQUE, Pedro. Tartessos e Tartéssios, de Estesícoro a Éforo, Lisboa, DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda. p. 633-639, 2013. Disponível em <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/10872>>. Acesso em 1 out. 2021.
- ARTÍCULOS DE MERCABÁ. Tartessos. Madrid, 2018. Disponível em <<https://mercaba.es/articulos/tartessos.htm>>. Acesso em 21 set. 2021.

- ÉL PAÍS. El último misterio de Tartesos. 2018. Disponível em <https://elpais.com/elpais/2018/02/13/eps/1518539498_460221.html>. Acesso em 21 set. 2021.
- EL ESPAÑOL. El enorme sacrificio de animales en Badajoz: el yacimiento tartésico con hallazgos únicos (DavidBarreira).Disponívelem<https://www.elespanol.com/cultura/historia/20201213/enorme-sacrificio-animales-badajoz-yacimiento-tartesico-hallazgos/542697251_0.html>. Acesso em 25 set. 2021.
- CARRASCO, José Luís Escacena. Murallas fenicias para Tartessos: un análisis darwinista. SPAL, 11, 69-105., 2002. Disponível em <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/12769/file_1.pdf?sequence=1>. Acesso em 1 out. 2021.
- GOMES, Francisco João Bentes. Aspectos do sagrado na colonização fenícia. Contextos de culto de influência oriental na Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-III a.n.e). Cadernos da UNIARQ 8, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 2012. Disponível em <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/29327>>. Acesso em 1 out. 2021.
- INFO ESCOLA. Fenícios. Disponível em <<https://www.infoescola.com/civilizacoes-antigas/fenicios/>>. Acesso em 21 set. 2021.
- VIAVERDE TAVIRA ARQUEOLÓGICA. 2016. Disponível em <<https://www.viaverde.pt/viagens-vantagens/dicas-de-viagens/artigos/tavira-arqueologica>>. Acesso em 21 set. 2021.

EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA NO ENSINO SUPERIOR: UMA REVISÃO DE LITERATURA

SPECIAL AND INCLUSIVE EDUCATION IN HIGHER EDUCATION: A LITERATURE REVIEW

EDUCACIÓN ESPECIAL E INCLUSIVA EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR: UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA

Claudimir Fernandes Sebastião
claudimirfernandes@gmail.com

Fabio Hekel

SEBASTIÃO, Claudimir Fernandes. HEKEL, Fabio. **Educação especial e inclusiva no ensino superior: uma revisão de literatura**. Revista International Integralize Scientific. Ed. 10, n.1, p.27-34, abril/2022, ISSN/2675-5203.

RESUMO

Nunca se falou tanto em inclusão social, o que é um assunto de suma importância, pois nunca é demais se ponderar acerca desse assunto, visto que cada indivíduo tem o direito de ser diferente e de vivenciar sua própria diversidade. O diálogo sobre a diversidade não é algo simples, tendo em vista que aquilo que é diferente ocasiona sentimentos de estranheza, choque, rejeição e a não aceitação do sujeito tido como diferente. Há um crescente número de alunos com necessidades especiais que ingressam na rede regular de ensino e em universidades, a cada ano, o que carece de um maior aprofundamento e de uma maior reflexão sobre a educação inclusiva no ensino superior. Optou-se por realizar uma metodologia de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, cujo objeto de estudo encontra-se ancorado em métodos adequados para o assunto de ordem social, tornando a pesquisa relevante e apropriada. O estudo apresenta como objetivo geral apresentar discussões sobre os desafios da educação especial e inclusiva no ensino superior. As exigências envolvendo a educação inclusiva nas IES são muitas e que não basta somente a boa vontade de algumas pessoas, tendo em vista que o processo de inclusão exige rupturas e demanda alternativas exequíveis, uma vez que todas as pessoas têm o direito de alcançarem seus objetivos.

Palavras-chave: Educação. Inclusão. Superior. Docente.

ABSTRACT

There has never been so much talk about social inclusion, which is a matter of paramount importance, as it is never too much thought about this issue, as each individual has the right to be different and to experience their own diversity. Dialogue about diversity is not something simple, considering that what is different causes feelings of strangeness, shock, rejection and non-acceptance of the subject seen as different. There is a growing number of students with special needs who enter the regular education network and universities every year, which needs to be further studied and reflected on inclusive education in higher education. It was decided to carry out a bibliographic research methodology with a qualitative approach, whose object of study is anchored in appropriate methods for the social order subject, making the research relevant and appropriate. The study has as its general objective to present discussions about the challenges of special and inclusive education in higher education. The demands involving inclusive education in HEIs are many and the good will of some people is not enough, considering that the inclusion process requires ruptures and demands feasible alterations, since all people have the right to achieve their goals.

Keywords: Education. Inclusion. University. Teacher.

ABSTRACTO

Nunca se ha hablado tanto de la inclusión social, que es un asunto de suma importancia, como nunca está de más reflexionar sobre este tema, ya que cada individuo tiene derecho a ser diferente ya vivir su propia diversidad. El diálogo sobre la diversidad no es algo sencillo, considerando que lo diferente provoca sentimientos de extrañeza, conmoción, rechazo y la no aceptación del sujeto considerado diferente. Cada año es mayor el número de estudiantes con necesidades especiales que ingresan al sistema escolar regular y a las universidades, lo que exige una mayor profundidad y una mayor reflexión sobre la educación inclusiva en la educación superior. Optamos por realizar una metodología de investigación bibliográfica con enfoque cualitativo, cuyo objeto de estudio se ancla en métodos adecuados al orden social, haciendo pertinente y adecuada la investigación. El estudio tiene como objetivo general presentar discusiones sobre los desafíos de la educación especial e inclusiva en la educación

superior. Los requisitos que implica la educación inclusiva en las IES son muchos y la buena voluntad de algunas personas no es suficiente, dado que el proceso de inclusión requiere rupturas y demandas cambiantes factibles, ya que todas las personas tienen derecho a alcanzar sus metas.

Palabras clave: Salud. Mental. Psicosocial. Enfermedad.

INTRODUÇÃO

O mundo se encontra repleto de pessoas com as mais variadas formas de ser, o que muitas vezes, gera conflitos, intolerância, preconceito e discriminação, excluindo grande parte da população que são tidas como diferentes. Tanto a exclusão de alguns indivíduos como a inclusão de outros, sempre foi um aspecto da escola da contemporaneidade, todavia foi somente nos últimos anos que este aspecto começou ser questionado.

Neste cenário, percebe-se que nunca se falou tanto em inclusão social, o que é um assunto de suma importância, pois nunca é demais se ponderar acerca desse assunto, visto que cada indivíduo tem o direito de ser diferente e de vivenciar sua própria diversidade.

Paulo Freire (2019), em seu discurso pedagógico, comenta que a inclusão é um movimento educacional, social e político, que tem como propósito defender o direito de todos os indivíduos a participarem da sociedade e de serem respeitados nos aspectos que os diferenciam de outros, ou seja, ele defende o direito de cada estudante se desenvolver e materializar sua potencialidade, apropriando-se das competências que lhes possibilite exercer o seu direito através de um ensino de qualidade que possa lhe atender quanto às suas necessidades, interesses e características (FREIRE, 2019).

No entanto, percebe-se que o diálogo sobre a diversidade não é algo simples, tendo em vista que aquilo que é diferente ocasiona sentimentos de estranheza, choque, rejeição e a não aceitação do sujeito tido como diferente. Assim, verifica-se que esta situação impactante se baseia no modo como o homem reage frente às diferenças, tornando cada vez mais necessária a prática de pesquisas que possibilitem compreender e refletir sobre estas adversidades.

É inegável o crescente número de alunos com Necessidades Especiais (NE) que ingressam na rede regular de ensino e em universidades, a cada ano, o que carece de um maior aprofundamento e de uma maior reflexão sobre a educação inclusiva no ensino superior.

Assim sendo, observa-se a necessidade de uma análise da problemática que envolve a questão da inclusão de pessoas com necessidades especiais nas Instituições de Ensino Superior (IES) e o modo como o processo de inclusão deve se suceder, pois tal acontecimento não pode acontecer efetivamente sem o apoio e subsídio dos educadores (PRANDI et al., 2012).

Por conseguinte, o presente estudo propõe ponderar sobre a prática de inclusão, possuindo como cerne da investigação as IES, levando-se em conta a quantidade cada vez maior de alunos com (NE) que chegaram ao Ensino Superior (ES).

Para a execução desses feitos, optou-se por realizar uma metodologia de pesquisa, cujo objeto de estudo encontra-se ancorado em métodos adequados para o assunto de ordem social, tornando a pesquisa relevante e apropriada. Diante das informações mencionadas, considera-se este estudo justificável, visto que servirá para elucidar dúvidas e consequências a respeito do presente tema.

O estudo apresenta como objetivo geral apresentar discussões sobre os desafios da educação especial e inclusiva no ES.

INCLUSÃO

O mundo moderno exige das pessoas uma qualificação profissional, uma vez que há uma exigência cada vez maior de mão-de-obra qualificada para atuar junto ao concorrido mercado de trabalho, o que tem gerado várias conversas sobre o assunto quando se refere a pessoas com NE (OMOTE, 2016).

Percebe-se que a inclusão das pessoas com (NE) no (ES) não é algo fácil, visto que encontram inúmeros constrangimentos rumo ao sucesso acadêmico. Desta forma, há a necessidade de se analisar e dirigir as IES no sentido de possibilitar a igualdade sob os mais variados contextos para que este indivíduo possa ser inserido no mercado de trabalho e assegurando o seu pleno direito à cidadania (BORGES et al., 2017).

Os debates envolvendo a inclusão no âmbito escolar de acordo com o movimento mundial a favor da inclusão de indivíduos com (NE) no país iniciaram, primeiramente, com o ensino fundamental e gradativamente, evoluiu para o (ES). Atualmente, esta preocupação fez com que várias IES tenham constituído comissões de acessibilidade para oferecer condições favoráveis para o ingresso e permanência de alunos com algum tipo de deficiência (OMOTE, 2016).

O incentivo à geração de conhecimento através de pesquisas é um dos principais papéis das (IES) juntamente com a conscientização do público universitário, acerca da importância de se valorizar o ser humano, incluindo aqueles com deficiências, contribuindo deste modo, para que eles possam ocupar seus lugares no seio da sociedade (PEREIRA et al., 2016).

De acordo com a política de inclusão do Brasil:

As discussões acerca da inclusão/acessibilidade ultrapassam a ideia de inclusão como sinônimo de respeito, tolerância e aceitação do outro, do outro que não é o mesmo. É um movimento que possibilita ao aluno perceber-se como pessoa que tem potencial para aprender, para participar da sociedade de acordo com suas capacidades. O papel social da educação superior na atualidade e a necessidade de que ela transcende aos limites de seu compromisso tradicional com a produção e disseminação do conhecimento ocupa lugar de destaque no debate acadêmico (LIRA, p. 3, 2014).

Deste modo, o governo brasileiro tem investido no aumento de oportunidades de acesso e de permanência das pessoas com deficiências no meio universitário (OMOTE, 2016).

Neste universo tem-se que:

A existência de cotas para estudantes com deficiência ou necessidades especiais e a disponibilização de recursos e condições para a realização do exame vestibular já fazem parte da política de muitas universidades brasileiras [...]. As universidades vêm oferecendo facilidades como bolsa tutoria, intérprete de Libras, recursos de tecnologia assistiva, textos com letras ampliadas ou em braile [...]. São também adotadas algumas providências como rampas ou elevadores, vagas para deficientes físicos nos estacionamentos, sinalização no piso, sinalização em braile, etc. (OMOTE, p. 211, 2016).

As práticas educacionais inclusivas apontam que a inclusão, no âmbito educacional, não diz respeito apenas ao estudante que necessita de um atendimento diferenciado, mas também no que tange ao posicionamento e procedimento das (IES). Tais fatores reivindicam um ensino baseado em “concepções e práticas pedagógicas mais evoluídas, acompanhando os avanços conceituais e teóricos advindos das teorias educacionais” (LIRA, p. 4, 2014).

Observa-se que é dever dos gestores das (IES) introduzir a educação inclusiva em seus Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI) e Projetos Pedagógicos de Curso (PPC), de acordo com o que diz a Política Nacional de Educação Especial (PNEE) na Perspectiva da Educação Inclusiva:

[...] planejando e promovendo as mudanças requeridas, como por exemplo, a organização e implementação de núcleos de acessibilidade para estudantes com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, em consonância com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, o Decreto de Acessibilidade (nº 5.296/2004) e demais dispositivos legais e políticos. Ainda, são fundamentais ações e programas que assegurem a transversalidade da educação especial na IES (BRASIL, 2013, p. 13).

Conforme o referencial de acessibilidade nas IES, tem-se que tanto para o professor, como para os gestores institucionais, é necessário que haja “um investimento sistemático e contínuo nos processos formativos, que deverão contemplar não só os conhecimentos técnicos acerca da educação especial e inclusiva, mas o compromisso político e ético com a educação como direito de todos” (BRASIL, 2013, p.13).

GESTÃO

Segundo a literatura científica, a inclusão para ser eficiente, deve passar pelo exercício da cidadania. Deste modo, o modo mais apropriado de promovê-la ocorre por meio de sua inserção no meio educacional e assim, “é primaz, assegurar que, neste recinto, os direitos das pessoas com deficiência sejam garantidos” (OLIVEIRA, p. 4, 2019).

Entretanto, tal acontecimento não ocorre de forma efetiva, embora tenha se buscado preencher essas lacunas através de ações que envolvem tanto a sociedade como a política e as ações de governos federais, estaduais e municipais, como por exemplo, a Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016, que trata da reserva de vagas para deficientes (OLIVEIRA, 2019).

Sendo assim, verifica-se que um dos principais desafios para os gestores de (IES) é saber lidar com estes problemas individuais e coletivos que acometem estas pessoas, já que as universidades retratam um dos pilares de uma sociedade democrática e transformadora (DINIZ, 2017).

Um dos pontos essenciais para a inserção de alunos com (NE) é a mudança junto à estrutura do local, como por exemplo, adaptar o ambiente para cadeirantes, facilitando o seu acesso à instituição (OLIVEIRA, 2019).

Neste universo, existe a necessidade de que a universidade esteja preparada para receber estes alunos e ciente de que a mudança não é somente de ordem infraestrutural, mas também pedagógica, de processos e de atendimento, ou seja, todos os aspectos que envolvem e

exige dos gestores uma visão holística e integralizada com os vários níveis de ensino (CAVALCANTI, 2014).

[...] os modos de realizar a inclusão tem ocorrido das mais diversas formas e o gestor escolar apresenta grande importância, sendo necessário que o mesmo busque uma atuação baseada na diversidade em consequência da liderança que exerce, pois todos que compõem este ambiente estarão seguindo e analisando suas ações. É importante salientar que o novo causa receios, e o gestor deve estar atento, encorajando todos os envolvidos para uma busca de novas práticas (CAVALCANTI, p. 1015, 2014).

Assim, é indiscutível que a inclusão de alunos com (NE) depende de todos, embora caiba aos gestores assumir atitudes que facilitem e façam acontecer um ambiente que possa facilitar a inclusão e integração dos estudantes com (NE).

FORMAÇÃO DOCENTE

No que diz respeito ao trabalho do docente, o seu propósito vai além do conhecimento, tendo em vista que o aluno é o foco central no processo de ensino aprendizagem. Devido a esta condição, a relação estabelecida entre o professor e seu trabalho é de natureza humana e, como tal, encontram-se sujeitas a interferências valorativas e idealizadas junto a um contexto de complexidade (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2014).

Assim sendo, observa-se que o trabalho do professor vem exercendo uma demanda que carece de investigação para que aponte quais são as transformações necessárias para a inserção de estudantes com (NE) em (IES) (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2014).

Nota-se que o ensino inclusivo tem ocasionado momentos de reflexão e de ansiedade para os professores, uma vez que depreende transformações, como por exemplo, nas partes curriculares e avaliativas, dentre outras. Neste patamar, se encontra o problema da formação docente para os docentes, que, muitas vezes, ficam sem saber como agir frente ao tipo de atendimento educacional que devem fornecer aos alunos com (NE), pois foram treinados, em sua grande maioria, para atender a estudantes sem esse tipo de problema. O jeito como deve ser o atendimento desses indivíduos é uma constante indagação, já que não é tarefa fácil o atendimento junto a um público tão diversificado (WELLICHAN e SOUZA, 2017).

Deste modo, a grande discussão se concentra no modo de pensar e de agir respeitando-se as particularidades de cada um e, consequentemente ser o menos excludente e discriminatório possível (WELLICHAN e SOUZA, 2017).

Segundo o governo federal, as (IES) constituem um papel de grande significância na proposta de ensino inclusivo, em razão de que “a formação e a capacitação docente impõem-se como meta principal a ser alcançada na concretização do sistema educacional que inclua a todos, verdadeiramente” (BRASIL, 1998).

Diante deste assunto tão polêmico, é importante que os pressupostos teóricos e políticos que comandam as (IES) sejam revistos e repensados levando-se em conta que tais indagações: quais são as dificuldades encontradas por estes alunos na aprendizagem, que adaptações são necessárias e onde encontrar recursos humanos e materiais necessários para a viabilização do presente processo? (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2014).

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, onde se coletaram informações por meio de leituras, análise sistemática e fichamento de obras literárias, revistas pedagógicas e demais documentos que sejam compatíveis com o assunto proposto.

Depois de realizado o levantamento bibliográfico, partiu-se para a análise dos documentos selecionados em busca de elementos que fossem de relevância para a elaboração da pesquisa e o fichamento de cada obra pesquisada.

Ressalta-se que as informações foram coletadas junto às fontes disponibilizadas no Google Acadêmico e *SciELO* através dos seguintes descritores: educação, inclusão, ensino superior e docente.

Quadro 1. Etapas do desenvolvimento do trabalho

Etapas	Desenvolvimento do Trabalho
1	Escolha do tema
2	Elaboração do plano de trabalho
3	Reconhecimento do conteúdo referente ao assunto pesquisado
4	Localização do material bibliográfico
5	Anotações dos dados referenciais em fichas
6	Análise dos dados coletados
7	Interpretação dos dados coletados
8	Redação

Fonte: Adaptado de Eco (2020).

Os descritores citados foram utilizados na busca junto às línguas portuguesa, inglesa e espanhola.

RESULTADOS

O estudo constatou a elaboração de conhecimentos identificados na literatura nacional e internacional acerca da inclusão em IES, no período de 2011 a 2021.

Os critérios de exclusão estabelecidos para assegurar a coerência com a pergunta da pesquisa foram os seguintes: publicações dos últimos 10 anos, artigos escritos nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola e abordagem envolvendo os descritores citados anteriormente.

A seguir, o Quadro 2 apresenta o processo de busca de dados para seleção dos artigos na base SciELO e no Google Acadêmico, com os descritores educação, inclusão, ensino superior e docente.

Quadro 2. Busca de artigos

Base de dados	Artigos encontrados	Artigos Duplicados	Artigos excluídos	Artigos selecionados
SciELO	11	2	7	4
Google Acadêmico	14	3	9	5
Total	25	5	16	9

Fonte: Autoria própria (2021).

Mediante a pesquisa na base de dados, utilizado o filtro, ou seja, os últimos 10 anos e línguas investigadas, observou-se um total de vinte e cinco (25) artigos. Foram excluídos dezesseis (16) artigos, tomando por base o critério de exclusão e artigos duplicados, logo a amostra ficou reduzida a nove (9) artigos.

DISCUSSÃO

A educação inclusiva na atualidade avança de diferentes formas, respaldando a igualdade e a diferença entre as pessoas (BORGES et al., 2017; LIRA, 2014).

Neste contexto, a inclusão de alunos com (NE) se apresenta como sendo um grande desafio para as (IES) e, assim, é de vital importância que sejam construídas estruturas e metodologias inclusivas que propiciem a estes indivíduos a aquisição de conhecimentos fundamentais para sua inserção no mercado de trabalho (DINIZ, 2017; LIRA, 2014).

Para tanto, faz-se necessário que as universidades, bem como seus gestores programem ações planejadas e adequadas que vislumbra um ensino de qualidade, oferecendo condições de acessibilidade igualitária ao conhecimento para que os alunos com (NE) possam

satisfazer suas necessidades de conhecimento (LIRA, 2014; NOGUEIRA e Nogueira, 2014; OLIVEIRA, 2019).

Percebe-se que os docentes devem lançar um olhar para a inclusão, não somente sob o viés da deficiência, mas também como alunos que estão no meio acadêmico para aprender, e querem ter suas individualidades e potencialidades contempladas (BORGES, 2017; NOGUEIRA e Nogueira, 2014).

Aos professores que atuam junto a alunos que se encontram em uma sala de aula inclusiva devem ser fornecidos cursos de capacitação e de formação para que eles possam adotar novas estratégias avaliativas e metodológicas que possam auxiliar o processo de ensino aprendizagem do aluno com (NE) (LIRA, 2014; noqueira E noqueira, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que as exigências envolvendo a educação inclusiva nas (IES) são muitas e que não basta somente a boa vontade de algumas pessoas, tendo em vista que o processo de inclusão exige rupturas e demanda alternativas exequíveis, uma vez que todas as pessoas têm o direito de alcançarem seus objetivos. Entretanto, para que tal fato se suceda, percebe-se, urgentemente, a necessidade de uma política voltada para este tipo de educação.

Neste cenário, são necessárias investigações acerca de informações que possam auxiliar tanto o aluno com (NE) como seus professores, oferecendo cursos de formação que os capacitem para o atendimento com diferentes indivíduos, aceitando a capacidade e o modo de ser de cada um.

REFERÊNCIAS

- BORGES, M. L.; MARTINS, M. H.; GONÇALVES, T. et al. Desafios institucionais à inclusão de estudantes com Necessidades Educativas Especiais no Ensino Superior. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 30, n. 2, p. 7-31, 2017.
- CAVALCANTI, A. V. O papel do gestor escolar no processo de inclusão. *Colloquium Humanarum*, v. 11, n. Especial, p. 1014-1021, jul./ dez. 2014.
- DINIZ, M. Inclusão de pessoas com deficiência e/ou necessidades específicas: Avanços e desafios. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- INEP- BRASIL. Referenciais de Acessibilidade na Educação Superior e a Avaliação in loco do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), 2013. Disponível em <https://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_institucional/documentos_orientadores/2016/documento_orientador_em_acessibilidade_avaliacao_institucional.pdf>. Acesso em 28 out. 2021.
- LIRA, D. Acessibilidade na educação superior: novos desafios para as universidades. X ANPED SUL, Florianópolis, p. 1-16, out. 2014.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO (MEC). Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial. Parâmetros curriculares nacionais: Adaptações Curriculares. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/serie4.pdf>>. Acesso em 29 out. 2021.
- NOGUEIRA, L. F. Z.; NOGUEIRA. Inclusão de deficientes no ensino superior: o trabalho docente frente ao processo de inclusão. *Quaestio*, v. 16, n. 2, p. 433-449, nov. 2014.
- OLIVEIRA, J. Análise da produção científica com a temática inclusão no ensino superior: reflexões sobre artigos publicados no período de 2016 a novembro de 2018. *Revista Educação Especial*, v. 32, p. 1-28, 2019.
- OMOTE, S. Atitudes em relação ao ensino superior. *Journal of Research in Special Educational Need*, v. 16, n. 1, p. 211-215, 2016.
- PEREIRA, R. R.; SILVA, S. S. C.; RAMOS, M. F. H. et al. Inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior: uma revisão sistemática. *Revista Educação Especial*, v. 29, n. 54, p. 147-160, jan./abr. 2016.
- PRANDI, L. R.; FARIA, W. F.; BASSO, L. O. et al. Inclusão educacional no ensino superior: principais desafios e perspectivas contemporâneas em educação. *Akrópolis, Umuarama*, v. 20, n. 2, p. 113-123, abr./jun. 2012.

**FAKE NEWS: DISCURSOS E NARRATIVAS COM RELAÇÃO À
DESINFORMAÇÃO PROPOSTAS POR NOTÍCIAS**
**FAKE NEWS: DISCOURSES AND NARRATIVES REGARDING DISINFORMATION
PROPOSED BY NEWS**
**FAKE NEWS: DISCURSOS Y NARRATIVAS SOBRE LA DESINFORMACIÓN
PROPUESTAS POR NEWS**

João Paulo da Luz Rosa
whitemanson@hotmail.com

Samuel de Oliveira Nicolau
consultoriosamuelnicolau@outlook.com

ROSA, João Paulo da Luz. NICOLAU, Samuel de Oliveira. **Fake News: Discursos e narrativas com relação à desinformação propostas por notícias**. Revista International Integralize Scientific, Ed.10, n.1, p. 35-41, abril/2022. ISSN/2675-5203.

RESUMO

Com a expansão da internet, o mundo contemporâneo está cada vez mais conectado e como consequência, as informações chegam do outro lado do mundo no mesmo instante que acontecem. As Fake News podem ser produzidas e disseminadas por pessoas e quando são disseminadas por Bots pela internet tomam proporções inimagináveis. Dessa forma, refletiremos ao longo do artigo por meio de revisão literária, como as pessoas podem explicar e reproduzem informações e ou desinformações a partir das Fake News e como isso pode influenciar suas percepções na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Fake. News. Internet. Informação. Desinformação.

ABSTRACT

With the expansion of the internet, the contemporary world is increasingly connected and as a consequence, information arrives on the other side of the world at the same moment it happens. Fake News can be produced and disseminated by people and when they are disseminated by Bots on the internet they take unimaginable proportions. In this way, we will reflect throughout the article through literary review, how people can explain and reproduce information and/or misinformation from Fake News and how this can influence their perceptions in contemporary times.

Keywords: Fake. News. Internet. Information. Misinformation.

ABSTRACTO

Con la expansión de internet, el mundo contemporáneo está cada vez más conectado y como consecuencia, la información llega al otro lado del mundo en el mismo momento en que sucede. Las Fake News pueden ser producidas y difundidas por personas y cuando son difundidas por Bots en internet toman proporciones inimaginables. De esta forma, reflexionaremos a lo largo del artículo a través de la revisión literaria, cómo las personas pueden explicar y reproducir información y/o desinformación de Fake News y cómo esto puede influir en sus percepciones en la época contemporánea.

Palabras clave: falso. Noticias. Internet. Información. Desinformación.

INTRODUÇÃO

Com a expansão da internet, o mundo contemporâneo está cada vez mais conectado e como consequência, as informações chegam do outro lado do mundo no mesmo instante que acontecem. A sociedade atual é extenuada por todos os lados com informações por computadores, celulares, tablets, televisão, rádio e aplicativos.

De acordo com Capurro e Hjørland (2007), após a Segunda Guerra Mundial a informação como conhecimento comunicado tomou proporções centrais no mundo contemporâneo. Essas informações ganharam velocidade com o advento da internet. A internet

está disponível para usuários no Brasil a partir de maio de 1995 (BISNETO, 2003) e gradativamente alcança proporções nunca vistas anteriormente. Temos uma ideia da quantidade de aparelhos conectados na internet através da tecnologia do IP (Internet Protocol). Estamos em transição da versão 4 para a 6, a versão 4 é uma sequência de 4 blocos de números de 3 algarismos. (Exemplo: 192.168.001.001). Com isso temos atualmente um total de 4294967296 endereços de IP exclusivos (BRITO, 2018).

Como a demanda aumentou com geladeiras, televisores, celulares, microondas e outros aparelhos ligados à internet, precisamos de mais endereços de IP. Atualmente temos a versão IPv6 com um número absurdo de possibilidades entre números e letras, para que não aconteça o mesmo com a versão 4. Como o IPv6 tem 8 grupos com 4 dígitos cada entre números e letras, podemos calcular o número de 340 undecilhões ou $3,4 \times 10^{38}$ sextilhões de endereços (BRITO, 2018) do novo protocolo. É um número absurdamente maior que o anterior e se faz necessário pela quantidade de aparelhos conectados em simultâneo, na rede mundial de computadores.

Esse é um exemplo da quantidade de aparelhos que estão ativos e que podem ser ativados no mundo contemporâneo. Com isso a informação tomou alcance inimaginável a 100 anos e uma velocidade nunca vista anteriormente. A troca de informação entre países é em tempo real, pessoas conversam em aplicativos de redes sociais a distâncias continentais (GUIMARÃES; MEDEIROS, 2005). Para os autores ainda, com essa rapidez de desenvolvimento e popularização das tecnologias digitais, houve diversos tipos de benefícios para a humanidade, dentre eles a facilitação da comunicação, a produção de conteúdo, as redes sociais e tantos outros benefícios.

Com o avanço tecnológico, expansão das redes sociais e meios de informação em alargamento acelerado, as informações que recebemos podem ser verdadeiras ou falsas (GALHARDI, 2020).

INFORMAÇÃO X DESINFORMAÇÃO

De forma incipiente, introduziremos neste artigo o que é uma informação e uma desinformação. Dessa forma, questionamos ao longo do trabalho por meio de revisão literária, como as pessoas podem interpretar e reproduzem informações a partir das Fake News e como isso pode influenciar suas percepções no cotidiano.

A capacidade do indivíduo em se expressar e receber informações dentro dos seus direitos individuais é garantido pelos direitos da democracia no seu artigo 5º da Constituição Brasileira de 1988. A educação garantida no artigo 205 da mesma Constituição de 1988 avaliza os direitos à educação dos indivíduos e a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, 2018) norteia o direcionamento do conteúdo que os discentes devem aprender em seu tempo escolar.

A BNCC também propõe que os estudantes saibam expressar e compartilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BRASIL, 2018). A educação é garantida pela constituição federal para o exercício pleno da cidadania dentro da democracia e assim contribuir para o desenvolvimento da sociedade como um todo (BRASIL, 1988).

Para Freire (1996) não há neutralidade na educação, educar é um ato político e omitir a dimensão política da educação é tomar posição política: a de alienar. A educação não está

desvinculada do mundo, as narrativas sociais fazem parte da compreensão do mundo e uma das formas de ser sustentado é através da democracia.

Quando há uma “quebra” dessas narrativas, no sentido de criar um ambiente de informações falsas e ou duvidosas, a democracia corre risco junto com a sociedade. Para Schilling e Angelucci (2016) a escola é um local social que reproduz as narrativas da ciência em conjunto com as narrativas sociais dos discentes e docentes. Essas narrativas expressam e refletem a construção da sociedade, criando uma “disputa” de narrativas complementares para o desenvolvimento da nação democrática.

Para Oliveira (2020) a ciência passa por uma crise no momento pós-modernista, sendo questionada pela sociedade. Para Signates (2012) a ciência não consegue atender a algumas das mais caras promessas da modernidade: a da justiça social, a da construção ética e a da solidariedade, racionalmente fundamentadas. Esse descrédito das ciências em conjunto com a rapidez e o volume de informação que as pessoas são submetidas no mundo contemporâneo é propício para a propagação de notícias falsas e/ou duvidosas.

Que há desinformação no mundo, isso é notório, podemos observar a tentativa de disseminar notícias falsas na sociedade há muitos séculos. De acordo com Karnal (2019) no século XVI em 1522 na eleição do próximo Papa houve a produção de textos difamatórios em forma de poemas contra os candidatos. Na contemporaneidade observamos uma nova palavra para designar a disseminação de notícias falsas: “FAKE NEWS”. Em 2016 nas eleições presidenciais norte-americanas a palavra Fake News tomou maior proporção (BRISOLA; BEZERRA, 2018). A palavra Fake News de acordo com Quandt (2019) tomou proporções mundiais para designar a desinformação, manipulação, falsidade, rumores, e teorias da conspiração.

Há indivíduos mais passíveis de acreditar em notícias falsas, quando essas correspondem com suas ideologias pessoais (DE SOUSA JÚNIOR, 2020). Isso é prejudicial para o mundo, no sentido que a desinformação passa uma possibilidade errada de uma situação que pode ser de interesse de uma e/ou de algumas pessoas. Apesar de as notícias produzidas serem um fenômeno antigo, a disseminação das redes sociais online e a cultura de partilha abrem margem para que a desinformação alcance um novo patamar (DELMAZO; VALENTE, 2018).

No Brasil foi identificado por NETO (2020) no banco de dados do Ministério da Saúde, no período de 29 de janeiro a 31 de março de 2020, 70 registros de Fake News. De janeiro a junho de 2020 foram identificados 329 Fake News sobre a pandemia de COVID-19 (DE BARCELOS, 2021).

Com a troca de informação rápida e com maior alcance pela internet, ficou mais fácil encontrar pessoas com pensamentos parecidos com os quais nos identificamos. Isso facilita a propagação de informações, sejam elas falsas ou verdadeiras.

Identificamos hoje na internet as bolhas de informação/filtro (câmara de eco), elas têm como objetivo colocar as pessoas em um ciclo de informação, ou seja, aquela informação mais acessada aparece para o leitor, temas parecidos e próximos, durante todo o seu acesso.

Há modelos matemáticos e discursos matemáticos utilizados em ambientes virtuais de comunicação que podem ser responsáveis por esconder a ação humana em decisões da sociedade. De acordo com Pedrosa (2021) esse algoritmo e a bolha de filtros interferem na liberdade de informação dos usuários, criando uma situação cíclica de informação. Essas bolhas

impossibilitam, muitas vezes, que o leitor consiga acessar outras informações e um dos objetivos dessas bolhas é manter as visualizações das pessoas, pois as mesmas podem ser monetizadas. O YouTube, por exemplo, paga entre US\$ 0,60 e US\$ 5 a cada mil visualizações de conteúdo. Uma notícia falsa replicada por milhões de usuários pode passar uma falsa sensação de veracidade, levando as empresas a faturarem muito dinheiro com essa propagação.

Pensando que as notícias falsas estão tomando proporções globais e disseminando erros, crenças errôneas, atrapalhando o desenvolvimento da humanidade, a escola é um local que pode estar sendo danificado por essas notícias falsas e pode atrapalhar o desenvolvimento educacional dos discentes e da sociedade como um todo.

Podemos observar que existem poucas pesquisas voltadas a entender esse “fenômeno” das Fake News com a utilização da matemática e nenhuma em educação matemática com discentes. É preocupante ver tantas notícias falsas circulando com o uso da matemática, para tentar dar veracidade às Fake News, em nosso cotidiano. É interessante e importante tentar captar os discursos que estão por trás dessa dinâmica de comunicação, e identificar se o uso da matemática contribui para o fortalecimento e propagação das crenças desses discentes.

A seguir, discutiremos com alguns referenciais e, após, deliberaremos, inicialmente, esses e outros conceitos importantes.

PÓS VERDADE E FAKE NEWS

Refletiremos sobre as contribuições que alguns trabalhos podem nos proporcionar neste momento inicial e tentaremos alinhar essas ideias visando apoiar o que está sendo proposto.

Hoje além das Fake News é importante pensar sobre a “pós-verdade”, termo esse que ganhou visibilidade quando The Oxford English Dictionary a classificou como a palavra do ano (FULLER, 2018). Esse termo tenta definir de certa forma a preferência das pessoas em reproduzir alguma informação que seja pertinente à sua própria forma de pensar. Safatle (2018) diz que a Pós-verdade é a circunstância em que a opinião das pessoas é formulada não por meio de fatos objetivos, em análise crítica ou reflexões, mas sobretudo é fundamentada principalmente nas crenças pessoais.

Para Altoé (2021) foi a partir do pós-modernismo que se iniciou a desconstrução da razão e da verdade, das metas-narrativas e a desconfiança do conhecimento científico. Nesse mundo globalizado o pós-modernismo é tratado por diversos autores, dentre eles destaco Zygmunt Bauman que trata do tema como “modernidade líquida” e Stuart Hall como “modernidade tardia”.

Nesse novo momento da sociedade, as informações são rápidas e as pessoas estão acreditando naquilo que querem e acreditam ser mais cômodo para si. A expressão pós-verdade dialoga com essa pós-modernidade, pois a pós-verdade é um indicador da pós-modernidade. A pós-verdade pode ser pensada ainda como um “comodismo” em relação a uma informação: talvez a pessoa confie naquelas pessoas que estão divulgando uma notícia mais próxima daquilo que pensa e/ou justificar seus pensamentos, logo as reproduzem como verdade.

Os veículos de informação trabalham com essa credibilidade da informação há muito tempo, levando ao consumidor da notícia uma sensação de certeza e veracidade. Mas, infelizmente com o novo momento da pós-modernidade e pós-verdade, as pessoas podem

desconfiar a todo momento da informação passada pela rede de comunicação. O consumidor coloca em “xeque” a veracidade da notícia baseada em suas crenças e no seu subjetivismo.

As Fake News aparecem nesse cenário mundial de pós-modernidade aproveitando o momento de pós-verdade da sociedade, criando informações manipuladas que se aproximam das crenças individuais e/ou coletivas. Essas Fake News podem ser produzidas e disseminadas por pessoas e quando são disseminadas por Bots pela internet tomam proporções inimagináveis como descrita na introdução deste artigo. Há uma combinação entre a produção da mente humana com os algoritmos desses robôs (ALZAMORA E ANDRADE, 2019). As pessoas acabam sendo bombardeadas com um volume imenso de informação em seus artefatos tecnológicos por conta desses bots.

Uma informação contrária pode ser de muito incômodo às pessoas, tirando-as de suas zonas de conforto e possivelmente levando ao sofrimento. Já a crença “acalma” o indivíduo, admitindo-o em uma zona de conforto em relação aquilo que ele acredita. As crenças são ideias nas quais acreditamos, e como consequência se tornam as verdades que nos regem. As crenças podem ser reproduzidas de acordo com Cozby (2003) e Kantowitz (2006) pelos métodos da tenacidade (1), método da autoridade (2), método da “a-priori” (3) e o método científico (4).

“O método da Tenacidade (1) é aquele obtido pelo indivíduo recusando firmemente a alterar seu conhecimento adquirido, mesmo exposto a provas contrárias. O método da autoridade (2) é a forma mais simples de estabelecer uma crença, seria acreditando em alguém, em uma autoridade com propriedades para saber o que é verdadeiro ou falso. Exemplo desse método é a forma como a religião estabelece suas crenças. O método dá a-priori (3) é o método em que se acredita sem análise, contanto que pareça razoável, e é uma extensão do método de autoridade. O conhecimento científico (4) é passageiro e inacabado – a cada passo que damos adiante, estamos um passo a mais distantes da ignorância anterior, o que é um estado de ignorância melhor e que nos coloca em exposição a um novo conjunto de perguntas, nos forçando a buscar um novo conjunto de respostas e de formas de respondê-las”.

Podemos perceber que muitas vezes a matemática é utilizada para dar credibilidade a uma informação. A matemática é usada como um fortalecimento dos discursos e narrativas na sociedade e aproveitada na propagação das Fake News; podemos observar diversas postagens na internet utilizando a linguagem matemática para passar credibilidade de uma notícia e/ou informação. A matemática crítica deve ser usada como ferramenta para o fortalecimento da democracia (SKOVSMOSE; VALERO, 2001).

A matemática pode ser utilizada nas Fake News para propagar uma informação que seja interessante para um determinado grupo, seja essa informação parcial ou totalmente manipulada, sempre visando danos e finalidades lucrativas. São notícias fabricadas, às vezes com atributos jornalísticos e características de manipulação da verdade e seu alcance pode afetar a democracia.

Os livros “Como mentir com Estatística” (Darrel Huff) e “Os números (não) mentem” (Charles Sife), são exemplos de como a matemática é utilizada há anos para dar credibilidade à uma informação falsa e levar as pessoas a pensarem sobre a óptica específica. As Fakes News

fazem o mesmo: manipulam uma informação ou parte dela para levar as pessoas a pensarem sobre uma determinada óptica.

As pessoas aproveitam esse momento de pós-verdade da sociedade para propagar as Fake News com diversos propósitos, dentre eles o viés financeiro, ideológico, crenças e utilizando a velocidade da internet com seus algoritmos e bots para atingirem mais público e em maior velocidade.

A escola que está no estado democrático corre riscos assim como toda a sociedade com essas notícias falsas que são propagadas em velocidades absurdas.

REFERÊNCIAS

- ALTOÉ, T. F. O fenômeno da pós-verdade no mundo contemporâneo, 2021.
- ALZAMORA, G.; ANDRADE, L. A dinâmica transmídia de fake news: interações sociais em torno da concepção pragmática de verdade. *Matrizes*, São Paulo, v. 13, n.1, p. 109–131, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p109-131> Acesso em: 14 mar. 2021
- BISNETO, P. L. O. C. A História da Internet, 2003.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília, DF, 2018.
- BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. Desinformação e Circulação de “Fake News”: distinções, diagnóstico e reação, 2018.
- BRITO, S. H. B. IPv6-O novo protocolo da Internet. Novatec Editora, 2018.
- CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. *Perspectivas em ciência da informação*, 2007.
- COZBY, P. C. Métodos de pesquisa em ciências do comportamento, 2003.
- DE BARCELOS, T. N. et al. Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, 2021.
- DE SOUSA JÚNIOR, J. H. et al. Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil, 2020.
- DELMAZO, C.; VALENTE, J. C.L.. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação embuscadecliques. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622018000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, 1996.
- FULLER, S. Post truth knowledge as a power game: Anthem Press, 2018.
- GALHARDI, C. P. et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil, 2020.
- GUIMARÃES, T. A.; MEDEIROS, P. H. R. A relação entre governo eletrônico e governança eletrônica no governo federal brasileiro, 2005.
- KANTOWITZ, B. H., Elmes, D. G. e ROEDIGER, H. L. *Psicologia Experimental: Psicologia para compreender a pesquisa em psicologia*, 2006.
- NETO, M. et al. Fake News no cenário da pandemia de Covid-19, 2020.
- OLIVEIRA, T. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais, 2020.
- PEDROSA, C. B.; JÚNIOR, J. A. O. B. Algoritmos, bolha informacional e mídias sociais: desafios para as eleições na era da sociedade da informação, 2021.
- QUANDT, T. et al. Fake news. *The international encyclopedia of journalism studies*, 2019.
- SAFATLE, V. Ética e pós-verdade, 2018.
- SCHILLING, F.; ANGELUCCI, C. B. Conflitos, violências, injustiças na escola? Caminhos possíveis para uma escola justa, 2016.
- SIGNATES, L. Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação, 2012.
- SKOVSMOSE, O.; VALERO, P. Breaking political neutrality: The critical engagement of mathematics education with democracy. In: BILL, A.; FORGASZ, H.; NEBRES, B. (ed.). *Sociocultural research on mathematics education: An international perspective*. Mahwah: Routledge, 2001.

**MEDIAÇÃO DE CONFLITOS: UM ESTUDO DAS CONTRIBUIÇÕES DA
PSICOLOGIA ANALÍTICA**
**CONFLICT MEDIATION: A STUDY OF THE CONTRIBUTIONS OF ANALYTICAL
PSYCHOLOGY**
**MEDIACIÓN DE CONFLICTOS: UN ESTUDIO DE LOS APORTES DE LA
PSICOLOGÍA ANALÍTICA**

Jorge Guilherme Ramos Santos
psijorgeramos@gmail.com

SANTOS, Jorge Guilherme Ramos. **Mediação de conflitos: Um estudo das contribuições da psicologia analítica**. Revista International Integralize Scientific, Ed.10, n.1, p. 42-51, abril/2022. ISSN/2675-5203.

RESUMO

Por vários anos, psicólogos e outros cientistas comportamentais contribuíram com conceitos e métodos de pesquisa para investigar a natureza do conflito e maneiras de lidar com os conflitos de maneiras mais construtivas e menos onerosas. Este artigo apresenta uma indicação das principais questões de pesquisa abordadas na literatura da psicologia analítica relacionadas à resolução de conflitos, bem como uma perspectiva histórica para ver quais avanços foram feitos nessa área. Destacado na conclusão de uma seção sobre temas contemporâneos em estudos de conflito é a consideração sobre a resolução de conflitos e a superação da opressão. Assim, oferece uma avaliação do progresso até agora nos domínios metodológico, conceitual, empírico e tecnológico no estudo psicológico social do conflito.

Palavras chave: Conflito. Escalação. Confiar. Reenquadramento. Racionalidade.

ABSTRACT

For several years, psychologists and other behavioral scientists have contributed concepts and research methods to investigate the nature of conflict and ways to deal with conflict in more constructive and less burdensome ways. This article presents an indication of the main research questions addressed in the analytical psychology literature related to conflict resolution, as well as a historical perspective to see what advances have been made in this area. Highlighted at the conclusion of a section on contemporary themes in conflict studies is a consideration of conflict resolution and overcoming oppression. Thus, it offers an assessment of progress to date in the methodological, conceptual, empirical, and technological domains in the social psychological study of conflict.

Keywords: Conflict. Escalation. Trust. Reframing. Rationality.

ABSTRACTO

Durante varios años, los psicólogos y otros científicos del comportamiento han contribuido con conceptos y métodos de investigación para investigar la naturaleza del conflicto y las formas de abordar el conflicto de manera más constructiva y menos onerosa. Este artículo presenta una indicación de las principales preguntas de investigación abordadas en la literatura de psicología analítica relacionadas con la resolución de conflictos, así como una perspectiva histórica para ver qué avances se han hecho en esta área. Al final de una sección sobre temas contemporáneos en los estudios de conflictos, se destaca una consideración de la resolución de conflictos y la superación de la opresión. Por lo tanto, ofrece una evaluación del progreso hasta la fecha en los dominios metodológicos, conceptuales, empíricos y tecnológicos en el estudio psicológico social del conflicto.

Palabras clave: Conflicto. Escalada. Confianza. Reencuadre. Racionalidad.

INTRODUÇÃO

O relacionamento interpessoal requer competências sofisticadas de convivência. No entanto, a disponibilidade de ferramentas de treinamento para desenvolver habilidades de gerenciamento de conflitos é limitada e problemática. Os conflitos podem custar caro, como nas guerras destrutivas, embora às vezes proporcionem benefícios sociais e pessoais, como invenções e novas estruturas sociais.

Em alguns ambientes, os conflitos aumentam, às vezes com força explosiva. Os psicólogos desenvolveram táticas e estratégias para descrever e lidar com os processos envolvidos, a escalada de conflitos em violência, e sua degradação por meio de negociação e mediação em resolução mutuamente satisfatória. A negociação pode revelar-se uma forma eficaz de interromper ou resolver disputas para a satisfação mútua das partes por meio de discussão e concessões recíprocas entre adversários.

Enquanto a existência de um inconsciente no sentido psicanalítico foi negada pela psicologia acadêmica durante décadas, atualmente a situação mudou consideravelmente. Mesmo na psicologia cognitiva contemporânea, a existência de processos mentais inconscientes não é mais negada. As neurociências foram, em grande parte, as responsáveis por esse desenvolvimento.

Os conflitos são uma realidade da vida em sociedade. com efeito, onde existem dois indivíduos interagindo entre si, existe o risco de conflito de interesses ou, pelo menos, a percepção de interesses divergentes e, conseqüentemente, existe a possibilidade de um conflito emergente. Isso é especialmente verdadeiro em grandes organizações nas quais ainda persiste um certo grau de hierarquia, portanto, algum grau de subordinação e controle, apesar dos novos projetos organizacionais que favorecem o achatamento da linha de autoridade.

Este artigo apresenta uma indicação das principais questões de pesquisa abordadas na literatura da psicologia analítica relacionadas à resolução de conflitos, bem como uma perspectiva histórica para ver quais avanços foram feitos nessa área. Assim, oferece uma avaliação do progresso até agora nos domínios metodológico, conceitual, empírico e estudo psicológico do conflito.

Os psicólogos estudaram conceitos como racionalidade, enquadramento, desconfiança e confiança, todos relacionados à negociação, mediação e formas relacionadas de resolução de conflitos. A racionalidade, que pode contribuir para a resolução de conflitos, vem em diferentes formas, desde a otimização até a "satisfação". Essa pesquisa tem como problemática identificar quais os elementos influenciam as decisões quando da resolução dos conflitos. A confiança e a desconfiança podem ser fatores cruciais na resolução de conflitos. A resolução eficaz de conflitos pode contribuir para a produção e manutenção da paz, portanto, para a melhoria da qualidade de vida.

Essa pesquisa é caracterizada como uma revisão bibliográfica que foi realizada mediante um estudo exploratório em que os dados foram obtidos a partir da utilização de descritores. Após selecionados, estes foram examinados de forma qualitativa e estruturação da pesquisa ocorreu como decorrência do método dedutivo.

A análise de mediação tornou-se uma abordagem muito popular em psicologia e está associada a múltiplas perspectivas que frequentemente estão em conflito, muitas vezes implicitamente. Discutir explicitamente essas perspectivas e suas motivações, vantagens e desvantagens pode ajudar a esclarecer as conversas e pesquisas sobre o uso e o refinamento dos modelos de mediação. Assim, essa pesquisa se faz justificável

CONFLITOS COMO DECORRÊNCIA DAS RELAÇÕES HUMANAS

A negociação é a forma mais importante de resolução de problemas e conflitos, pois esse processo faz parte de praticamente todos os aspectos da vida cotidiana, seja individual, interpessoal, familiar, grupal, social, profissional, intercultural, nacional e internacional. Cabe

esclarecer que a negociação é um processo de interação entre indivíduos cujo objetivo é resolver seus conflitos.

Para Silva (2003), o conflito foi concebido como uma culpa, um jugo ou um recurso. As diferentes concepções de conflito estão ancoradas nas diferentes concepções possíveis de organização. Dependendo de como se pretende, as competências organizacionais para a gestão de conflitos requerem espaço pela lógica da supressão, da evitação, até a lógica da gestão que vê o conflito como recurso do sistema social.

Para o autor, o conflito é entendido como sinal de mau funcionamento social, execução incorreta humana e culpa individual, pois é fruto de uma má articulação entre o indivíduo e o sistema pré-definido. Essa perspectiva organizacional representa o conflito como não tolerável, e que se espera que seja suprimido: dessa forma, favorece a referência ao estereótipo individualista na descrição das competências de gestão de conflitos.

Robbins (2010), por sua vez, considera que o conflito tem sido concebido como parte constituinte do sistema social, conceituado como um processo em movimento. O conflito representa a tensão irreduzível entre as diferentes dimensões organizacionais. Essa perspectiva enfatiza a necessidade de competências organizacionais para se manter em movimento entre as diferenças e, em particular, na gestão de conflitos. Nessa concepção, o conflito é um recurso, pois permite solicitar a imaginação, movimentar o status quo e ativar a inovação na organização.

Conforme Tavares (2002), os conflitos geralmente são o produto de um elemento adicional - algo que as pessoas pensam ou sentem, mas não dizem diretamente. Todos os indivíduos que trabalham ou moram juntos podem ter pensamentos ou sentimentos de mágoa, perda, traição, culpa ou raiva uns dos outros em algum momento. Para o autor, a própria natureza do conflito é descrita como 'subjetiva, instável, reativa, complicada e incompleta', mas o desacordo ou a tensão entre as pessoas nem sempre levam ao conflito.

Tavares (2002) considera que os conflitos geralmente se desenvolvem por um processo de nomeação, acusação e reclamação. A nomeação ocorre quando um indivíduo percebe uma situação como prejudicial. A culpa transparece quando o indivíduo identifica outras partes no evento prejudicial. Por fim, a reclamação ocorre quando o indivíduo busca a parte ou organização responsável pela reparação ou restituição.

Para Muszkat (2003), os indivíduos, grupos e instituições e até sociedades inteiras perdem tempo, dinheiro e energia valiosos ao se proteger contra riscos de segurança, regulamentar conflitos políticos, fechar negócios ou divorciar-se de seu namorado do colégio. Esse ainda aponta que grandes conflitos varrem o Oriente Médio e a África, com milhões de mortos coletivamente.

Muszkat (2003) lembra que na indústria, aquisições hostis e fusões mal executadas mais frequentemente destroem em vez de criar valor para o acionista e cerca de 10% de todos os divórcios envolve processos judiciais e litígios que abrangem anos e ex-sócios fiscais e seus filhos tanto, financeira quanto emocionalmente.

Para esse autor, em muitos casos, regulamentar o conflito de maneira construtiva pode reduzir substancialmente o desperdício de tempo, dinheiro e energia. Muszkat (2003) aponta que há décadas de trabalho em ciências sociopsicológicas e de decisão revelam como compensar esse desperdício e como os indivíduos e seus grupos podem criar, em vez de destruir, valor em conflitos e negociações.

Alguns desses danos, é possível verificar no Quadro 01 conforme leciona Schneider (2007):

Quadro 01 – Custo de conflito

Direto	Indireto
Custos de litúgio	Moral da equipe diminuída
Perdas de produtividade de gestão	Diminuição da satisfação do paciente
Custos de pessoal de rotatividade	Redução da reputação organizacional e da coesão
Reivindicações de licença por deficiência ou estresse	Custos emocionais dos envolvidos
Sabotagem, roubo, dano	Sinergia perdida, colaboração per

Fonte: Schneider (2007).

Ainda para o autor, esse conhecimento poderia equipar políticos e diplomatas, líderes e funcionários, e pais, e seus filhos para regular suas disputas. Esses poderiam negociar acordos de forma a usar, em vez de desperdiçar, seus talentos e faculdades para benefício mútuo.

Para Schneider (2007) aponta as fontes de conflito expostas no Quadro 02:

Quadro 02 - As 5 fontes de conflito de Bernard Mayer

1. Comunicação	Imperfeição do envio ou recebimento de uma mensagem
2. Emoções	Raiva e ciúme podem iniciar / aumentar o conflito
3. Valores	Valores diferentes entre os indivíduos podem levar a conflitos
4. Estrutura	Fatores externos que fazem a estrutura do conflito (por exemplo, ambiente físico de trabalho, recursos, etc.)
5. História	Histórico das partes envolvidas no conflito

Fonte: Schneider (2007).

Nesse sentido, Schneider (2007) compreende que a emoção é uma característica central de qualquer conflito, e os conflitos são frequentemente vistos como irracionais com base no sentimento emocional de indignação ou ultraje de cada uma das partes. Para o autor, as pessoas tendem a pensar em termos de razão e lógica versus emoção. Esses isolam a razão da emoção em sua análise de conflito e tomada de decisão, quando, na verdade, as duas estão mais profundamente conectadas.

Schneider (2007) ainda compreendem que emoção pode ser uma fonte direta de força e energia. Por exemplo, a raiva pode mobilizar indivíduos ou grupos como uma força produtiva para a mudança (por exemplo, os direitos civis e os movimentos pelos direitos das mulheres). No entanto, a expressão da emoção pode ser contraproducente ou destrutiva, ferindo outras pessoas.

Santos (2021) nos lembra que embora possamos ter noções de nossas emoções, temos um aspecto inconsciente e este poderá estar carregado de projeções e emoções que reconhecemos no outro, porém negamos em nós mesmo, falamos do conceito de sombra que pode ser tanto individual como coletiva.

Schneider (2007) considera que as emoções são contagiosas. Na presença de raiva, é importante discernir um sinal de mudança ou de luta pelo poder. A maneira como expressamos emoções tem implicações para os processos e resultados de mediação e resolução de conflitos. Para esse autor, nossa capacidade de reconhecer nossa emoção no meio do conflito aumenta nossa capacidade de "reflexão em ação" - a capacidade de combinar informações cognitivas e emocionais no momento. Essa capacidade pode ser aproveitada para produzir alianças em torno de um problema comum.

Muszkat (2003) aponta que o conflito é frequentemente visto como uma condição negativa com sua carga de desvantagens e custos, mas também pode proporcionar uma experiência positiva e uma oportunidade para a identificação de um problema e a consolidação da relação entre os indivíduos / grupos participantes na busca de uma solução compartilhada. O crescimento e a mudança positiva são alcançáveis com uma boa liderança e uma abordagem racional para a resolução de conflitos.

Nesse contexto, Santos (2021) aponta que a complexa mistura de competências exigidas de alguém habilitado a ser mediador implica um alto grau de autoconsciência pessoal e profissional e investimento na promoção de uma interação efetiva com os outros. Os profissionais podem aprender a se equipar com essas habilidades interpessoais críticas para gerenciar de forma independente seus próprios conflitos ou possíveis intervenções de terceiros. Para esse autor, o reconhecimento de sua própria sombra facilita a discernir o reconhecimento de outrem.

Cada conflito requer uma solução única devido às características únicas de cada participante, mas podemos aprimorar nossas habilidades de mediação com a prática. Schneider (2007) lembra que quer estejamos participando como mediadores em uma tríade ou como membros de uma díade com colegas, amigos, clientes ou membros da família, precisamos desenvolver a capacidade e a confiança em nossas próprias habilidades de mediação.

Assim, esse autor considera que os princípios de mediação e comunicação eficaz podem não apenas promover a resiliência individual na abordagem e abordagem de questões de conflito pessoal e profissional, mas também construir confiança e competência em interações produtivas e ter implicações importantes para comunidades de prática mais fortes.

Diante disso, Silva (2004) propõe que a mediação de conflitos implica a aplicação de princípios e técnicas estabelecidas que visam resolver as divergências que surgem entre as partes, sem necessidade de aplicação de sanções ou medidas punitivas, que se mostraram pouco ou nada eficazes

NEGOCIAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

Embora o conflito não possa ser evitado, ele pode ser gerenciado. Como o conflito sempre estará presente em nível individual e organizacional, é importante desenvolver as habilidades para gerenciar adequadamente uma conversa ou interação difícil. Para Robbins (2010), as habilidades necessárias podem ser adquiridas; eles acreditam que a competência de conflito pode ser definida e apreendida. Uma definição de competência de conflito é “a

capacidade de desenvolver e usar habilidades cognitivas, emocionais e comportamentais que melhoram os resultados produtivos do conflito enquanto reduzem a probabilidade de escalada ou dano”

Para Tavares (2002) que a negociação é a comunicação entre duas ou mais partes com o objetivo de resolver seus conflitos de interesses percebidos e perspectivas divergentes. Assim, este considera que outras formas de solução de controvérsias incluem evitar e se afastar do outro lado, subordinar e ceder a um oponente e dominar com força o outro lado.

Ainda para esse autor, a negociação - às vezes referida como resolução de problemas ou colaboração - difere dessas alternativas porque a negociação não pode ser unilateral e exige que ambas as partes se comprometam com a negociação como seu modo preferido de resolução de disputas.

Ademais, o autor considera que a negociação é a única forma de regulação de conflitos que permite aos protagonistas criar valor e gerar excedentes que beneficiem a ambos. Se os negociadores criam valor, eles não apenas aumentam a prosperidade econômica, mas também criam acordos relativamente duradouros e reduzem conflitos futuros

Por sua vez, Warat (2001) compreende que a intenção de nossa série de negócios é focar nas questões de prática de negócios do dia-a-dia enfrentadas por nossos leitores e torná-las tangíveis. Abaixo, categorizamos os estilos de resolução de conflitos e encorajamos o leitor a aplicar esses estilos aos seus próprios conflitos históricos específicos e usar o modelo de categorização para conduzi-lo através de conflitos / negociações existentes e futuros.

Esse autor aponta que existem cinco abordagens ou estilos diferentes para a resolução de conflitos. Ademais, alerta que não existe uma abordagem “certa” única para todas as situações; a abordagem deve variar de acordo com as condições. Os diferentes estilos podem ser vistos como uma combinação de dois fatores: assertividade e preocupação com a outra parte.

Schneider (2007) afirma que a negociação é, por definição, um processo no qual duas ou mais partes tentam chegar a um acordo. Existem duas estratégias gerais de negociação: barganha distributiva e integrativa. A negociação distributiva envolve a negociação de recursos fixos. Se uma parte ganha, a outra deve perder para que os recursos totais permaneçam inalterados.

Esse autor afirma que essa estratégia é semelhante à abordagem competitiva de resolução de conflitos. Assim, exemplifica que competir com outros serviços é uma competição direta por recursos fixos e resulta em negociação distributiva. A negociação distributiva é uma prática comum para o urologista que tem um orçamento fixo para a saúde.

Já a negociação integrativa é apontada por Schneider (2007) como uma estratégia de negociação que atinge resultados satisfatórios para ambas as partes. É a estratégia preferida para a maioria das situações, pois resulta em resultados positivos e boas relações de longo prazo entre as partes. Isso pode ou não implicar em nova disponibilidade de capital.

Buscando uma melhor compreensão, Warat (2001) posiciona que a negociação e o gerenciamento de conflitos podem resultar em um impasse e um mecanismo alternativo de disputa pode precisar ser empregado. Isso pode acontecer em uma batalha judicial prolongada ou em um processo acordado.

Logo, esse autor considera que a mediação é um processo organizado por um terceiro neutro, mas não pode impor uma solução se nenhuma for alcançada. Arbitragem é o uso de um terceiro para resolver um conflito com o poder de impor uma resolução se nenhuma for

alcançada. A arbitragem apresenta mais risco para as partes envolvidas, uma vez que o terceiro tem o poder de impor sua própria solução, que pode ou não ser favorável.

Por sua vez, Tavares (2002) compreende que as partes iniciam negociações para escapar de um impasse doloroso, (b) evitar uma catástrofe iminente ou (c) realizar uma oportunidade mutuamente. Contudo, isso esclarece que um impasse ocorre quando pelo menos uma das partes em um conflito em andamento percebe que não pode vencer o outro lado, mas continuar o conflito é prejudicial e excessivamente caro (Ver Quadro 01).

Alternativamente, Tavares (2002) propõe que as partes podem iniciar negociações para evitar uma catástrofe iminente que não pode ser evitada sem a ajuda da outra parte. Finalmente, este considera que as partes podem iniciar negociações por causa de uma oportunidade mutuamente atraente - quando um negócio pode fornecer maior lucro do que as partes poderiam obter de outra forma

Para Warat (2001), independentemente do (s) motivo (s), as partes iniciam a negociação quando acreditam que o acordo pode melhorar sua situação atual - acordo é melhor que nenhum acordo - mas também acreditam que alguns acordos podem ser melhores para eles pessoalmente do que outros.

Conforme Silva (2003), do ponto de vista psicológico, a negociação refere-se a qualquer forma de interação em que indivíduos com interesses diferentes e conflitantes se comunicam e discutem quais passos podem tomar juntos para resolver a diferença de opinião entre eles.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

A análise de mediação baseia-se em uma suposição não testável dos fatores de confusão não omitidos, que postula que uma variável omitida que confunde as relações entre as variáveis de antecedente, mediador e resultado não pode existir. A análise de mediação tornou-se mais comum na análise de cadeias causais complexas em estudos psicológicos.

Robbins (2010) aponta que quando existe um conflito, o primeiro passo é decidir se deve resolvê-lo. Essa decisão envolve equilibrar a recompensa com o preço de resolver o problema; esse equilíbrio é único para cada circunstância. Algumas regras gerais são que, se o problema for problemático o suficiente para afetar seu comportamento ou pesar em sua consciência, ele deve ser abordado.

Para esse autor, é importante não confundir a dificuldade percebida da conversa com a determinação de se será benéfico e apropriado prosseguir. Diferenças percebidas no poder geralmente afetam a decisão de resolver um conflito; no entanto, as lições da aviação e de outras indústrias ilustram os benefícios da comunicação aberta e os riscos do silêncio, mesmo em situações de diferentes níveis de autoridade ou poder.

Diante disso, Santos (2021) compreende que cabe ao psicólogo, uma vez que tenha sido decidido abordar o conflito, há várias etapas envolvidas na preparação para a conversa. O primeiro passo é determinar a natureza exata do conflito, se existem mecanismos inconscientes, se o próprio ego é o conflitante, se são pessoas atendendo suas funções sociais ou sombras individuais buscando uma forma de enantiodromia.

Robbins (2010) considera que se o problema ocorrer uma vez, é apropriado discutir o conteúdo do problema; se ocorreu repetidamente, deve-se focar no padrão dos eventos. Se o

problema afetar seu relacionamento com outra pessoa ou membros da equipe, o tópico deve ser seu relacionamento.

Contudo, o autor lembra que uma armadilha do gerenciamento de conflitos é permitir que o conflito de tipo de tarefa ou padrão se deteriore em conflito de relacionamento ao personalizar demais o problema. Outro sistema apropriado para conflitos de equipe divide o conflito em conflitos de tarefa, processo e relacionamento. O conflito de tarefa é semelhante ao conflito de conteúdo, enquanto o conflito de processo refere-se ao desacordo sobre os processos da equipe.

Como já mencionado, a mediação de conflitos neste artigo é vista como uma ferramenta baseada na conversação para o gerenciamento construtivo de disputas interpessoais. Uma característica estrutural das conversas de mediação pode ser vista no fato de que uma terceira pessoa - normalmente em uma interação face a face - preside o processo de resolução de disputas entre duas ou mais partes do conflito (normalmente uma única pessoa)

Conforme Silva (2003), a ciência psicológica oferece alguns insights importantes:

(a) por que as pessoas iniciam a negociação, junto com os elementos básicos das negociações; (b) como as estratégias cognitivas dos negociadores gerenciam informações complexas e incertas; (c) quais são os objetivos e motivações cruciais dos negociadores, e traços de personalidade; e (d) como diferenciais de poder e pressões constituintes podem bloquear em vez de aumentar a criação de valor na negociação de acordos e resolução de conflitos (SILVA, 2003, p. 15).

Para Silva (2003) passos essenciais também devem ser seguidos antes de qualquer sessão de negociação: estudar a disputa em questão antes das negociações; na avaliação dos interesses das partes, deve-se considerar a melhor alternativa ao acordo negociado; encontram-se em um impasse quando assumem posições firmes antes da negociação e se recusam a mudá-las.

Silva (2003) que aponta é necessário observar como serão conduzidas as negociações: Cada negociação tem suas próprias características; mas devem ser consideradas as seguintes questões: foco nos interesses e não nas posições dos participantes. Distinguir entre as partes e o problema; ouvir atenta e ativamente o que cada parte disse; tentar fazer com que todas as partes "ganhem" avançando soluções que beneficiem a todos; avaliar as propostas e o andamento das negociações à luz da melhor alternativa possível.

Esse autor esclarece que durante as sessões de psicoterapia analítica é necessário determinar o que é bom e útil do que ruim ou prejudicial para o paciente e para o analista. Assim, nesta operação, é preciso sobretudo superar esses efeitos para discernir a modalidade da estrutura de conflito intrapessoal do paciente. E para negociar bem e se dar bem, é preciso também conhecer, entender as intenções do paciente e também permitir que ele conheça as intenções do analista para ajudá-lo a superar suas dificuldades ou crises.

Para Robbins (2010) os psicólogos que desejam utilizar a negociação informal (real) ou formal (simulação) devem levar em conta que a preparação adequada é essencial para atingir seus objetivos ao final das negociações. Diferentes métodos e treinamentos psicológicos podem organizar os indivíduos na interação durante a negociação. Essas abordagens metodológicas

podem levar ao uso dos seguintes dispositivos de pesquisa: jogos experimentais abstratos, simulações, análise de observações clínicas diretas, pesquisas, estudos de caso, análises de conflitos.

Já para Santos (2021) na psicologia analítica é necessária a verificação e autoconhecimento sobre as projeções inconscientes de do mediador e de ambas as partes. A sombra como arquétipo, oculta desejos e sentimentos negados e podem não buscar a justiça ou a mediação a priori e apenas uma reparação psíquica dos conceitos morais dos indivíduos.

Ainda para Silva (2003) durante a terapia analítica também vemos a influência do paciente sobre os sentimentos inconscientes do analista. A contratransferência, também tem dois tipos principais: A contratransferência do primeiro tipo refere-se a todos os sentimentos vivenciados pelo analista em relação ao paciente cujo cuidado consciente permite aprofundar sua compreensão, etc. A contratransferência do segundo tipo está ligada às intensas reações emocionais ao paciente quando leva o analista a satisfazer suas próprias necessidades e não as das partes.

Robbins (2010) lembra que o profissional deve também compreender completamente a própria posição. É fundamental reunir todas as informações básicas e quaisquer dados necessários para discutir o conflito. Então é preciso ter clareza sobre o que se deseja do confronto, bem como o que se está preparado para desistir ou ceder. Outro elemento-chave é a consciência de quais resultados se consideram indesejáveis. Parte da preparação é a consideração das próprias motivações e objetivos, bem como as motivações e objetivos da outra parte.

Para o autor, este passo parece óbvio, mas muitas vezes não é feito ou apenas avaliado superficialmente. Considerar por que uma pessoa racional e ética teria se comportado da maneira que o incomoda muitas vezes abre uma visão alternativa da situação. Em suma, é entender do maior número possível de pontos de vista como a situação-problema pode ter se desenvolvido.

Silva (2003) aponta que erros comuns a serem evitados são tentar suavizar a mensagem misturando-a com declarações elogiosas ou usando um tom de voz excessivamente familiar inicialmente antes de abordar o problema. A maioria das pessoas sente que está sendo manipulada ou tratada desonestamente quando as mensagens são misturadas. Humor ou comentários inadequados interrompem o relacionamento necessário para um ambiente seguro. Outro erro comum é usar dicas não verbais ou comentários sutis com a crença de que podem resolver um conflito com sucesso.

Por fim (2003) aponta que cabe ao psicólogo criar as bases para um consenso sobre a definição do problema para que os participantes possam comparar e discutir soluções. Conforme observado anteriormente, o problema pode ser definido como o problema com uma ocorrência, um padrão de episódios ou a relação de trabalho. Após criar uma definição mutuamente acordada, o próximo passo é fazer um brainstorming de possíveis soluções para o conflito. Se possível, essas soluções devem atender às necessidades de todas as partes envolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A negociação atravessa todas as dimensões da vida humana. Todos os indivíduos negociam todos os dias e em todas as esferas da nossa existência (com familiares, amigos, colegas, vizinhos, etc.) com o objetivo de resolver uma divergência de interesses, conciliar

diferentes desejos, sonhos, desacordos, etc. O envolvimento dos métodos de negociação no trabalho profissional permite ajudar os psicólogos a encontrar soluções originais e eficazes, simplesmente porque levam em conta as necessidades e interesses de cada indivíduo. E para ser um bom negociador é preciso ter uma série de habilidades terapêuticas (confiança, positividade, racionalidade, flexibilidade etc.).

Na psicoterapia analítica as interações são traduzidas em uma série de atos concretos, movimentos táticos, e cada um tem um repertório que lhe é próprio. É assim que as dinâmicas de interação são orquestradas a partir dos pontos a serem discutidos. Nessa cadeia interativa, deve-se distinguir, em cada uma das duas pessoas em presença, o que é transferência do que é contratransferência. É aqui que se forma a base da negociação para estabelecer o vínculo terapêutico entre o analista e o paciente.

Assim, as conclusões destacam o fato de que existem os mesmos mecanismos de intersubjetividade na negociação como na resolução de diferentes conflitos ou problemas e também na prática da psicoterapia analítica. toma sua fonte e articula o vínculo em uma relação do presente ao futuro imediato. Nessa situação, a consistência intersubjetiva parece ser um fator essencial na adaptação de sua resposta durante a psicoterapia analítica.

REFERÊNCIAS

- MUSZKAT, Malvina Ester (Org.). Mediação de Conflitos: Pacificando e prevenindo a violência. 3. ed. São Paulo: Summus, 2003.
- ROBBINS, Stephen P. Comportamento organizacional. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- SANTOS, Jorge Guilherme Ramos dos. A sombra coletiva e sua manifestação na sociedade. Revista International Integralize Scientific, Ed.02, n.2, p. 40-57, Agosto/2021.
- SANTOS, Jorge Guilherme Ramos dos. O confronto com a sombra como parte da psicologia analítica. Revista International Integralize Scientific, Ed.02, n.2, p. 58-73, Agosto/2021.
- SCHNEIDER, Jakob Robert. A prática das constelações familiares. Patos de Minas: Atman, 2007.
- SILVA, João Roberto. A mediação e o processo de mediação. São Paulo: Paulidstajur, 2004.
- SILVA, D. M. P. Psicologia jurídica no processo civil brasileiro. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- TAVARES, Fernando H. Mediação e conciliação. Belo Horizonte: Mandamentos, 2002.
- WARAT, L. A. O Ofício do Mediador. Florianópolis: Hábitus, 2001.

NOVAS TECNOLOGIAS E A CAPACITAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

NEW TECHNOLOGIES AND THE CONTINUOUS TRAINING OF MATHEMATICS TEACHERS: A LITERATURE REVIEW

NUEVAS TECNOLOGÍAS Y LA FORMACIÓN CONTINUA DEL PROFESORADO DE MATEMÁTICAS: UNA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA

Claudimir Fernandes Sebastião
claudimirfernandes@gmail.com
Fabio Hekel

SEBASTIÃO, Claudimir Fernandes. HEKEL, Fabio. **Novas tecnologias e a capacitação continuada de professores de matemática: uma revisão bibliográfica**. Revista International Integralize Scientific. Ed. 10, n.1, p.52-59, abril/2022, ISSN/2675-5203.

RESUMO

É incontestável a importância do professor para a aprendizagem dos alunos, visto que ele pode influenciar seu aprendiz acerca de suas concepções e conhecimento. Para que a aprendizagem na área matemática se desenrole é necessário que o raciocínio lógico esteja baseado em ferramentas cognitivas bem estruturadas. O professor de matemática é quem acaba revelando as dificuldades de cada indivíduo, apontando os seus pontos negativos em relação ao conhecimento adquirido. Existe a necessidade de oportunizar a todos os docentes, principalmente os de matemática, conhecimentos que possam auxiliá-los nessa trajetória, por meio de cursos de aperfeiçoamento e aprimoramento que propiciem uma maior aprimoração e a atualização de como repassar estes conhecimentos adquiridos para seus alunos. O docente é uma pessoa com possibilidades e limitações e sua profissão é um desafio constante. Há a necessidade de possibilitar ao professor conhecimentos e habilidades que possam aprimorá-los nessa trajetória, através de cursos de aperfeiçoamento e formação continuada, vislumbrando um repasse de conhecimentos adquiridos para seus alunos. Optou-se por realizar uma metodologia de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, cujo objeto de estudo encontra-se ancorado em métodos adequados para o assunto de ordem social, tornando a pesquisa relevante e apropriada. O estudo apresenta como objetivo identificar as concepções dos professores de matemática acerca de seus conhecimentos para a prática pedagógica. Há de se repensar no papel do professor no sentido de treiná-lo, auxiliando-o no difícil propósito de tornar o ensino mais interessante e envolvente, usufruindo de todos os benefícios que as novas ferramentas de ensino possam oferecer.

Palavras-chave: Matemática. Professores. Formação. Continuada. Tecnologias.

ABSTRACT

The importance of the teacher for student learning is undeniable, since he can influence his apprentice about his conceptions and knowledge. For learning in mathematics to take place, logical reasoning must be based on well-structured cognitive tools. The mathematics teacher is the one who ends up revealing the difficulties of each individual, pointing out their negative points in relation to the acquired knowledge. There is a need to provide all teachers, especially those in mathematics, with knowledge that can help them in this trajectory, through improvement and improvement courses that provide further improvement and updating of how to pass on this acquired knowledge to their students. The teacher is a person with possibilities and limitations and his profession is a constant challenge. There is a need to provide the teacher with knowledge and skills that can improve them in this trajectory, through improvement courses and continuing education, envisioning a transfer of acquired knowledge to their students. We chose to carry out a bibliographic research methodology with a qualitative approach, whose object of study is anchored in adequate methods for the social order, making the research relevant and appropriate. The study aims to identify the conceptions of mathematics teachers about their knowledge for pedagogical practice. It is necessary to rethink the role of the teacher in order to train him, helping him in the difficult purpose of making teaching more interesting and engaging, taking advantage of all the benefits that the new teaching tools can offer.

Keywords: Mathematics. Teachers. Formation. Continued. Technologies.

ABSTRACTO

La importancia del docente para el aprendizaje de los estudiantes es innegable, ya que puede influir en su aprendizaje sobre sus concepciones y conocimientos. Para que el aprendizaje en el área de las matemáticas se desarrolle, el razonamiento lógico debe estar basado en herramientas cognitivas bien estructuradas. El profesor de matemáticas es quien acaba develando las dificultades de cada individuo, señalando sus puntos negativos en relación a los conocimientos adquiridos. Existe la necesidad de dotar a todos los docentes, en especial a los de matemáticas, de conocimientos que les puedan ayudar en esta trayectoria, a través de cursos de superación y perfeccionamiento que brinden una mayor mejora y actualización de cómo transmitir estos conocimientos adquiridos a sus estudiantes. El docente es una persona con posibilidades y limitaciones y su profesión es un desafío constante. Existe la necesidad de dotar al docente de conocimientos y habilidades que lo puedan perfeccionar en esta trayectoria, a través de cursos de perfeccionamiento y educación continua, vislumbrando una transferencia de los conocimientos adquiridos a sus alumnos. Optamos por realizar una metodología de investigación bibliográfica con enfoque cualitativo, cuyo objeto de estudio se ancla en métodos adecuados al orden social, haciendo pertinente y adecuada la investigación. El estudio tiene como objetivo identificar las concepciones de los profesores de matemáticas sobre sus conocimientos para la práctica pedagógica. Es necesario repensar el papel del docente para capacitarlo, ayudándolo en el difícil propósito de hacer la enseñanza más interesante y amena, aprovechando todos los beneficios que las nuevas herramientas didácticas pueden ofrecer.

Palabras clave: Matemáticas. Maestros Formación. Continuado. Tecnologías.

INTRODUÇÃO

É incontestável a importância do professor para a aprendizagem dos alunos, visto que ele pode influenciar seu aprendizado acerca de suas concepções e conhecimento.

Para que a aprendizagem na área matemática se desenrole é necessário que o raciocínio lógico esteja baseado em ferramentas cognitivas bem estruturadas. No entanto, como é o professor quem acaba revelando as dificuldades de cada indivíduo, apontando os seus pontos negativos em relação ao conhecimento adquirido, ele é tido como o grande vilão e o único responsável pelo fracasso do ensino.

As dificuldades escolares de alunos relacionadas à aprendizagem da matemática podem ser atribuídas a diferentes variáveis, entre as quais a principal é a atuação do professor, dado que a ação docente pode produzir, cristalizar ou superar essas dificuldades. Por sua vez, a principal variável que influencia as possibilidades de atuação do professor é a sua formação inicial e continuada (NOGUEIRA et al., p. 15, 2016).

Observa-se que a transformação junto à prática educacional é de grande complexidade e muitos aspectos podem ocasionar dificuldades para que este processo ocorra. Dentre as dificuldades encontradas pelos professores de matemática, tem-se, por exemplo, a proposta pedagógica da escola, os objetivos do ensino de uma determinada disciplina, o controle da sala de aula e a avaliação (SANTOS e BICUDO, 2015).

O momento atual vem passando por grandes transformações, principalmente na área das inovações tecnológicas que surgem apresentando diversas formas de nortear um ensino sistematizado. Entretanto, esta mudança exige do profissional docente um constante aperfeiçoamento, especialmente no que tange à inserção de recursos tecnológicos utilizados no processo de ensino aprendizagem. Desta forma, observa-se a necessidade de professores que estejam capacitados e qualificados para esta nova prática educacional (FRIZON et al., 2015).

Existe uma preocupação constante em torno da esfera educacional, evidenciada pelo pensamento contínuo em relação às providências práticas e planejadas, que devem ser exercidas com compromisso e responsabilidade profissional (STANGE, 2012).

A necessidade de oportunizar a todos os docentes, principalmente os de matemática, conhecimentos que possam auxiliá-los nessa trajetória, por meio de cursos de aperfeiçoamento e aprimoramento que propiciem uma maior aproximação e a atualização de como repassar estes conhecimentos adquiridos para seus alunos é extremamente necessária (STANGE, 2012).

Assim sendo, salienta-se que as transformações mais significativas junto ao sistema de concepções e de renovação dos atos não são tão simples e só ocorrem em face de impactos que provocam desequilíbrios no campo das vivências pessoais (SANTOS e BICUDO, 2015).

Neste cenário, percebe-se a necessidade de que se reflita acerca deste contexto tendo-se em vista que o docente é uma pessoa com possibilidades e limitações e sua profissão é um desafio constante. Sob este aspecto, percebe-se que os pressupostos conceituais que envolvem o ensino evidenciam a necessidade de se considerar que o professor carece de cursos de atualização e de formação continuada (FIORENTINI e CRECCI, 2017).

Para a execução desses feitos, optou-se por realizar uma metodologia de pesquisa, cujo objeto de estudo se encontra ancorado em métodos adequados para o assunto de ordem social, tornando a pesquisa relevante e apropriada. Diante das informações mencionadas, considera-se este estudo justificável, visto que servirá para elucidar dúvidas e consequências a respeito do presente tema.

O estudo apresenta como objetivo identificar as concepções dos professores de matemática acerca de seus conhecimentos para a prática pedagógica.

FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DO DOCENTE PARA USO DA TIC

Os desafios enfrentados para o atendimento das necessidades de um mundo cada dia mais informatizado são grandes, todavia tanto a escola como os professores são personagens de extrema relevância para a formação de um aluno crítico e apto a enfrentar desafios relacionados ao já concorrido mercado de trabalho. Deste modo, percebe-se que os professores não podem ficar alheios aos avanços tecnológicos e muito menos deixar de fazer parte dessa corrida vertiginosa no meio social.

Sob este aspecto, observa-se a necessidade de possibilitar ao professor conhecimentos e habilidades que possam aprimorá-los nessa trajetória, através de cursos de aperfeiçoamento e formação continuada, vislumbrando um repasse de conhecimentos adquiridos para seus alunos (NOGUEIRA e PAVANELLO, 2016).

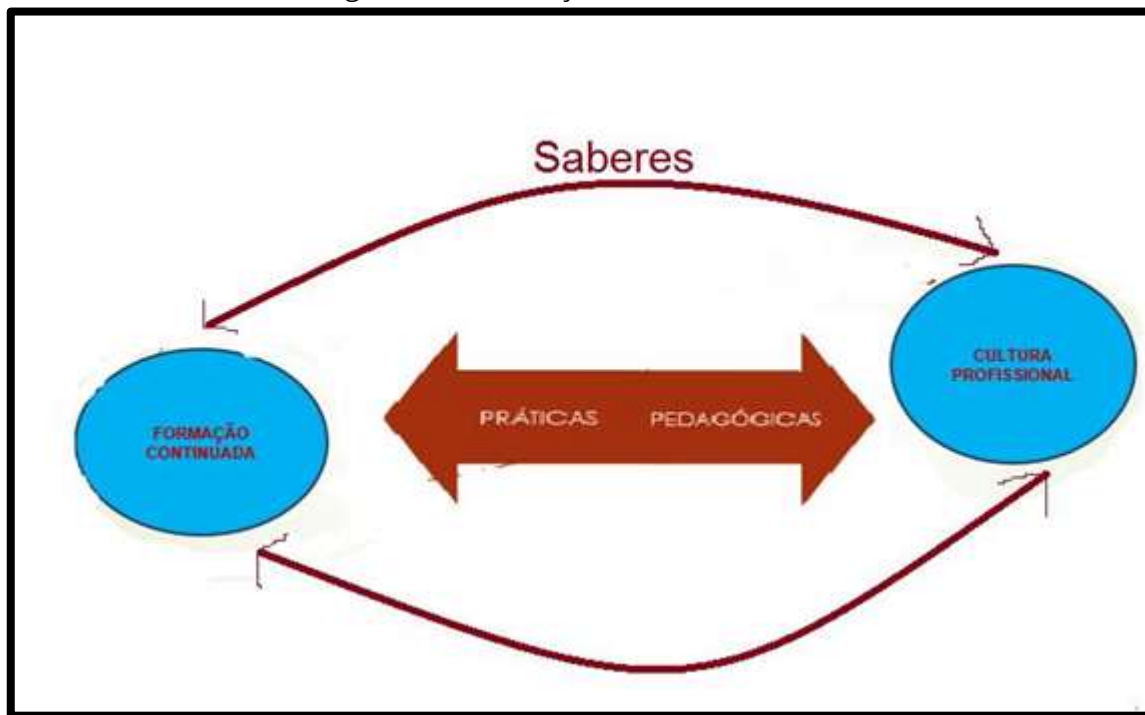
Conforme o que trata as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, deve-se assegurar a qualidade e a permanência do aluno na escola. Deste modo, faz-se necessário que todas as pessoas envolvidas neste processo estejam propensas à inovação, valendo-se do emprego das novas tecnologias (BRASIL, 2013).

Contudo, verifica-se que as novas competências e habilidades que as TICs requerem se apresentam como sendo uma situação desafiadora para a formação dos professores no que tange às novas linguagens exigidas nesta área de ensino (ZAIONZ E MOREIRA, 2016).

Convém salientar-se que um dos entraves encontrados reside no fato de que os cursos de formação continuada para uso das TICs, oferecidos para os docentes, ainda esbarram na resistência de muitos professores. Entretanto, “mesmo diante das resistências por parte dos docentes, há que garantir a qualificação permanente desses profissionais” (ZAIONZ e MOREIRA, p. 2, 2016).

A cultura educacional se encontra intimamente ligada à formação continuada, à prática pedagógica e também, à construção de saberes, englobando o professor em todas as particularidades do trabalho como docente (Figura 1).

Figura 1. Constituição da cultura docente



Fonte: Castro (2016)

Sob este aspecto, constata-se que as inter-relações entre professor e aluno são de vital importância para a aquisição do conhecimento, a começar do compartilhamento de ideias e vivências no que diz respeito à realidade que os cerca, favorecendo, assim, para o desenvolvimento não somente do estudante, mas também da sociedade como um todo (CASTRO, 2016).

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa. Durante o desenvolvimento da revisão bibliográfica, os materiais usados para a pesquisa envolveram trabalhos homólogos, relatórios e periódicos, dentre outros meios de atividades científicas, objetivando um melhor embasamento cognitivo essencial ao desenvolvimento das demais etapas.

Entre os principais parâmetros para o levantamento bibliográfico, destaca-se o acervo de livros, artigos, monografias, dissertações e obras online obtidas na *Scientific Eletronic Library Online (SCIELO)* e no Google Acadêmico, utilizando-se os seguintes descritores: matemática, professores, formação continuada e novas tecnologias.

Quadro 1. Etapas do desenvolvimento do trabalho

Etapas	Desenvolvimento do Trabalho
1	Escolha do tema

2	Elaboração do plano de trabalho
3	Reconhecimento do conteúdo referente ao assunto pesquisado
4	Localização do material bibliográfico
5	Anotações dos dados referenciais em fichas
6	Análise dos dados coletados
7	Interpretação dos dados coletados
8	Redação

Fonte: Adaptado de Eco (2020)

Os descritores citados foram utilizados na busca junto às línguas portuguesa, inglesa e espanhola.

RESULTADOS

O estudo constatou a elaboração de conhecimentos identificados na literatura nacional e internacional acerca das novas tecnologias e o ensino da matemática, no período de 2010 a 2021.

Os critérios de exclusão estabelecidos para assegurar a coerência com a pergunta da pesquisa foram os seguintes: publicações dos últimos 11 anos, artigos escritos nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola e abordagem envolvendo os descritores citados anteriormente.

A seguir, o Quadro 2 apresenta o processo de busca de dados para seleção dos artigos na base *SciELO* e no Google Acadêmico, com os descritores de matemática, professores, formação continuada e novas tecnologias.

Quadro 2. Busca de artigos

Base de dados	Artigos encontrados	Artigos Duplicados	Artigos excluídos	Artigos selecionados
SciELO	17	2	12	5
Google Acadêmico	12	3	4	8
Total	29	5	16	13

Fonte: Autoria própria (2021)

Mediante a pesquisa na base de dados, utilizado o filtro, ou seja, os últimos 11 anos e línguas investigadas observou-se um total de vinte e nove (29) artigos. Foram excluídos dezesseis (16) artigos tomando por base o critério de exclusão e artigos duplicados, logo a amostra ficou reduzida a treze (13) artigos.

DISCUSSÃO

Ensinar e avaliar um aluno requer um trabalho consciente por parte dos professores, visto que deve contribuir para a construção de uma sociedade cada vez mais justa (FRANCES et al., 2015 e TOZETTO, 2017).

Deste modo deve existir o comprometimento dos docentes em planejar situações de ensino que incluam interações com o conhecimento e que propiciem a transformação de informações cotidianas em uma abordagem científico-pedagógica (FRANCEZ et al., 2015).

O ensino da matemática é muito mais do que um mero ato de calcular que, muitas vezes, não apresenta nenhum significado real para o estudante. Assim, cabe ao professor se aperfeiçoar para estar ciente da importância de estimular o aluno a fim de gerar um melhor entendimento sobre o conteúdo que está sendo ministrado. Este procedimento é uma situação desafiadora para o estudante e o leva a interagir com outros contextos nos quais a matemática não é tão notória (COSTA e PRADO, 2015).

Ressalta-se que o professor não deve somente se limitar à mera transmissão conteudista. Para tal, verifica-se a necessidade de uma formação continuada que valorize a ação docente em sua imensidade e complexidade, de um jeito concreto e contínuo (MEDEIROS e BEZERRA, 2016, TOZETTO, 2017).

Sob este aspecto, a formação continuada exerce um papel de destaque para os professores de matemática, tendo em vista que possui muito para ofertar nesse processo, pois auxilia o aperfeiçoamento do docente. Assim, sua prática pedagógica serve de base para que os alunos possam construir seus próprios conhecimentos, colocando de lado o velho e ultrapassado papel de acumuladores de informação (FRANÇA, 2018).

O professor centrado nos modernos paradigmas educacionais sente a necessidade de que haja um aperfeiçoamento profissional, que contribua para uma transformação junto a sua prática de ensino, que se encontra relacionado às novas concepções educacionais (COSTA e PRADO, 2015; PACHECO e BARROS, 2013).

Ressalta-se que muitos professores vêm repensados a respeito da relação dos alunos com a prática matemática e a importância que os mesmos concedem ao compreender essa ciência. Deste modo, a escola deve estar voltada para o emprego dos recursos tecnológicos, vislumbrando auxiliar o processo de ensino aprendizagem (COSTA e PRADO, 2015; MASHIO e MARTINS, 2013; RIBEIRO e PAZ, 2012).

Os cursos de formação continuada podem ser compreendidos como sendo um processo permanente e constante de aperfeiçoamento dos saberes necessários para a atividade dos professores, objetivando certificar um ensino com uma qualidade cada vez melhor para os estudantes (CASTRO, 2016; FRANÇA, 2018).

Neste universo, verifica-se que a formação docente deve levar o profissional a uma prática pedagógica crítica e de formação centralizada a fim de que ato de ação-reflexão-ação seja algo que incentive a tomada de consciência e de conhecimento por parte do professor (MEDEIROS e BEZERRA, 2016).

A formação continuada do professor pode instituir e redimensionar a relação existente entre a sua “prática, o campo teórico e os aspectos que permeiam a construção do seu trabalho, como a escola, os alunos e as políticas educacionais”, dentre outros (IMBERNÓN, p. 43, 2010).

Neste contexto, a formação continuada para docentes é uma estratégia de suma importância para o processo de formação, oportunizando aprendizagens, tanto para o educando como para o educador. Deste modo, os professores vislumbram, cada vez mais, novas oportunidades de estratégias para o sucesso da aquisição do conhecimento (CASTRO, 2016; WENGZYNSKI e TOZETTO, 2012).

Entretanto, eles não devem ser considerados como a grande solução para o problema, que aflige uma grande quantidade de professores que veem nesta prática a solução para minimizar suas insatisfações e inseguranças.

Normalmente, são oferecidos, aos professores das escolas, cursos de atualização, treinamentos em habilidades específicas ou cursos de especialização em conteúdos disciplinares, e que são, geralmente, estruturados de acordo com pressupostos formativos que privilegiam, fundamentalmente, um saber acadêmico entendido como acabado, verdadeiro, cumulativo e descontextualizado. Como na organização dessas propostas de formação continuada, pouco se consideram os problemas concretos do cotidiano dos professores e o seu conhecimento profissional, o desenvolvimento desses cursos aumenta neles a sensação de impotência para resolver os problemas profissionais com os quais se defrontam na sua prática pedagógica (RODRIGUES et al., p. 415, 2010).

A fim de superar essa realidade, observa-se que a formação continuada deve abranger alunos, professores e profissionais que possam formar esses professores, junto a procedimentos de aprendizagem mútua, a contar do “reconhecimento de suas culturas profissionais enquanto saberes práticos de relevância, além da estruturação das atividades de formação como processos de pesquisa-ação” (RODRIGUES et al., p. 416, 2010).

Sendo assim, nota-se que essas ações devem ter como foco o conhecimento contextual da sala de aula, a promoção do diálogo e a comparação entre as várias concepções com os referenciais teóricos, para que deste modo, possa orientar algumas reformulações junto às práticas docentes (RODRIGUES et al., 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se a importância de uma inserção de novos métodos de ensino que promovam mudanças nas práticas pedagógicas, não somente na área da matemática, como também em todo o âmbito educacional, tendo em vista a transformação do processo ensino aprendizagem, em algo mais interessante e atraente para os alunos, para que eles possam desenvolver suas habilidades e aptidões.

Ressalta-se que já não bastam somente os conteúdos teóricos presentes nos documentos oficiais das instituições de ensino, se os mesmos não se encontrarem inseridos junto às questões mais relevantes da prática pedagógica.

Frente a esta realidade, é de suma importância a implementação de cursos de formação continuada para professores de matemática, a fim de se complementar as necessidades envolvendo os conhecimentos tecnológicos, com o intuito de maximizar o aperfeiçoamento profissional do aluno para enfrentar o já concorrido mercado de trabalho.

Sendo assim, há de se repensar no papel do professor no sentido de treiná-lo, auxiliando-o no difícil propósito de tornar o ensino mais interessante e envolvente, usufruindo de todos os benefícios que as novas ferramentas de ensino possam oferecer. Neste contexto, observa-se a importância da realização de cursos de capacitação para que estes docentes possam se sentir à vontade e seguros para motivar o processo de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, D. S. C. Formação continuada de professores da educação infantil: entrelaces com a prática pedagógica. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.
- COSTA, N. M. L.; PRADO, M. E. B. P. A Integração das Tecnologias Digitais ao Ensino de Matemática: desafio constante no cotidiano escolar do professor. *Perspectivas da Educação Matemática*, v. 8, n. 15, p. 100-120, 2015.
- ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- FRANCEZ, C. A.; OLIVEIRA, E. M.; TEZANI, T. C. R. As tecnologias e a formação continuada do professor: cursos EAD e a prática docente. 2015
- FRANÇA, L. A formação continuada e a sua importância para manter o corpo docente atualizado. 2018.
- FIORENTINI, D.; CRECCI, V. M. Metassíntese de pesquisas sobre conhecimentos/saberes na formação continuada de professores que ensinam matemática. *Zetetiké*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 164-185, jan./abr. 2017.
- FRIZON, V.; LAZZARI, M. D. B.; TIBOLLA, F. R. C. et al. A formação de professores e as tecnologias digitais. *Educere*. 2015.
- IMBERNÓN, F. Formação continuada de professores. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- MASHIO, E. C. F.; MARTINS, O. B. As novas tecnologias educacionais como instrumentos constituintes da cultura escolar. *Revista Inter saberes*, p. 38-49, nov. 2013.
- MEDEIROS, L. M. B.; BEZERRA, C. C. Algumas considerações sobre a formação continuada de professores a partir das necessidades formativas em novas tecnologias na educação. 2016.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2014-pdf/15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf/file>>. Acesso em 30 out. 2021.
- NOGUEIRA, C. M. I.; PAVANELLO, R. M.; OLIVEIRA, L. A. Uma experiência de formação continuada de professores licenciados sobre a matemática dos anos iniciais do ensino fundamental. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016.
- PACHECO, J. A. D.; BARROS, J. V. O Uso de Softwares Educativos no Ensino de Matemática. *Revista Diálogos*, n. 8, p. 5-13, 2013.
- RODRIGUES, C. G.; KRÜGER, V.; SOARES, A. C. Uma hipótese curricular para a formação continuada de professores de ciências e de matemática. *Ciência & Educação*, v. 16, n. 2, p. 415-426, 2010.
- RIBEIRO, F. M.; PAZ, M. G. O ensino da matemática por meio de novas tecnologias. *Revista Modelos*, v. 2, n. 2, p. 12-21, ago. 2012.
- SANTOS, M. R.; BICUDO, M. A. V. Uma Experiência de Formação Continuada com Professores de Arte e Matemática no Ensino de Geometria. *Bolema*, Rio Claro, v. 29, n. 53, p. 1329-1347, dez. 2015.
- STANGE, S. M. Estudo dos elementos químicos numa abordagem ciência, tecnologia e sociedade. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2012.
- TOZETTO, S. S. Docência e formação continuada. *Educere*. 2017.
- WENGZYNSKI, D. C.; TOZETTO, S. S. A formação continuada face às suas contribuições para a docência. In: *Seminário de pesquisa em educação da região sul*. 2012.
- ZAIONZ, R. MOREIRA, H. Formação continuada de professores e os desafios das novas tecnologias. *REDIVI – Revista de Divulgação Interdisciplinar Virtual do Núcleo das Licenciaturas*, v. 4, n. 1, p. 1-17, 2016.

O LEGADO FENÍCIO NA PRODUÇÃO DA CERÂMICA TARTESSA
THE PHENICIAN LEGACY IN THE PRODUCTION OF TARTESSA CERAMICS
EL LEGADO FÉNICO EN LA PRODUCCIÓN DE CERÁMICA TARTESSA

Matheus Donizete Lima
matheusvlima2018@gmail.com

LIMA, Matheus Donizete. **O legado fenício na produção da cerâmica tartessa**. Revista International Integralize Scientific. Ed. 10, n.1, p.60-71, abril/2022, ISSN/2675-5203.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral a investigação e confirmação das prováveis influências fenícias nas técnicas de produção cerâmica tartessas. Tendo como objetivos específicos a identificação das técnicas de investigação e critérios usados pelos arqueólogos para classificar os objetos cerâmicos de origem tartessa. A metodologia utilizada na elaboração da coeva pesquisa é a qualitativa e as fontes utilizadas são: artigos científicos publicados em revistas eletrônicas e textos publicados em sites relacionados ao tema. Foi realizado o levantamento bibliográfico, a revisão bibliográfica, investigação dos fatos e análise dos dados coletados. Os resultados alcançados por este trabalho mostram que houve um processo de aculturação da civilização tartessa em relação à civilização fenícia que possibilitou o aprimoramento das técnicas de produção de artigos em cerâmica. Também foi constatado que além das tecnologias que vão desde os equipamentos até as técnicas de investigação utilizadas pelos arqueólogos para descobrir a composição dos objetos cerâmicos se faz necessário contrastar aspectos geológicos, históricos, geográficos e cronológicos que ajudam a esclarecer as origens destes objetos para no final do processo classificá-los como originários dos Tartessos ou não.

Palavras-chave: Tartessos. Fenícios. Aculturação. Cerâmica. Arqueólogos.

ABSTRACT

This research has as its general objective the investigation and confirmation of the probable Phoenician influences on tartessa ceramic production techniques. It has as specific objectives the identification of the investigation techniques and criteria used by archaeologists to classify the ceramic objects of tartessa origin. The methodology used in the elaboration of this research is qualitative and the sources used are scientific articles published in electronic magazines and texts published in sites related to the theme. The bibliographical survey, literature review, investigation of the facts and analysis of the data collected were carried out. The results achieved by this work show that there was a process of acculturation of the Tartessian civilization in relation to the Phoenician civilization that enabled the improvement of the techniques of production of ceramic articles. It was also found that in addition to technologies ranging from equipment to the investigation techniques used by archaeologists to discover the composition of ceramic objects, it is necessary to contrast geological, historical, geographical and chronological aspects that help to clarify the origins of these objects in order to classify them as originating from the Tartessians or not.

Keywords: Tartessos. Phoenicians. Acculturation. Ceramics. Archaeologists.

ABSTRACTO

Esta investigación tiene como objetivo general indagar y confirmar las probables influencias fenicias en las técnicas de producción cerámica de Tartessos. Teniendo como objetivos específicos la identificación de técnicas y criterios de investigación utilizados por los arqueólogos para clasificar objetos cerámicos de origen Taressa. La metodología utilizada en la elaboración de la investigación contemporánea es cualitativa y las fuentes utilizadas son; artículos científicos publicados en revistas electrónicas y textos publicados en sitios web relacionados con el tema. Se realizó levantamiento bibliográfico, revisión bibliográfica, investigación de los hechos y análisis de los datos recolectados. Los resultados alcanzados por este trabajo muestran que hubo un proceso de aculturación de la civilización Taressa en relación a la civilización fenicia que posibilitó la mejora de las técnicas de producción de artículos cerámicos. También se encontró que además de las tecnologías que van desde equipos hasta técnicas de investigación utilizadas por los arqueólogos para descubrir la composición de los objetos cerámicos, es necesario contrastar aspectos geológicos, históricos, geográficos y cronológicos que ayuden a esclarecer el origen de estos objetos para la final del proceso los clasifica como originarios de tartesas o no.

Palabras clave: Tartessos. fenicios. Aculturación. Cerámica. Arqueólogos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho almeja verificar as possíveis interações culturais entre os tartessos e fenícios com enfoque na produção de cerâmica. Visto a possibilidade de os tartessos terem assimilado técnicas de produção de cerâmicas fenícias que lhes permitiram o aprimoramento desta atividade artesanal.

Através das fontes utilizadas nesta pesquisa é possível notar as alterações de design e coloração das peças em cerâmica tartessas que em comparação com as peças fenícias adquiriram certa similitude com o passar do tempo.

A pesquisa pretende responder às seguintes questões: em que medida o trabalho arqueológico ajuda na investigação sobre a cultura material tartessa e possíveis influências fenícias e quais os fatores que são determinantes para identificar a produção de cerâmica originalmente tartessa?

Para responder a problematização da pesquisa, observa-se as seguintes hipóteses; o trabalho arqueológico é fundamental para analisar e identificar a composição dos objetos cerâmicos somado aos fatores geográficos, históricos e geológicos. A comparação das características da cerâmica fenícia com as cerâmicas tartessas no que especialistas chamam de período orientalizante, podem revelar as semelhanças e confirmar um legado fenício aos Tartessos nesse sentido.

O objetivo geral do presente trabalho é investigar e confirmar possíveis influências fenícias na produção de cerâmica tartessa. Os objetivos específicos consistem em identificar as técnicas de investigação e os critérios utilizados pelos arqueólogos para classificação dos objetos cerâmicos Tartessos.

Este trabalho possui relevância por se tratar de um tema complexo com certa escassez de fontes e que traz informações valiosas para estudiosos do tema em questão. Podendo ser úteis para os estudantes de vários níveis escolares e para a sociedade como um todo de forma direta ou indireta.

A metodologia utilizada na confecção da pesquisa foi de abordagem qualitativa, havendo o levantamento bibliográfico, revisão bibliográfica e análise de dados, tendo a investigação como linha mestra do trabalho. As fontes utilizadas foram textos publicados em sites relacionados ao tema e artigos científicos publicados em revistas eletrônicas.

O LEGADO FENÍCIO NA PRODUÇÃO DA CERÂMICA TARTESSA

A arqueologia com a ajuda da historiografia nos revela a produção da cultura material tartessa. No tocante a produção de artefatos em cerâmica é preciso identificar o que é realmente produzido pelos tartessos dentre outros povos, inclusive os fenícios que também produziam seus artefatos em cerâmica. Esta pesquisa através da investigação e análise se propõe a identificar possíveis diferenças entre artefatos em cerâmica tartessa e fenícia.

UM PARALELO DOS ARTEFATOS CERÂMICOS ENTRE TARTESSOS E FENÍCIOS

Os Gregos e os fenícios, ambos produziam artigos em cerâmica assim como os Tartessos e todos esses grupos que habitavam a Andaluzia ou regiões próximas.

No que concerne a olaria, temos evidências da presença grega na atual cidade de Huelva, tradicionalmente compreendida enquanto área tartésica. Arqueologicamente foram encontrados, em 1980, um conjunto cerâmico grego de período arcaico (6 taças, 1 cântaro, 3 tigelas, 1 lâcana, 1 enócoa, dentre jarras, ânforas, crateras, lamparinas e terracotas) na cidade de Huelva (essa que voltaremos a comentar posteriormente) (LIMA, 2018, p. 171).

Essas descobertas levaram os pesquisadores a crerem nas atividades gregas na região. De início, pensou-se em importações intermediadas pelos fenícios. “No entanto, o tom dessas produções chamou a atenção” (LIMA, 2018, p. 172). A cor da cerâmica da região de Huelva levou os pesquisadores à desconfiança.

O que salta aos olhos sobre essa cerâmica é a tonalidade de sua pasta: de cor amarelo-esverdeada (Munsell entre 5Y7/2, 5Y7/3 e 5Y6/3), característica que causou estranheza por parte dos pesquisadores até ser comprovada por análises (difração por raio-X e ativação neutrônica) que se trata de uma produção realizada *in situ* dada a sua constituição mineralógica. (LIMA, 2018, p. 172, grifo do autor).

Como é percebido, através da tecnologia é estabelecido parâmetros de comparação. Para Lima (2018, p.172), é preciso ter cautela ao analisar o povo Tartesso, pois, mesmo que os Tartessos sejam uma versão grega em forma nativa, não se pode afirmar que eles não sofreram influência fenícia. É através das fontes utilizadas no presente trabalho que será realizada a investigação de uma possível influência fenícia na produção da cerâmica tartessa a partir daqui.

Es la faciès orientalizante, representada por la aparición de las primeras cerámicas a torno, en las necrópolis y poblados tartessos, que son consecuencia del impacto o influencia fenicia, que se inicia tanto en costas como en el interior, remontando los cauces fluviales. Suponen una aculturación de poblaciones indígenas, que arrinconan viejas técnicas de elaboración de cerámica a mano. Cronológicamente se extienden desde finales del VIII hasta una línea imprecisa de los siglos VII-VI a.C. (NEIRA; PALOMO; CONTRERAS, 1994, p. 33).

Analisando a citação acima, percebe-se que os autores Neira *et al.*, (1994, p. 33) através de seus estudos afirmam que os Tartessos sofreram influência fenícia na produção de cerâmica.



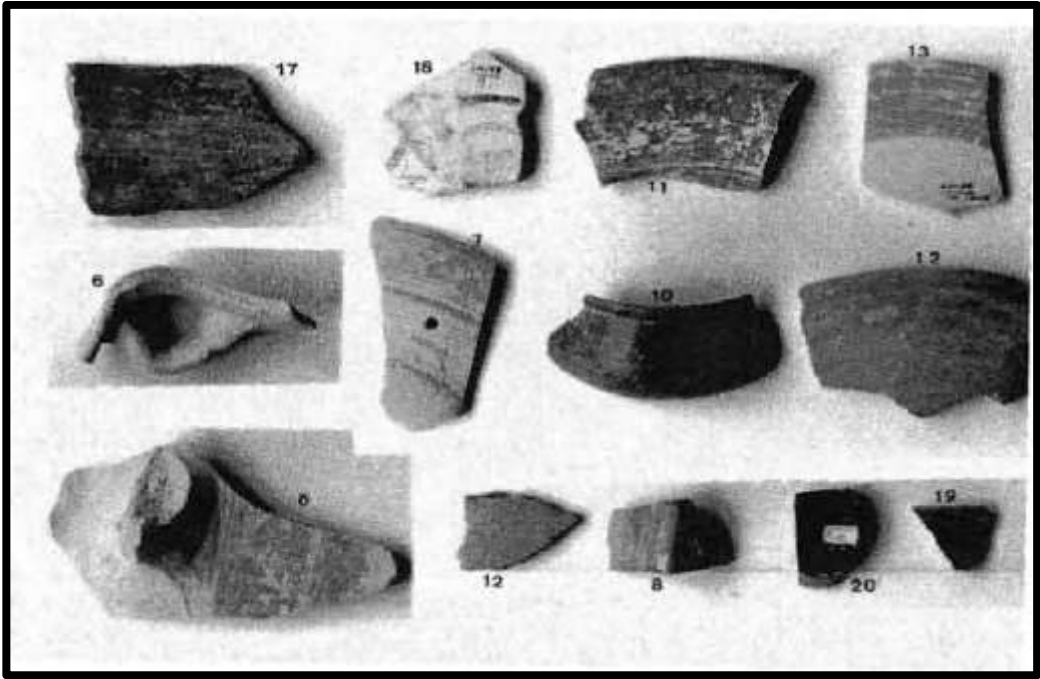
Fonte:Disponívelem<<http://virtualarchaeology.sardegna.cultura.it/index.php/es/yacimientos-arqueologicos/eta-fenicio-punica/area-archeologica-di-monte-sirai/restos-arqueologicos/3016-ceramiche-fenicie-piu-antiche-3>>. Acesso em 22 dez. 2021.

Em Neira *et al.*, (1994, p. 33), a produção de cerâmica tartessa é compreendida em três fases sendo elas fase 1: chamada de cultura do bronze final; fase 2: fases orientalizantes; fase 3: correspondente a cultura Ibérica.

Fase I. Cultura del Bronce Final. Trata-se de materiales elaborados mediante la técnica del modelado del barro, con la que se obtienen cacharos de tipología diversa, si bien destacan los platos y fuentes de labio marcado mediante una arista o carena que sobresale en la parte media-alta del vaso. Las superficies, generalmente bruñidas antes de la cocción, suelen presentar brillo sub-metálico y tonalidad gris. Forman parte de ajuares difundidos por los tartessos poco antes de las colonizaciones fenicias y griegas en el Mediterráneo. Corresponden pues a un mundo indígena precolonial cuya área nuclear es Huelva y el Bajo Guadalquivir, es decir, el foco clásico de Tartessosl. Comprenden los siglos IX al VIII a.C. (NEIRA; PALOMO; CONTRERAS, 1994, p. 33).

Vamos agora nos ater aos estudos demonstrados por Neira *et al.* (1994, p 34-35) que foram realizados nas seguintes regiões: [...] “al Hacho de Benamejí, las Laderas de Morana (en Lucena), Monturque y la Muela de Santaella, (todas de la provincia de Córdoba), y representan la variedad que supuso la Turdetania”. (NEIRA; PALOMO; CONTRERAS, 1994, p. 34).

Figura 2. Fragmentos de peças em cerâmicas proto-históricas



Fonte: (NEIRA; PALOMO; CONTRERAS, 1994, p. 35).

Na tabela abaixo está catalogado por fases a composição destes fragmentos cerâmicos por regiões.

Tabela 1. Composição dos fragmentos em cerâmica por localidades

Muestra	Fase	Situación	Descripción
91-5	III	Benamejí	Heterogénea, poco porosa, granos visibles (cuarzo, feldespato, calcita), con núcleos de «charro» oscuros, con núcleo diferenciado. Ocre claro. Pintada.
91-6	III	Benamejí	Homogénea, grano muy fino, sin diferenciación, granos de cuarzo y calcita escasos. Núcleos oscuros en superficie.
91-7	III	Lucena	Homogénea, porosa, granos de cuarzo (alguna idiomorfia), feldespato, mica y F.R., color rojizo. Sin diferenciación. Pintada a 2 colores.
91-8	I	Aguilar-Montq.	Heterogénea, porosa, con núcleo gris pardo diferenciado, granos de cuarzo. Parda oscura. Superficie pulida (en parte vitrificada).
91-9	I	Aguilar-Montq.	Heterogénea, muy porosa, núcleo diferenciado gris oscuro, granos finos de cuarzo y feldespato, superficie satinada.
91-10	I	Aguilar-Montq.	Heterogénea, poco porosa, grano fino (cuarzo, F. R., mica en exterior), suave diferenciación de bordes, color amarillento.
91-11	III	Morturque	Homogénea, poco porosa, grano fino (cuarzo, F. R., mica en exterior), suave diferenciación de bordes, color amarillento.
91-12	I	Aguilar-Montq.	Relativamente homogénea, diferenciada: núcleo gris oscuro, bordes pardo rojizo, pequeños poros, granos de cuarzo y F. R. Satinada y agrietada.
91-13	III	Santaella	Homogénea, microporosa, granos finos de cuarzo roto, sin bordes diferenciados, pintada. Color amarillo rojizo.
91-14	III	Santaella	Homogénea, microporosa, granos finos (cuarzo roto), sin diferenciar. Pintada. Amarillenta rojiza.
91-15	I	Santaella	Heterogénea, muy porosa, bastante granuda (granos de F.R. y escaso cuarzo), con núcleos rojizos. Diferenciada: núcleo gris, bordes pardos. Satinada.
91-16	I	Aguilar-Montq.	Heterogénea, porosa, granuda (poco de tamaño fino), con cuarzo y F.R., Diferenciada. Pintada y satinada.
91-17	I	Santaella	Heterogénea, muy porosa, con granos rodados de cuarzo y feldspatos, diferenciada, color gris. Dos diámetros de grano. Pintada, apenas pulida.
91-18	II	Santaella	Homogénea, granos finos de: cuarzo y feldespato, microporosa, sin diferenciar, núcleos de óxido. Color ocre. Pintada en dos colores.
91-19	I	Huelva	Homogénea, porosa, con abundante cuarzo fino, diferenciada: bordes pardos, núcleo negro. Satinada.
91-20	I	Huelva	Homogénea, porosa, abundante cuarzo fino y roto, apenas diferenciada. Satinada.

Fonte: (NEIRA; PALOMO; CONTRERAS, 1994, p. 34).

Como pode ser observado na figura abaixo, a tonalidade da cerâmica devido a presença do bronze nas peças possui cores diferentes das peças tradicionais produzidas somente em argila, feldspato, quartzo, silício entre outros em comparação com produção de outros povos. Cabe salientar para a melhor compreensão da produção de cerâmica dos povos localizados na Península Ibérica que a utilização do bronze e do ferro não está restrita a somente um povo como pode ser observado em (GAMITO, 1990, p. 292). Ou seja, não eram somente os Tartessos que produziam este tipo de cerâmica.

Embora as técnicas de decoração de efeitos brunidos sobre a superfície de vasos igualmente brunidos já se tivessem desenvolvido nas culturas de Golassecca e Hallstatt, e daí sido possivelmente transmitidas para outras zonas

da Europa e chegada ao sudoeste peninsular, aqui apresentou outras características, nomeadamente nas formas dos vasos onde aparecem aplicadas. Nesse sentido, dever-se-á considerar que a origem deste tipo específico de cerâmicas congêneres de tipo hallstattico que penetraram pela mesma época na Península Ibérica, acompanhando outros fenômenos que então aqui também se observam como é o caso de grande parte dos elementos decorativos das estrelas de tipo “Extremadura” [...] (GAMITO, 1990, p. 292).

De acordo com Gamito (1990, p. 292), ainda que as cerâmicas hallstatticas se assemelhassem com as produzidas pelos tartessos, havia elementos de diferenciação entre ambas. “De recordar ainda os desenhos geométricos-simples paralelas, losangos, triângulos, trapézios, efeitos de xadrez-que aparecem neste tipo de decoração [...]”. Estas características são de diferentes influências, mas que segundo Gamito (1990, p. 292) foram classificadas como orientalizantes (GAMITO, 1990, p. 292).

Figura 3. Jarro tartesso de Valdegamas



Fonte: Disponível em < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jarro>>. Acesso em 22 dez. 2021.

Fase II. Es la faciès orientalizante, representada por la aparición de las primeras cerámicas a torno, en las necrópolis y poblados tartessos, que son consecuencia del impacto o influencia fenicia, que se inicia tanto en costas como en el interior, remontando los cauces fluviales. Suponen una aculturación de poblaciones indígenas, que arrinconan viejas técnicas de elaboración de cerámica a mano. Cronológicamente se extienden desde finales del VIII hasta una línea imprecisa de los siglos VII-VI a.C. (NEIRA; PALOMO; CONTRERAS, 1994, p. 33).

Provavelmente os fenícios influenciaram outros povos na produção de cerâmica, porém a presente pesquisa se concentra nas nuances culturais entre tartessos e fenícios apenas. Pelo que se pode observar é que houve aprimorações na técnica da produção de cerâmicas tartessas com a convivência com os fenícios.

Figura 4. Comparação da produção das cerâmicas Tartessas



Fonte: Disponível em < https://es.wikipedia.org/wiki/Cer%C3%A1mica_tartesia>. Acesso em 22 dez. 2021.

À medida que a produção de cerâmica tartessa passa a sofrer influência dos fenícios no chamado período orientalizante. As peças passam a ganhar formas e cores diferentes e principalmente os desenhos que ficam ainda mais parecidos com a cerâmica fenícia.

Não podemos deixar de mencionar estes exemplares da ourivesaria do Sudoeste peninsular pela importância que o fenômeno revela: são todas elas, jóias de origem peninsular, isto é, o produto da manufatura de artífices peninsulares, por vezes usando técnicas complexas como as de granulação e filigrana, há pouco introduzidas na Península, mas ainda tocando, pela sua contemporaneidade, com os torques maciços atrás referidos, dos quais não possuímos quaisquer contextos seguros, sendo todos oriundos de depósitos ou tesouros escondidos há muito, ou encontrados e transacionados sem outras referências (GAMITO, 1990, p. 292).

Figura 5. Jarros Tartésicos



Fonte: (DEAMOS *et al.*, 2004, p. 153).

É pertinente salientar que no tocante ao processo de interação comercial e cultural entre tartessos e fenícios que possibilitou o aprimoramento das técnicas na produção de cerâmica tartessa. Que esse processo não ocorre pela imposição colonizadora fenícia e sim por interações “espontâneas”.

Observando a cronologia e o trabalho arqueológico desenvolvido nas regiões do sudoeste peninsular no que envolve o trabalho científico e o uso de técnicas e tecnologias é possível distinguir as características dos artefatos produzidos pelos tartessos conforme aponta Gamito (1990, p. 292-293):

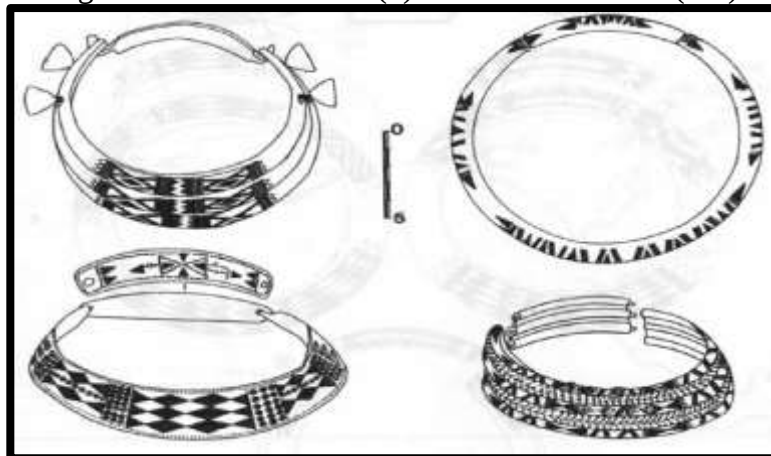
Na verdade, mesmo que os torques maciços com decoração geométrica incisa possam ser considerados um pouco anteriores, prolongaram-se certamente, tal como a cerâmica, até ao século VI a.C. Aspecto que nos sugere os braceletes de Grândola, que, usando as técnicas de cera perdida e de granulação, apresentam os terminais em campânula como os torques de Sintra. Este momento terá correspondido também ao apogeu da cultura Tartéssica no Sudoeste peninsular (GAMITO, 1990, p. 292-293).

A ourivesaria tartessa ao contrário da cerâmica parece ter tido uma predominância maior, tratando-se de uma qualidade artesanal muito grande. No que as fontes indicam os tartessos eram pioneiros na produção de artigos de luxo em metais, com destaque para o ouro por ser um material de fino acabamento, brilho e contornos sofisticados. Todos esses fatores reunidos, somado às técnicas que mesmo para a época eram muito sofisticadas, é que fazem do povo Tartesso grandes joalheiros e os tornam economicamente prósperos e comerciantes em potencial.

Não podemos deixar de salientar este aspecto: não só o estudo das cerâmicas nos permite dar um contexto cronológico mais preciso às jóias do Sudoeste peninsular, como estamos perante um fenômeno muito específico que se verifica nesta zona da Península Ibérica, refletindo uma intencionalidade no

uso de elementos decorativos especiais que ocorrem sempre que se pensa em decorar algo. Essa coincidência corresponde por certo a uma identidade sociocultural muito específica, e que no nosso entender é já a que vemos, pela mesma época, designada por **Tartessos** pelos autores clássicos (GAMITO, 1990, p. 293).

Figura 6. Colar de Sintra (1) e colares de Moura (2-4)



Fonte: (GAMITO, 1990, p. 293).

Como pode ser observado nas imagens acima, é visivelmente perceptível que os Tartessos possuíam altas habilidades, tratando-se das técnicas mineralógicas e de ourivesaria. Este domínio da fabricação de artigos em metais era o ponto crucial que dava aos Tartessos o poder atrativo das relações comerciais, inclusive com os fenícios; povo detentor de vários artigos de luxo e que eram cobiçados por vários povos, os quais possuíam relações comerciais.

Se por um lado os fenícios dominavam a arte de produção sofisticada da cerâmica, por outro, os Tartessos dominavam a arte da produção de joias. As cerâmicas que segundo Vilaça *et al.* (2018, p. 56), foram predominantemente assumidas como fóssil-diretor da cultura tartessa de forma consensual e que atualmente não é mais percebida assim, são as do “tipo Carambolo”.

As cerâmicas que designamos de “tipo Carambolo” correspondem a um número reduzido de pequenos fragmentos que ostentam a peculiar decoração pintada a vermelho. Essa classificação deve ser entendida em termos estritamente estilístico-decorativos, permanecendo em aberto a questão da sua origem de fabrico, assunto que, todavia, discutiremos adiante (VILAÇA *et al.*, 2018, p. 56).

Estudos arqueológicos remontam a construção historiográfica no sentido de dar exclusividade aos Tartessos na produção da cerâmica de Carambolo. As escavações realizadas entre os anos de 2002-2005, segundo Vilaça *et al.* (2018, p. 56), apontaram para a existência de um santuário fenício expresso dentro de um complexo de estruturas arquitetônicas com remodelações sucessivas.

Trata-se, evidentemente, de uma região distante e marginal, na geografia e nas problemáticas específicas, da zona nuclear desse tipo de cerâmicas, centrada no Baixo Guadalquivir. Distante e marginal, mas não desconexa, uma vez que

são diversos os elementos arqueológicos que autorizam abordagens articuladas entre ambas às regiões, nas quais a presença do Mediterrâneo se fez sentir, embora com intensidades e contornos culturais claramente distintos, entre finais do II milénio a. C. e os primeiros séculos do seguinte (VILAÇA 2008b; 2013a). Neste sentido, não cabe aqui qualquer discussão aprofundada sobre as questões inerentes a essa região andaluza nem, tão-pouco, uma análise global sobre esta categoria de cerâmica, que Carriazo denominou de “tipo Carambolo” (“classe 18”) pelos surpreendentes achados efectuados [...] (VILAÇA *et al.*, 2018, p. 56).

Não desconsiderando a produção tartessa das cerâmicas de Carambolo e levando em consideração os vestígios arqueológicos que identificam o santuário fenício na região da produção deste tipo de cerâmica. É possível realizar a análise de que os fenícios, como aponta Vilaça *et al.* (2018, p. 56) influenciaram os tartessos na produção de cerâmica do tipo Carambolo. “A verdade é que Tartessos parece ser uma criação exo-étnica, de gregos e de romanos, projectada sobre uma realidade provavelmente muito diversificada, como já referiram muitos outros autores” [...] (ARRUDA, 2013, p. 212). Mas, que sem dúvida foram marcados pela cultura fenícia em vários aspectos, inclusive na cultura material.

Na concepção de Caro Bellido (1989, p. 12), os Tartessos passam pelo processo de colonização fenício, orientalizam-se e se aculturam. Isso explica basicamente o enfoque que foi dado no presente trabalho com relação aos tartessos e fenícios.

La veintena de formas recogidas hablan de las fechas en que **Tartessos** se coloniza, se orientaliza, se acultura. Hablan de la extensión geográfica del supuesto reino de las fuentes. Marcan las vías de penetración y las relaciones existentes entre tartesios y fenicios y entre los núcleos tartesios entre sí. Definen la evolución cultural y un sinnúmero de detalles básicos para comprender la cultura (CARO BELLIDO, 1989, p. 12, grifo do autor).

No excerto acima se percebe que o autor Caro Bellido (1989), refere-se às interações culturais entre tartessos e fenícios como um processo de aculturação mencionando que houve uma evolução cultural dos Tartessos nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratando-se da produção da cerâmica tartessa, o trabalho arqueológico com todas as tecnologias disponíveis que ajudam na identificação e classificação dos artefatos cerâmicos produzidos por esses povos é de fundamental importância para a montagem do “quebra-cabeças”. Obviamente, o trabalho de descoberta da cultura material tartessa não se restringe a arqueologia apenas, pois é um trabalho acima de tudo, investigativo que engloba aspectos, históricos, geológicos, geográficos e cronológicos, levando também em consideração a historiografia. Todos esses fatores juntos favorecem um trabalho arqueológico mais eficiente que fornece subsídios para a escrita da história tartessa.

A presente pesquisa denota a influência que os fenícios exerceram na produção da cultura material dos tartessos no tocante a produção de artefatos em cerâmica. Com a convivência entre fenícios e tartessos os artefatos cerâmicos tartessos ao passar do tempo ganharam novos contornos, desenhos e tonalidades que os estudiosos do tema denominam de orientalizante, o que alguns veem como um processo de aculturação que culminou no aprimoramento da produção cerâmica tartessa. Já na produção de joias no que envolve a mineralogia e ourivesaria, os tartessos aparecem na historiografia como excelentes ourives. Embora, seja pertinente um estudo em uma próxima oportunidade, com o objetivo de identificar se os fenícios contribuíram para o aprimoramento das técnicas de ourivesaria tartessa e em que medida contribuiu.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, A. M. Do que falamos quando falamos de tartessos. Tarteso: el emporio del metal, p. 211-222, 2013. Disponível em <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10182/1/Arruda%202013.pdf>>. Acesso em 9 nov. 2021.
- CARO BELLIDO, A. Cerámica gris a torno tartesia. Universidad de Cádiz, 1989. Disponível em <<https://rodin.uca.es/handle/10498/25236>>. Acesso em 9 nov. 2021.
- DEAMOS, María Belén; MORILLO, Maria Carmen García; BOBILLO; Ana Rut; ROMÁN, Juan Manuel. Imaginería orientalizante en cerámica de Carmona (Sevilla). Huelva Arqueológica 20, in. Actas del III Congreso Español de Antiguo Oriente Próximo, Revista Huelva Arqueológica, n. 20, 2004. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/revista/669/A/2004>>. Acesso em 15 jan. 2021.
- LIMA, R. A de. (Re) pensando tartessos: uma nova síntese bibliográfica entre a História e a Arqueologia. Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino, v. 1, n. 2, 2018. Disponível em <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/nhipe/article/view/6068>>. Acesso em 9 nov. 2021.
- GAMITO, T. J. A cerâmica de retícula brunida do Castro dos Ratinhos (Moura). O Arqueólogo Português, p. 277-297, 1990. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_4/volume_8_10/ceramica_reticula_brunida.pdf>. Acesso em 9 nov. 2021.
- NEIRA, J. Barrios; PALOMO, JL Lopez; CONTRERAS, L. Montealegre. Caracterización mineralógica y petroestructural de cerámicas protohistóricas. Bol. Soc. Esp. Ceram. Vidr, v. 33, n. 1, p. 33-50, 1994. Disponível em <<http://boletines.secv.es/upload/199433033.pdf>>. Acesso em 9 nov. 2021.
- SARDEGNA VIRTUAL ARCHAEOLOGY. Restos Arqueológicos: cerámica fenicia más antigua. Disponível em <<http://virtualarchaeology.sardegna.cultura.it/index.php/es/yacimientos-arqueologicos/eta-fenicio-punica/area-arqueologica-di-monte-sirai/restos-arqueologicos/3016-ceramiche-fenicie-piu-antiche-3>>. Acesso em 22 dez. 2021.
- VILAÇA, R.; SOARES, I.; OSÓRIO, M.; GIL, F. Cerâmicas pintadas de tipo carambolo na Beira Interior (centro de Portugal). SPAL, v. 27, n. 2, p. 55-88, 2018. Disponível em <<https://idus.us.es/handle/11441/79452>>. Acesso em 9 nov. 2021.
- WIKIPÉDIA. Cerámica tartesia. Disponível em <https://es.wikipedia.org/wiki/Cer%C3%A1mica_tartesia>. Acesso em 22 dez. 2021.
- Evolución y características. Disponível em <https://es.wikipedia.org/wiki/Cer%C3%A1mica_tartesia>. Acesso em 22 dez. 2021.
- Tartesso. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tartesso>>. Acesso em 22 dez. 2021.

O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TICs NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

THE TEACHER'S ROLE IN FRONT OF THE USE OF INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES - ICTs IN YOUTH AND ADULT EDUCATION - EJA

EL PAPEL DEL DOCENTE FRENTE AL USO DE LAS TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y LA COMUNICACIÓN - TIC EN LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS – EJA

Fabio da Silva Vilanova
vilanovafabio@yahoo.com.br

VILANOVA, Fabio da Silva. **O papel do professor frente o uso das tecnologias da informação e comunicação - tics na educação de jovens e adultos - eja**. Revista International Integralize Scientific, Ed.10, n.1, p. 72-78, abril/2022. ISSN/2675-5203.

RESUMO

Parte-se do entendimento de que a Educação de Jovens e Adultos- EJA é uma modalidade de ensino, amparada por lei e voltada para pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade apropriada. Cabe destacar que os alunos desta modalidade de ensino, são pessoas que têm cultura própria. Dentro dessa lógica, é preciso também, que a sociedade compreenda que alunos da EJA vivenciam problemas como: preconceito, vergonha, discriminação, críticas dentre tantos outros. E que tais questões são vivenciadas tanto no cotidiano familiar como na vida em comunidade. Nesse sentido, cabe deixar destacado que a EJA é uma educação possível e capaz de mudar significativamente a vida de uma pessoa, permitindo-lhe reescrever sua história de vida.

Palavras-Chave: Educação. Jovens. Adultos. Eja. Desafios.

ABSTRACT

It starts from the understanding that Youth and Adult Education - EJA is a teaching modality, supported by law and aimed at people who did not have access, for some reason, to regular education at the appropriate age. It should be noted that the students of this type of education are people who have their own culture. Within this logic, it is also necessary for society to understand that EJA students experience problems such as: prejudice, shame, discrimination, criticism, among many others. And that such issues are experienced both in everyday family life and in community life. In this sense, it is worth noting that EJA is a possible education capable of significantly changing a person's life, allowing them to rewrite their life story.

Keywords: Education. Young. Adults. Yeah. Challenges.

ABSTRACTO

Se parte del entendimiento de que la Educación de Jóvenes y Adultos - EJA es una modalidad de enseñanza, avalada por la ley y dirigida a personas que no tuvieron acceso, por alguna razón, a la educación regular en la edad adecuada. Cabe señalar que los estudiantes de este tipo de educación son personas que tienen su propia cultura. Dentro de esta lógica, también es necesario que la sociedad comprenda que los estudiantes de EJA experimentan problemas como: prejuicio, vergüenza, discriminación, crítica, entre muchos otros. Y que tales cuestiones se viven tanto en la vida familiar cotidiana como en la vida comunitaria. En este sentido, vale la pena señalar que EJA es una educación posible capaz de cambiar significativamente la vida de una persona, permitiéndole reescribir su historia de vida.

Palabras clave: Educación. Joven. adultos Sí. Desafíos.

INTRODUÇÃO:

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o papel do professor frente ao uso das TICs na EJA, procurando apresentar alguns aspectos teóricos metodológicos, voltados para esta modalidade de ensino, como também, procura-se destacar a importância da EJA para uma

possível formação profissional e melhor expectativa de vida. Para tanto, utilizaremos da pesquisa bibliográfica, com abordagem histórica e sociológica.

É perceptível que o final do século XX e início do século XXI são marcados pela explosão científico - tecnológica que abre possibilidades para a criação/produção do conhecimento e seu desenvolvimento. Essa explosão impregna as sociedades, interconectando o mundo, numa rica e complexa teia de inter - relações em que são quebradas as barreiras de comunicação, tornando as distâncias irrelevantes. Hoje, diante do avanço científico - tecnológico, vemos-nos rodeados pelas suas mais diversas manifestações: telefones celulares, *notebooks*, TVs de plasma, internet sem fio, realização de reuniões, pesquisas, conferências, compras à distância etc.

Dentro desse entendimento, pode-se dizer que o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na Educação de Jovens e Adultos, amplia as possibilidades de acesso ao conhecimento, à cultura, ao lazer, à cidadania e principalmente a autonomia, que ainda é o maior desafio que a escola enfrenta em todos os níveis de ensino.

Cabe destacar que a educação de jovens e adultos é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que a tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários.

Dentro desse entendimento acredita-se que educar é muito mais que reunir pessoas numa sala de aula e transmitir-lhes um conteúdo pronto. É papel do professor, especialmente do professor que atua na EJA, compreender melhor o aluno e sua realidade diária. Enfim, é acreditar nas possibilidades do ser humano, buscando seu crescimento pessoal e profissional.

Porem nem sempre esse entendimento percorreu a história da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A sua história apresenta muitas variações ao longo do tempo, demonstrando estar estreitamente ligada às transformações sociais, econômicas e políticas que caracterizaram os diferentes momentos históricos do país.

Não podemos deixar de destacar que a história da EJA aqui no Brasil está intimamente ligada a Paulo Freire. O Sistema Paulo Freire, desenvolvido na década de 60, teve sua primeira aplicação na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. E, com o sucesso da experiência, passou a ser conhecido em todo País, praticado por diversos grupos de cultura popular.

A proposta de educação de Paulo Freire baseia-se na realidade do educando, levando-se em conta suas experiências, suas opiniões e sua história de vida. Esses dados devem ser organizados pelo educador, a fim de que as informações fornecidas por ele, o conteúdo preparado para as aulas, a metodologia e o material utilizados sejam compatíveis e adequados às realidades presentes.

Ou seja, educadores e educandos devem caminhar juntos, interagindo durante todo o processo de alfabetização. É importante que o adulto alfabetizando compreenda o que está sendo ensinado e que saiba aplicar em sua vida o conteúdo aprendido na escola. O chamado "método" Paulo Freire tem como objetivo a alfabetização visando à libertação.

Para isso é de fundamental importância a formação do professor para atuar nesta modalidade de ensino. Pois, o educador deve ter consciência de sua força no desenvolvimento do educando.

Visto que, a educação de jovens e adultos requer do educador conhecimentos específicos no que diz respeito ao conteúdo, metodologia, avaliação, atendimento, entre outros, para trabalhar com essa clientela heterogênea e tão diversificada culturalmente.

Nesse sentido, o professor da EJA deve compreender a necessidade de respeitar a pluralidade cultural, as identidades, as questões que envolvem classe, raça, saber e linguagem dos seus alunos, caso contrário, o ensino ficará limitado à imposição de um padrão, um modelo pronto e acabado em que se objetiva apenas ensinar a ler e escrever, de forma mecânica.

Ou seja, os educadores que se comprometem com a Educação de Jovens e Adultos, têm que possuir consciência da necessidade de buscar mecanismos, métodos e teorias que estimulem o público alvo a não abandonar a sala de aula, sendo um professor estimulador, e mediador de seus alunos.

Esses educadores devem ser comprometidos com a aprendizagem dessas pessoas, adequando métodos incessantemente cada vez mais relacionados à realidade do público que estão trabalhando, inserindo no currículo a realidade do aluno. Enfim, o que se pretende com a educação de jovens e adultos é dar oportunidade igual a todos.

O USO DAS TICS E A FUNÇÃO DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

Inicia-se afirmando que os recursos tecnológicos podem ser ferramentas importantes na aprendizagem na escola em qualquer modalidade de ensino. Ainda assim, apesar dos benefícios desses recursos, constata-se que estes não são muito utilizados na Educação de Jovens e Adultos. O Documento Base Nacional Preparatório a VI Confinteia, é um documento que retrata a realidade e necessidades da Educação de Jovens e Adultos e também estabelece estratégias de melhoria da qualidade de ensino nessa modalidade educativa. Uma das estratégias apresentadas neste documento é o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação para a Educação de Jovens e Adultos. Com relação a isso o documento relata:

As TICs se espalham na prática social de forma irrecorível, mudando a vida, as relações e as lógicas de apropriação do tempo e espaço, agora submetidos a novos ordenamentos e apreensões. Convive-se com antigas tecnologias, mas não se abre mão das novas em todos os campos da vida social e cuida-se de evitar que novas exclusões sejam processadas. (BRASIL, 2008, p. 18).

O trecho abordado acima mostra que o contexto social exige o uso das tecnologias e utilizá-las não muda somente a forma de agir, mas, sim, a forma de viver e relacionar dos indivíduos. A escola deve proporcionar um equilíbrio do uso das antigas e das novas tecnologias para que não se reproduza a exclusão não somente digital, mas a exclusão social por não permitir que os alunos especialmente da Educação de Jovens e Adultos tenham acesso às tecnologias como qualquer outro cidadão.

Importante dizer que esses recursos tecnológicos precisam ser incorporados ao trabalho do professor para que possam ser benéficos no processo de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos.

Na contemporaneidade não se pode descartar o ambiente virtual multimídia e o papel das tecnologias da informação e comunicação TICs como recursos pedagógicos à ação do professor, pelo que têm possibilitado ao desenvolvimento de processos de aprendizado, ao acelerarem o ritmo e a quantidade de informações disponibilizadas, ao favorecerem o surgimento de novas linguagens e sintaxes, enfim, ao criarem novos ambientes de aprendizagem que podem ser postos a serviço da humanização e da educação de sujeitos. Vai-se do real ao virtual, do analógico ao digital, educam-se novos gostos, escolhas, percepções

para a qualidade da imagem, do movimento, da capacidade de alcançar regiões e locais remotos nunca antes imaginados, em tempo real, sem defasagens que lembrem distâncias e longas esperas. (BRASIL, 2008, p.17–18)

Dentro dessa lógica de raciocínio acrescenta-se que a escola precisa proporcionar aos alunos de todas as idades o acesso às diversas formas de conhecimento, além do acesso à cultura e à arte. No ensino regular básico, isto é, no Ensino Fundamental e Médio esse acesso é facilitado devido ao maior investimento do governo nessas modalidades, já na Educação de Jovens e Adultos, a situação é diferente. Como a maior parte dessa modalidade de ensino é ofertada no turno noturno, é dificultado o acesso presencial em instituições culturais e artísticas como museus, exposições de arte entre outros locais que funcionam somente no horário diurno. Além disso, a Educação de Jovens e Adultos é considerada como uma educação compensatória e aligeirada no Brasil e devido a isso o investimento ao acesso à cultura e a arte é limitado ou escasso.

Ao permitir o acesso às tecnologias tais como: computadores ligados à internet, filmes, vídeos e outros, os alunos jovens e adultos passam a ter maior acesso às manifestações culturais e artísticas, e por meio dessas tecnologias o acesso ao conhecimento é maior, perpassando barreiras, sócio-culturais e regionais. Em detrimento dessa exigência social, a Declaração de Hamburgo propõe medidas a longo prazo para a melhoria da qualidade da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Uma dessas medidas é o item 20, do acesso à informação. A Declaração de Hamburgo salienta:

[...] O desenvolvimento de novas tecnologias, nas áreas da informação e comunicação, traz consigo novos riscos de exclusão social para grupos de indivíduos e de empresas que se mostram incapazes de se adaptar a essa realidade. Uma das funções da educação de adultos, no futuro, deve ser o de limitar esses riscos de exclusão, de modo que a dimensão humana das sociedades da informação se torne preponderante. (UNESCO, 1997, p.26).

Desde 1997 quando foi apresentada essa proposta de inclusão digital, observa-se que caminhamos pouco com relação a esse processo. Muitas barreiras necessitam ser quebradas para a diminuição da exclusão digital e o uso eficaz das tecnologias na escola.

AS BARREIRAS NO USO DAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA

A maior das barreiras encontradas com relação ao uso das TICs na escola é a capacitação do professor. Segundo Tedesco, muitos dos professores em serviço não têm conhecimento prévio sobre como devem ser utilizadas as ferramentas tecnológicas e suas possibilidades em sala de aula (TEDESCO, 2004, p.105). Com isso, fica a questão: como utilizar os recursos tecnológicos em sala de aula, se nem mesmo os professores estão preparados para o seu uso em qualquer modalidade de ensino, principalmente na Educação de Jovens e Adultos?

De nada adianta a elaboração de leis, decretos que ressaltam sobre a necessidade da inclusão digital e construção de novos laboratórios de informática, se os professores não estão familiarizados com o seu uso no processo de ensino e aprendizagem. Essa ineficaz utilização dos recursos tecnológicos, resulta em laboratórios fechados e falta de objetivos claros desses

recursos em sala de aula. Devido a isso, se faz necessária uma maior capacitação dos professores para uso dessas tecnologias.

Contudo, isso não é uma tarefa fácil, leva tempo e que não se resume em apenas um ou dois cursos de formação pedagógica. Para que haja maior eficiência, Tedesco ressalta que “levam de três a quatro anos para o desenvolvimento e integração de maneira proveitosa, das tecnologias e suas tarefas docentes, principalmente quando os professores não têm acesso contínuo e prática do uso dessas tecnologias” (TEDESCO, 2004, p.106).

Quando se há domínio do uso das tecnologias pelo professor, se facilita o planejamento das aulas com esses recursos e maior objetividade de sua finalidade para os alunos. Seria interessante então, haver maior investimento do governo e das instituições em capacitação desse professor atuante na Educação de Jovens e Adultos.

Outra questão fundamental que dificulta a integração dos recursos tecnológicos em sala de aula na Educação de Jovens e Adultos é o olhar tradicional e compensatório que ela possui. Muitos pensam que só porque essa modalidade de ensino envolve um público de alunos adultos, ou pessoas da terceira idade, não há necessidade de utilizar os recursos tecnológicos em sala de aula, pois o foco dessa educação é alfabetizar ou ensinar o básico para conseguir o diploma.

Com isso, pouco se é feito com relação a investimento, a incorporação de recursos tecnológicos e novas metodologias a serem utilizadas pelo professor, para essa modalidade de ensino. É importante o reconhecimento que a educação não acontece somente na escola e que não há uma forma pré-definida de aprendizagem, pois só assim o professor poderá utilizar de diversos recursos, inclusive os instrumentos tecnológicos com maior segurança, aumentando assim o interesse dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Para que haja melhoria na qualidade de ensino na educação desses Jovens e Adultos, envolve mais do que ter o investimento em recursos tecnológicos na escola, é preciso primeiramente fazer uma reflexão sobre as dificuldades que a Educação de Jovens e Adultos enfrenta atualmente, bem como, uma mudança de consciência por parte do governo e dos professores, na busca de uma educação igualitária, que atenda às exigências sociais tecnológicas, preparando assim esses alunos para o mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Pode-se concluir que, o uso dos recursos tecnológicos são importantes no processo de ensino e aprendizagem em todas as modalidades de ensino da Educação Básica, incluindo a Educação de Jovens e Adultos. O acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na Educação de Jovens e Adultos, amplia as possibilidades de acesso ao conhecimento, à cultura, ao lazer, à cidadania e principalmente à autonomia, que ainda é o maior desafio que a escola enfrenta em todos os níveis de ensino. No entanto, apesar dos benefícios que a tecnologia pode proporcionar para a formação dos alunos, é fundamental salientar a necessidade de se repensar o uso das tecnologias na escola, que não estão atingindo os objetivos estabelecidos pelas leis, documentos e decretos relacionados à Educação.

A escola deve ter um planejamento claro sobre as finalidades do uso dos recursos tecnológicos, inclusive estes devem ser incluídos no Projeto Político Pedagógico e na Proposta

Pedagógica, para que os laboratórios de informática e outros recursos possam ser utilizados pelos alunos de todos os níveis e idades, na promoção de uma educação democrática inclusiva.

A escola não pode continuar estagnada a uma única concepção de ensino, o tempo muda, a sociedade se modifica e ela deve acompanhar essas mudanças para que continue exercendo sua finalidade social educativa. As novas tecnologias precisam concordar com o projeto de trabalho da escola, pois mesmo que o futuro cada vez mais caminhe para a era virtual ou digital, o papel social da escola e a função do professor de mediador entre o conhecimento e o aluno continuará, em consonância com as exigências da sociedade no futuro.

Contudo, para que as tecnologias sejam utilizadas eficazmente, é preciso haver investimento governamental na capacitação contínua dos professores com relação a essas tecnologias, sobretudo, na Educação de Jovens e Adultos. Além do mais, é preciso reconhecer que o aluno adulto ou da terceira idade, possuem os mesmos direitos que os outros alunos dos diversos níveis de ensino.

Esse reconhecimento por parte do governo e até mesmo pelos professores, já é o princípio básico para se repensar em estratégias de melhoria da qualidade na Educação de Jovens e Adultos, tanto nos aspectos estruturais como nos aspectos didáticos metodológicos, na busca de uma educação que atenda as necessidades dessa sociedade da Era da Informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: n.º 5.692/71. Brasília: 1971.
- BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: n.º 9.394/96. Brasília: 1996.
- BRASIL. Lei n.º 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Plano Nacional de Educação. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10172.htm. Acesso em: 1 mar. 2022.
- BRASIL. Decreto n.º 6.300, de 12 de dezembro de 2007. Programa Nacional de Tecnologia Educacional-ProInfo. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6300.htm. Acesso em: 1 mar. 2022.
- BRASIL. Documento base nacional preparatório a VI CONFINTEA. Brasília. MEC, 2008.
- CUNHA, Conceição Maria da. Introdução – discutindo conceitos básicos. In: SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 20.ed. São Paulo: Paz e terra, 2001.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2014
- GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da Educação. –Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 294 p.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José. (org.). Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. São Paulo. Editora Cortez, 2011.
- GRINSPUN, Miriam P. S. Zippin. Educação tecnológica: desafios e perspectivas. – 3. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Cortez, 2009. 293p.
- LEAL, T.F; ALBUQUERQUE, E.B.C; MORAIS, A.G. (org.). Alfabetizar letrando na EJA: Fundamentos teóricos e propostas didáticas. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2010.
- MARQUEZ, S. Currículo e metodologia da EJA: uma questão em reconstrução. São Leopoldo. 2010. Disponível em < <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36507/000818141.pdf> > . Acesso em: 1 março. 2022.
- PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre educação de adultos. São Paulo. Editora Cortez, 2010.
- PAIVA, Jane; MACHADO, M.M; TIMOTHY, Ireland. (org.). Educação de Jovens e Adultos: Uma memória contemporânea 1996–2004. Brasília. Virtual Books, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=657-vol1ejaelt-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 1 de março. de 2022.
- SCHWARTZ, Suzana. Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1998.
- SOUZA, Maria Antônia. Educação de jovens e Adultos. Curitiba. Editora IBPEX, 2007.
- SOARES, Leônicio José Gomes. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. Revista Presença Pedagógica, v.2, n.º11, Dimensão, set/out. 1996.
- TEDESCO, Juan Carlos. Educação e Novas Tecnologias: esperança ou incerteza? - São Paulo. Editora: Cortez, 2004. 255 p.

UNESCO. Declaração de Hamburgo sobre Educação de adultos – V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos/ V CONFINTEA. 1997.

**O PROFESSOR COMO MEDIADOR NO PROCESSO DE ESCRITA ESPONTÂNEA:
POSSIBILIDADES DE ACERTOS NA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA**
**THE TEACHER AS MEDIATOR IN THE SPONTANEOUS WRITING PROCESS:
POSSIBILITIES OF SCIENTIFIC LITERACY HIT**
**EL DOCENTE COMO MEDIADOR EN EL PROCESO DE ESCRITURA ESPONTÂNEA:
POSIBILIDADES DE ALCANCE DE LA ALFABETIZACIÓN CIENTÍFICA**

Rosa Mery Oliveira e Oliveira
rosa_mery_oliveira@hotmail.com
Francinete Pessoa Nogueira
franci_pessoa@hotmail.com
Renata Peres de Oliveira
renataperez32@hotmail.com

OLIVEIRA, Rosa Mery Oliveira e. NOGUEIRA, Francinete Pessanha. DE OLIVEIRA, Renata Peres. **O professor como mediador no processo de escrita espontânea: possibilidades de acertos na alfabetização científica.** Revista International Integralize Scientific. Ed. 10, n.1, p.79-86, abril/2022, ISSN/2675-5203.

RESUMO

Por longo tempo os pesquisadores educacionais vêm sendo duramente criticados a respeito de elaborarem práticas muito distantes da realidade escolar. O artigo aponta as possibilidades de acertos em uma forma diferenciada de alfabetizar, que permita que cada criança desenvolva seu processo de escrita de forma espontânea segundo as convicções de seu próprio ponto de vista.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Alfabetização. Espontaneidade.

ABSTRACT

For a long time, educational researchers have been barshly criticized for developing practices that are far removed from the school reality. The article points out the possibilities of correct answers in a different form of literacy, which allows each child to develop their writing process spontaneously according to the convictions of their own point of view.

Keywords: Reading. Writing. Literacy. Spontaneity.

ABSTRACTO

Durante mucho tiempo, los investigadores educativos han sido duramente criticados por desarrollar prácticas alejadas de la realidad escolar. El artículo señala las posibilidades de respuestas correctas en una forma diferente de lectoescritura, que permite a cada niño desarrollar su proceso de escritura de manera espontánea según las convicciones de su propio punto de vista.

Palabras clave: Lectura. Escritura. Literatura. Espontaneidad.

INTRODUÇÃO

A criança por natureza é espontânea, são os adultos os “grandes vilões” que as perseguem até encaixá-las num padrão determinado por eles de perfeição. O fato é que são extremamente criativas e curiosas e estão sempre em busca de adquirir novos conhecimentos que muitas das vezes lhes são vedados pela atitude dos adultos. O mesmo acontece quanto ao processo da escrita, ao perceber que o adulto utiliza uma forma de registro, a criança é capaz de criar seu próprio código linguístico e registrar seus sentimentos, ideais e queixas. E ao ser solicitado, ela é capaz de interpretar exatamente o que idealizou ter escrito, embora não perceba que as demais pessoas não tenham acesso ao seu código, caso ela própria não o decifra.

Diante de tal concepção de desenvolvimento, cabe ao professor alfabetizador o papel de mediar esse conhecimento de forma que a criança desenvolva seu processo de alfabetização. O que tem acarretando o fracasso escolar de muitas crianças, seria exatamente a falta de compreensão da parte dos educadores de que esse processo é natural da criança, porém, se faz necessário a mediação para que ela chegue ao nível mais complexo da escrita alfabética. O que não acontece automaticamente como muitos pensam. Sendo necessária uma intervenção sistemática e com intencionalidade.

O PROFESSOR COMO MEDIADOR NO PROCESSO DE ESCRITA ESPONTÂNEA: POSSIBILIDADES DE ACERTOS NA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA

Ao analisarmos o início do processo de escrita de uma criança, iremos perceber que até então não faz diferença para a criança se o outro consegue ou não compreender o que supostamente está escrito (decodificar seu código). Para ela é uma forma de registro importante de se comunicar com o mundo. Sendo que para a própria criança o sistema de código que pode ser decodificado posteriormente por ela mesma, não faz ainda sentido.

Na verdade, os primeiros ensaios da criança com a escrita se dão por imitação e por perceber a função social da escrita. Daí os bilhetinhos para alguém de seu convívio, ou seja, já existe a intenção de comunicar seus sentimentos, gostos ou desejos por meio da escrita e é isso que ela irá reproduzir oralmente quando solicitada por um adulto que leia o que por ela foi escrito.

Segundo Miriam Lemle (2004):

A primeira coisa que a criança precisa saber é o que representam aqueles risquinhos retos em uma página branca. Esse conhecimento não é tão simples quanto parece a quem já incorporou há muitos anos ao seu saber. Observe que, para entender os risquinhos pretos no papel são símbolos de sons da fala, é necessário compreender o que é um símbolo (LEMLE, 2004, p.7).

A escrita tem como função principal a comunicação. Escreve-se para ser lido por outras pessoas ou como uma forma de registro para nós mesmos. Quando a criança chega nesse nível de compreensão, significa que ela se apropriou do sistema da escrita alfabética. Um fator importante para o início da alfabetização é que o aluno faça a diferenciação entre as formas escritas e as outras formas gráficas de expressão. Quanto à distinção entre letras e números, é possível propor aos alunos que procurem levantar hipóteses sobre a presença dos símbolos que representam os números em calendário, encartes, agendas telefônicas e etc.

Historicamente, para uma criança ser considerada alfabetizada, ela precisa decodificar os sinais gráficos e codificar os sons da fala; ou seja, ler e escrever conforme a norma culta estabelecida. Atualmente, entende-se que apenas dominar esses códigos (codificar e decodificar), não são suficientes. Sendo necessário o domínio das práticas sociais da leitura e escrita. Surgindo então o termo: “analfabetismo funcional”. Entende-se que o indivíduo precisa compreender o que está lendo, inclusive nas entrelinhas e não apenas reproduzir os sons das letras combinados ou registrar as letras conforme o acordo gráfico.

Um mito a respeito da criança na fase da pré-alfabetização é pensar que ela não consegue ler. A verdade é que na mesma medida em que a criança desenvolve seu próprio

código, ela também observa o mundo ao redor e passa a fazer associações, desenvolvendo uma leitura de mundo riquíssima através dos símbolos, imagens, logotipos, rótulos. Segundo Bartolomeu Queiroz (1997) em seu livro *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*:

Entrei para a escola já sabendo ler, mais ou menos. A primeira palavra soletrada, inteirinha, foi morfina. A dor de minha mãe aumentava sempre e muito. Dia e noite ela gemia ou cantava. Vivia entre o medo e a esperança. Vinham da Capital algumas ampolas. (QUEIROZ, 1997, p.32).

O autor relata sua própria experiência, e diz como ele já lia antes de ir para a escola, ou seja, realizava uma leitura daquilo que ele tinha acesso, como a curiosidade de saber qual era o medicamento que sua mãe utilizava, na verdade ele descreve como foi esse momento de descoberta espontâneo:

As palavras eram feitas de pedaços, e cabia à gente juntá-los. No escuro, com linha escura e cautela, eu ia amarrando as letras, somando partes com cuidado, sem pensar na palavra morfina, para não me aborrecer. Escrever, eu já andava rabiscando mesmo antes de entrar para a escola. Escrevia nas paredes do galinheiro, no cimento do tanque ou no passeio da rua. Arranjava um pedaço de carvão, de tijolo, de caco de telha, pedra de cal, traçava amarelinha no quintal, escrevia os números e as palavras céu e inferno. (QUEIROZ, 1997, p. 38).

O prazer em descobrir o mundo da escrita, neste caso, se dá desassociado com o interesse no significado das palavras uma vez que ele sabia que aquela palavra estava ligada ao sofrimento de sua mãe. Quem nunca presenciou uma criança que ao observar as figuras de um livro, reinventar toda uma história, pois as figuras não estão ali por acaso, elas representam o texto escrito e muito antes de conhecer uma sílaba, a criança já é capaz de dominar o sentido da história. Então dizer para uma criança que ela ainda não sabe ler, é o mesmo que ignorar o que vem a ser o complexo ato da leitura, que vai muito além que o simples ato de decodificar um símbolo. E se a leitura e a escrita são uma iniciativa espontânea na criança, o que faz com que o processo de alfabetização se dê de forma tão truncada e frustrante?

A compreensão dos textos pela criança é a meta principal no ensino da leitura. Para contribuir para o desenvolvimento da capacidade de ler com compreensão, é importante proporcionar a familiaridade com gêneros textuais diversos (histórias, poemas, trovas, canções, parlendas, listas, agendas, propagandas, notícias, cartazes, receitas culinárias, instruções de jogos, regulamentos), lendo para as crianças em voz alta ou pedindo-lhes que leia de forma autônoma.

O principal objetivo de um professor alfabetizador nessa concepção é fazer com que as crianças não percam o brilho no olhar pelas palavras e descubram o maravilhoso mundo da leitura da forma mais prazerosa possível. Realizando técnicas diferenciadas para serem aplicadas após o contato com o texto, e utilizamos também diferentes estilos de textos, envolvendo os alunos de forma lúdica, através de filmes, músicas, receitas, dramatizações, brincadeiras e os resultados serão visíveis; uma vez que as crianças demonstram bastante criatividade.

O professor que não compreende o processo do desenvolvimento da leitura e escrita acredita que a língua escrita convencional é a única forma de registro aceitável e qualquer coisa que o aluno apresentar diferente disso, será considerado como um erro.

Por desconhecer o processo espontâneo da leitura e da escrita, os professores alfabetizadores obrigam as crianças a esquecerem de tudo que já aprenderam, e partem do zero. Ou seja, ignoram toda a leitura de compreensão que faziam de forma prazerosa e os obriga a ler frases sem sentido, porque é composta pelas palavras do vocabulário, que muitas das vezes, não partem do interesse da criança. E por outro lado, a criança que já escrevia a seu modo, toda sua forma de pensar, é obrigada a escrever lettrinha por lettrinha até decorar seus nomes, para só depois juntá-las e formar palavras. Palavras que gostaria de escrever? Nem sempre! Como já mencionado existe um “tal de vocabulário”, e o aluno precisa passar por ele!

Miriam Lemle (2004) diz:

Na escola, depois de aprender a representar por escrito o seu falar nativo, você aprende o vocabulário, a sintaxe e a ortografia convencionais do português escrito; tal aprendizagem deve ser-lhe dada como uma porta que se abre para o vasto mundo do saber e do trabalho, e não como uma pedra tumular a atirar sobre o seu falar de casa. É por isso que dissemos ser melhor deixar as coisas mais ou menos como estão. A parte correspondente ao mais é a de que a meta consiste em facultar a todos o uso passivo e ativo da língua escrita. A parte correspondente ao menos é a de que antes de chegar à língua escrita padrão a escola deve aceitar a expressão linguística do aluno que usa a língua nativa de sua comunidade. (LEMLE, 2004, p. 61).

Ao final do processo, aquele aluno que “já lia e escrevia”, ou sai copiando e decodificando, ou pior precisa repetir todo o processo, pois não foi capaz de compreender o processo de leitura e de escrita e os alfabetizadores se justificam: é assim mesmo, ler e escrever é um processo mecânico e complexo, talvez um ano seja pouco para ser alfabetizado! E então, muda-se os métodos, as políticas educacionais, as nomenclaturas, e o problema continua o mesmo. A cada ano, mais crianças se tornam frustradas na alfabetização, sem brilho e odiando a leitura e a escrita.

Por que será que isso acontece, diante de tantas mudanças que vêm ocorrendo no ensino? A resposta é simples, muda-se apenas o foco do problema, porém ele continua o mesmo. Já se colocou a culpa do fracasso escolar no método, na criança, no professor, na família, no governo; porém cada vez que se acha um culpado, mais complexo se torna solucionar o caso.

Portanto, não basta diagnosticar o problema, é preciso tomar medidas para que novas posturas sejam tomadas. Como alfabetizador é necessário articular os conteúdos desenvolvidos, de forma a se tornarem interessantes para os alunos. Além disso, é indispensável que os alunos ao serem alfabetizados, sejam paralelamente letrados e desenvolvam o prazer e o hábito da leitura, bem como a descoberta do sentido dos diversos gêneros de textos.

Um grande erro cometido por muitos educadores, é determinar uma sequência de trabalho pela lógica do adulto (do mais fácil para o mais complexo). Mas ninguém parou para pensar que na lógica da criança nem sempre a sequência estabelecida pelo adulto fará sentido para ela. Afinal, o que é mais fácil para uma criança, compreender uma palavra de seu cotidiano,

ou compreender o valor sonoro de uma palavra solta sem relação com o que faz sentido para ela?

Então, percebemos o quanto dificultamos a vida de nossas crianças, onde a intenção era facilitar! Todo esforço em alfabetizar uma criança, acaba tirando seu brilho, pois ao invés de se orgulhar de ser um leitor e escritor, a criança começa a achar difícil demais, e passa a ter medo de errar. Aquela escrita que antes só ela entendia, mas que era livre para escrever é substituída por palavras repetitivas e sem sentido, porém correta gramaticalmente; aliás, a criança começa a perceber que é para isso que o professor se atenta e ela passa a escrever só para agradar o professor e não pela necessidade de se comunicar. Mesmo porque erra menos, quem menos escreve e a criança se limita a escrever o mínimo possível.

Por outro lado, aquela leitura prazerosa que a criança realizava, passa a ser substituída por uma leitura fria de palavras sem significado. Aliás, a criança não tem mais tempo de viajar nas imagens. Afinal, ela precisa se concentrar nas letras para não perder a leitura e muito menos engasgar com uma das letras. Eis a realidade da alfabetização em nosso país! Estamos satisfeitos com os resultados? Precisamos enquanto educadores, chegar ao nível da criança, para deixarmos de ser tão prepotentes e ao mesmo tempo perceber que o ato de educar pode ser bem mais prazeroso se permitirmos às crianças, continuarem a serem crianças, a ter espontaneidade, a ser criativas, a aguçar sua criatividade. Dando sequência ao processo de alfabetização e não introdução.

Para compreender o sentido do processo do código linguístico, a criança não precisa deixar de escrever suas ideias e passar a utilizar uma escrita mecânica. Ela pode e deve compreender a função social da escrita e ao mesmo tempo o processo mecânico.

Esse trabalho precisa ser concomitante, é importante para a criança aprender o código e ao mesmo tempo compreender sua função social; ou seja, no processo de alfabetização não pode haver parada para decodificar os símbolos para somente depois chegar à compreensão do que está lendo. Sendo que é necessária uma intervenção sistemática nesse processo tão complexo que é a alfabetização; não bastando deixar a criança livremente se desenvolvendo, o que seria negar o conhecimento às crianças, mantê-las presas em sua própria realidade ao invés de partir dela para um novo conhecimento.

Segundo Paulo Freire (1988): “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra”.

Conforme afirma:

O ato de ler se veio dando na sua experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo do pequeno mundo em que se movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da sua escolarização, foi a leitura da “palavra mundo”. Na verdade, aquele mundo especial se dava a ele como o mundo de sua atividade perspectiva, por isso, mesmo como o mundo de suas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto em cuja percepção experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão ia aprendendo no seu trato com eles, na sua relação com seus irmãos mais velhos e com seus pais. (FREIRE, 1988, p. 80).

A leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente. É essencial que saibamos valorizar a cultura popular em que nosso aluno está inserido, partindo desta cultura, e procurando aprofundar seus conhecimentos. “A biblioteca popular como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como um fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto” (FREIRE, 1988, p.38).

Muitas crianças chegam à escola sem ter tido oportunidade de ter acesso às várias formas de textos. O que será uma responsabilidade da escola apresentar esse universo literário ao seu aluno. Por isso não há porque inibir a espontaneidade da criança; cabe ao educador proporcionar um vasto acervo de materiais que ela tenha contato, afim de que se acelere o desenvolvimento de sua escrita e leitura. Ao se deparar com o diferente, a princípio ela terá sempre a visão de que o outro está errado, mas ela passa a fazer associações e avança à medida que é estimulada e incentivada.

Nosso sistema de escrita é alfabético. Isso significa que seu princípio básico é o de que dado “som” é representado por uma “letra”, ou seja, cada “fonema” por um “grafema”. Analisando as relações entre a fala e a escrita, muitas crianças chegam, por exemplo, a elaborar a hipótese silábica, acreditando que cada letra representa uma sílaba e não um fonema, conforme já descreveram os estudos da psicogênese da escrita. É necessário que o alfabetizador saiba identificar e compreender esse tipo de raciocínio feito pelos alunos, para conseguir orientá-los com sucesso na superação dessa hipótese e na descoberta da explicação que realmente funciona para o sistema de escrita do português.

De acordo com Emília Ferreiro (2000, p.16) “para permitir que a evolução se processe de forma coerente com o ponto de vista do sujeito que aprende, a escola deverá proporcionar o convívio da criança com farto e variado material que envolva leitura e escrita”.

O sucesso ou o fracasso da alfabetização depende do nível de evolução conceitual da criança quando chega à escola. Caso se apresente evoluída no seu processo de construção, tudo irá bem, porém, se não teve contato com livros, revistas, jornais, não ouviu e “leu” histórias, essa criança chega sem condições de compreender e acompanhar o trabalho de alfabetização que a escola lhe oferece. (FERREIRO, 2000, p. 16).

O que a escola pode oferecer de melhor aos seus alunos, seria desenvolver as habilidades da leitura, conforme afirma Cagliari (1997, p. 148): “Se um aluno não se sair bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, a escola cumpriu em grande parte sua tarefa.”

A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma. A grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura. O aluno muitas vezes não resolve problemas de matemática, não porque não saiba matemática, mas porque não sabe ler o enunciado do problema. Tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver. A escola que não lê muito para seus alunos e não lhes dá a chance de ler muito está fadada ao **insucesso**, e não sabe aproveitar

o melhor que tem para oferecer aos seus alunos. A leitura é o alimento da alma. As pessoas que não leem são pessoas vazias ou subnutridas de conhecimento. (CAGLIARI, 1997, p. 148-150).

Uma vez que a realidade dos nossos alunos, é que em sua maioria, tem contato com o universo da leitura e escrita de forma sistematizada apenas no ambiente escolar, faz com que a responsabilidade da escola e de seus professores seja crucial para desenvolver bons leitores.

Segundo Frank Smith (1998):

A leitura pode tornar-se uma atividade desejada ou indesejada. As pessoas podem tornar-se leitores inveterados. Também podem tornar-se não-leitores inveterados, mesmo quando são capazes de ler. Uma das grandes tragédias da educação contemporânea não é tanto que muitos estudantes abandonam a escola incapazes de ler e de escrever, mas que outros se formam com uma antipatia pela leitura e escrita, apesar das habilidades que possuem. Nada, acerca da leitura e de sua instrução, é inconsequente. (SMITH, 1998, p. 54).

E será a nossa postura como educadores leitores que irá determinar que tipo de leitores teremos em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente percebemos o quanto é real a importância de uma prática diferenciada no ensino fundamental e de modo especial, nas escolas públicas, que são as mais prejudicadas quanto ao acesso às formas de leitura, cabendo então à escola, um trabalho que irá reduzir a distância do ponto de partida existente entre as classes sociais de nosso país.

Uma visão equivocada do processo de alfabetização acaba desencadeando os ciclos viciosos das repetências, da evasão, e do analfabetismo propriamente dito. Frente a essas questões, cabe à escola elaborar projetos que dêem condições aos seus alunos de acessarem o mundo da leitura e da escrita, buscando assim, um nivelamento com as crianças que se encontram à frente, dando oportunidade para que eles concorram de forma justa e não tão injustamente como temos visto acontecer.

Podemos concluir que o trabalho do alfabetizador fluiu de maneira agradável, ao estabelecer uma relação de construção de conhecimento com as crianças. Elas se sentem valorizadas, ao terem voz ativa diante das situações de aprendizagem em sala de aula. Cada vez mais percebem que são livres para falar e escrever sobre fatos de sua realidade, ou de suas fantasias.

Concluimos que estamos ainda distantes de um ideal e temos muito a aprofundar e se faz necessário mais pesquisas e estudos diante da complexidade que abrange esse tema.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria. Revista do Professor. Porto Alegre, 2003, v. 19, n. 73, 36-37, jan./mar, 2003.
CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. A leitura. 1 ed. São Paulo: Scipione, 1997. p. 148-155.
FERREIRO, Emília. Reflexões sobre Alfabetização. Ed. 24. São Paulo: Cortez, 2000.
FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988. p.80.
Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GISA. O papel social da leitura na escrita e na oralidade. Disponível em: E:\O papel social da leitura na escrita e na oralidade.htm. Acesso em: 21 set. 2020.

LEMLE, Miriam. Guia teórico do alfabetizador. São Paulo: Ática, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA - BRASIL. Pró-Letramento: Alfabetização e linguagem, Brasília, 2007.

QUEIRÓS, Campos Bartolomeu. Ler, escrever e fazer conta de cabeça. Belo Horizonte: Miguilim, 1997.

O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TIC NO PROCESSO DE ENSINO DA MATEMÁTICA.

THE USE OF INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES - ICT IN THE MATHEMATICS TEACHING PROCESS

EL USO DE LAS TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y LA COMUNICACIÓN - TIC EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA DE LAS MATEMÁTICAS

Fabio da Silva Vilanova
vilanovafabio@yahoo.com.br

VILANOVA, Fabio da Silva. **O uso das tecnologias da informação e comunicação - tic no processo de ensino da matemática.** Revista International Integralize Scientific, Ed.10, n.1, p. 87-92, abril/2022. ISSN/2675-5203.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo, discorrer sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC no processo de ensino, pois, como é sabido, as tecnologias produziram revoluções na microeletrônica, nas comunicações, na medicina, nos transportes, enfim, em praticamente todas as áreas do saber. Intimamente relacionadas, elas facilitam o contato com os acontecimentos mundiais numa velocidade talvez nunca vista antes na história da humanidade e viabilizam novas formas produtivas. Com a evolução da tecnologia, estão surgindo também novas possibilidades de ensino, que estão dando um novo significado na construção do conhecimento.

Palavras-Chave: Formação. Continuada. Tecnologias. Informação. Matemática.

ABSTRACT

This article aims to discuss the use of Information and Communication Technologies - ICT in the teaching process, because, as is known, technologies have produced revolutions in microelectronics, communications, medicine, transport, in short, in practically all the areas of knowledge. Intimately related, they facilitate contact with world events at a speed perhaps never seen before in the history of humanity and enable new forms of production. With the evolution of technology, new teaching possibilities are also emerging, which are giving new meaning to the construction of knowledge.

Keywords: Training. continued. Technologies. Information. Math.

ABSTRACTO

Este artículo tiene como objetivo discutir el uso de las Tecnologías de la Información y la Comunicación - TIC en el proceso de enseñanza, pues, como se sabe, las tecnologías han producido revoluciones en la microelectrónica, las comunicaciones, la medicina, el transporte, en fin, en prácticamente todas las áreas del conocimiento. Íntimamente relacionados, facilitan el contacto con los acontecimientos mundiales a una velocidad quizás nunca antes vista en la historia de la humanidad y posibilitan nuevas formas de producción. Con la evolución de la tecnología, también están surgiendo nuevas posibilidades de enseñanza, que están dando un nuevo sentido a la construcción del conocimiento.

Palabras clave: Formación. continuado. Tecnologías. Información. Matemáticas.

INTRODUÇÃO:

Parte-se do entendimento de que a escola nas suas múltiplas dimensões age como mediadoras do planejamento da aprendizagem, exercendo um papel de fundamental importância na organização dos trabalhos desenvolvidos por indivíduos que a compõem.

Como mediadora do processo ensino-aprendizagem sistematizado, a escola desenvolve diversas atividades (ações) através dos mais variados agentes para viabilizar meios para alcançar esse objetivo, para resolver seus problemas e para administrar seus conflitos de natureza político pedagógico.

O presente estudo justifica-se, por se tratar de uma temática atual, pois ela se encontra sempre presente nas discussões em congressos, seminários, colóquios, etc. Acredita-se que

pode vir contribuir na e para a melhoria do uso das TIC no ensino da matemática, como também no âmbito educacional.

Em se tratando de um estudo bibliográfico descritivo, os procedimentos metodológicos foram os seguintes: buscamos em artigos, revistas, monografias e literaturas sobre a temática abordada. Ancorado nos aportes teóricos de autores que discutem sobre a temática aqui apresentada.

É necessário que os educadores promovam uma visão da Matemática como uma ciência em permanente evolução, que procura responder aos grandes problemas de cada um, mas que também cria seus próprios problemas; ou seja, a Matemática precisa ser bem compreendida para ser levada para a prática, para as situações do cotidiano dos alunos. Nesse sentido, a formação continuada para o uso das TIC deve contribuir para que cada professor possa fazer uso em suas respectivas áreas do conhecimento, procurando aptidões que despertam a curiosidade dos alunos.

Dentro dessa lógica, parte do entendimento de que o pensamento humano tem a matemática como um aspecto único, e sua história se refere na essência de todas as outras histórias. Quando observamos a natureza e as mudanças que o homem sofreu ao longo dos séculos, analisamos também os avanços da matemática, que se inclui no longo do caminho percorrido pela humanidade desde a Pré-História, interagindo com as transformações que ocorrem e que continuam a ocorrer na sociedade e no próprio homem.

Seguindo essa lógica de pensamento. Neto (2001) afirma que “A matemática foi criada e vem sendo desenvolvida pelos homens em função de necessidades sociais”. (p. 07). Nota-se, portanto, que ao longo dos tempos as necessidades sociais fizeram com que o homem buscasse novos conhecimentos matemáticos para responder a questionamentos que surgiram com o desenvolvimento da sociedade. Sendo assim, acredita-se que o homem necessita dominar certo grau de conhecimento matemático para que ao longo do processo de interação social não sofra a exclusão do grupo.

Pode-se dizer que a matemática é sem dúvida uma das ciências que melhor permite analisar o trabalho da mente e desenvolver um raciocínio aplicável ao estudo de qualquer assunto ou temática. Neto (2001), afirma ainda que

A matemática é a mais antiga das ciências, uma vez que já caminhou muito, já sofreu muitas rupturas e reformas, possuindo um acabamento refinado e formal. Caminhou muito, justamente por ser fácil. (NETO, 2001, p. 19).

Contextualmente falando, enxerga-se que a matemática originou-se nas civilizações mais antigas, a sua utilização e definição distingue-se da atual, ela representava o universo dos povos contribuindo para a formação da imagem finita e plástica do mundo. Diante do exposto, acredita-se que ela é uma manifestação cultural de todos os povos em todos os tempos de acordo com suas necessidades.

É sabido que desde o surgimento das civilizações, o ser humano sempre recorreu à Matemática para calcular, contar e medir, mesmo sem ter formalizado os conceitos relativos a tais assuntos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática apoiam o pensamento que para se exercer a cidadania é necessário saber calcular, medir, raciocinar, argumentar, tratar informações estatisticamente. Para tais perceptivas, é necessário: “Falar em formação básica

para a cidadania significa falar de inserção das pessoas no mundo do trabalho, das relações sociais e da cultura, no âmbito da sociedade brasileira.” (PCNs, 1998, p.29).

Atualmente, reconhece-se que não há verdadeira cidadania sem um domínio mínimo da Matemática. As relações sociais e comerciais estão imbuídas de linguagem matemática. A Matemática é uma das mais importantes ferramentas da sociedade moderna. Apropriar-se de conceitos e procedimentos matemáticos básicos contribui para a formação do futuro cidadão que se engajaram no mundo do trabalho, das relações sociais, culturais e políticas. A compreensão e uso das ideias básicas da Matemática no dia-a-dia é um direito de todos e não apenas de alguns.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo, discorrer sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC no ensino da matemática, pois, como é sabido, as tecnologias produziram revoluções na microeletrônica, nas comunicações, na medicina, nos transportes, enfim, em praticamente todas as áreas do saber. Intimamente relacionadas, elas facilitam o contato com os acontecimentos mundiais numa velocidade talvez nunca vista antes na história da humanidade e viabilizam novas formas produtivas.

No contexto educacional, temos os estudos como os de Pierre Lévy (1993) que, em algumas de suas obras, chamam a atenção para a necessidade de se pensar sobre o uso e a influência das tecnologias na sociedade atual.

A reflexão sobre o tema foi norteadada pelo entendimento de que a formação continuada de professores para o uso das TIC deve ser compreendida sob a constante articulação entre teoria e prática, ou seja, a formação continuada dentro dessa lógica, deve fornecer aos professores subsídios necessários para esses poderem incorporar o uso das TIC em suas práticas pedagógicas com clareza e em consonância com os conteúdos trabalhados em sala. (ARAÚJO, 2004), pois, se os professores recebem uma formação para incorporar e implementar o uso de tecnologias da informação e comunicação - TIC - nos processos pedagógicos e muitas vezes não o faz, pode-se dizer que esses cursos poderão incorrer para má utilização das TIC em sala, podendo reduzi-las a limites estreitos e, conseqüentemente, suas ações não passarão de modismos completamente desarticulados e descontextualizados.

Justifica-se, por se tratar de uma temática atual, pois ela se encontra sempre presente nas discussões em congressos, seminários, colóquios, etc. Acredita-se que esta pesquisa pode vir contribuir na e para a melhoria do uso das TIC no ensino da matemática, como também no âmbito educacional.

Em se tratando de um estudo bibliográfico descritivo, os procedimentos metodológicos foram os seguintes: buscamos em artigos, revistas, monografias e literaturas sobre a temática abordada. Ancorado nos aportes teóricos de autores que discutem sobre a temática aqui apresentada.

AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TIC NO PROCESSO DE ENSINO DA MATEMÁTICA

Acredita-se que o estudo da Matemática costuma provocar duas sensações contraditórias por parte de quem ensina, como também, por parte de quem aprende: de um lado, a constatação de que se trata de uma área de conhecimento importante; de outro, insatisfação diante dos resultados negativos obtidos com frequência em relação à sua aprendizagem.

Pois, embora a Matemática seja cada vez mais imprescindível às atividades humanas, seu ensino, no entanto, apresenta-se hoje como um dos principais em índice de dificuldades de aprendizagem pelo alunado, já que, muitas pessoas, mesmo aquelas bem dotadas intelectualmente, após estudarem essa disciplina por muitos anos, ainda encontram dificuldades nas questões que envolvem noções elementares de Matemática. Dificuldades estas que podem levar ao desinteresse pela matéria, a falta de motivação, a uma real falta de afetividade com uma disciplina que está presente no nosso dia-a-dia.

Veiga (2000) aborda, em sua perspectiva teórica sobre o ensino, que a prática do ensino envolve tarefas articuladas que necessita da compreensão do processo didático promovendo o desenvolvimento profissional do docente. Muitos docentes ainda não compreendem o processo didático e o quanto é importante a sua participação nesse processo. Compreender que ensinar é complexo e requer a apropriação das teorias do ensino para que esse processo aconteça.

Com relação à Matemática, as TIC também devem ser levadas em consideração. A Matemática ocupa uma posição privilegiada nas escolas, pois é uma disciplina obrigatória no currículo nos diversos níveis de instrução em todo mundo (D'AMBRÓSIO, 1993). Isto se deve ao fato de ser considerada de grande importância para todos, quase sempre sob a justificativa de que ela desenvolve o raciocínio.

Entende-se que o espaço ocupado pela Matemática nas escolas deve ser bem aproveitado e que, nesse sentido, as TIC podem oferecer uma grande contribuição, à medida que: i) reforçam o papel da linguagem gráfica e de novas formas de representação; ii) relativizam a importância do cálculo; iii) permitem a manipulação simbólica (PONTE; OLIVEIRA; VARANDAS, 2003).

Pois, entende-se que pensar no uso das tecnologias em sala de aula se tornou fundamental, pois considerando que uma das tarefas essenciais da educação é levar o aluno a ter o gosto pelo saber, o professor pode se beneficiar de tais recursos para tornar suas aulas mais interessantes e participativas.

Justamente por ter se tornado desinteressante, a aquisição do conhecimento matemático se torna uma atividade cada vez menos produtiva, apesar da matemática estar presente no cotidiano da criança antes mesmo do ingresso na escola.

Moran (2009) afirma que "ensinar e aprender exige hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação".

A abordagem tradicional da matemática praticada em sala de aula, vem gerando conflitos no processo de ensino e aprendizagem, já que os alunos de hoje convivem diariamente com a rapidez e interatividade da tecnologia, são os chamados nativos digitais. Segundo Cosenza (2011) esses indivíduos nasceram em uma época na qual as tecnologias digitais faziam parte do cotidiano. Insistir no que é desinteressante ao aluno, prejudica e até impede o aprendizado. Sendo assim, a incorporação da tecnologia presente no cotidiano do aluno, integrando a matemática ao mundo moderno se torna essencial para o sucesso da aprendizagem.

Com a evolução da tecnologia, estão surgindo também novas possibilidades de ensino, em especial para o ensino da matemática que estão dando um novo significado na construção do conhecimento.

Para tanto, a formação continuada de professores para o uso da TIC assume relevante papel. Porém, chama-se atenção de que essa formação continuada de professores deve constituir-se numa questão psicossocial, em função da multiplicidade de dimensões, devendo ser pensada levando em consideração os seguintes pressupostos:

Especialidade – envolvendo a atualização do universo de conhecimentos dos professores. Deve ser ancorado na constante reavaliação do saber que deve ser escolarizável sendo, por isso a dimensão que mais direciona a procura por projetos de formação continuada;

Didática e pedagógica – envolve o desempenho das funções docentes e a prática social contextualizada. A prática docente é essencialmente uma prática social, historicamente definida pelos valores postos no contexto. Isso significa que, por vezes, propostas didáticas poderão se confrontar com as experiências, expectativas pessoais ou desejos dos docentes.

Pessoal e social – envolve a perspectiva da formação pessoal e do autoconhecimento, enfocada pela necessidade de interação em contextos diversos e a necessidade de entender o mundo e a sua inserção profissional neste mundo.

Expressivo-comunicativa – valorização do potencial dos professores, de sua criatividade e expressividade no processo de ensinar e aprender. É uma busca de caráter operacional, técnico.

Histórico cultural – envolve o conhecimento dos aspectos históricos, econômicos, políticos, sociais e culturais, incluindo a história da Educação da Pedagogia e sua relação com as necessidades educativas postas no contexto. (GATTI, 2003, p.23).

Como nos aponta Gatti (2003), a formação continuada não pode ser construído ignorando o conjunto das dimensões em que estão envolvidas, a natureza e as características psicossociais do ato educativo, visto que, os contextos institucionais e sociais que enquadram as práticas dos professores são diversos e as demandas por educação se constroem em campos bastante diferentes. Desta forma, pensar a formação continuada de professores não se restringe à realização de encontros e cursos periódicos, mas à realização de momentos sistemáticos, acompanhamento da ação e sistematização tanto do processo da ação quanto da reflexão da ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É necessário que os educadores promovam uma visão da Matemática como uma ciência em permanente evolução, que procura responder aos grandes problemas de cada um, mas que também cria seus próprios problemas; ou seja, a Matemática precisa ser bem compreendida para ser levada para a prática, para as situações do cotidiano dos alunos. Nesse sentido, a formação continuada para o uso das TIC deve contribuir para que cada professor possa fazer uso em suas respectivas áreas do conhecimento, procurando aptidões que despertam a curiosidade dos alunos. É fundamental refletir sobre os princípios metodológicos específicos de um trabalho com ensino de Matemática. Para tanto, a escola deve estar sempre atenta para que todo esse processo aconteça.

REFERÊNCIAS:

- COSENZA, R. M. Para atender os nativos digitais. Revista Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, ano IX, n. 28, p. 16–18, 2011.
- GARCIA, P.S. Desafios da formação de professores em relação às tecnologias de informação e comunicação. Salto para o Futuro. TV Escola, Jun. 2012.

- GATTI, Bernardete Angelina. A formação dos docentes: o confronto necessário professor X academia. Cadernos de Pesquisa, São Paulo: Fundação Carlos Chagas p. 70–74, maio, 2003.
- Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 57–70 abr. 2008.
- NETO, Ernesto Rosa. Didática da Matemática. 11.ª ed, 2.ª impressão. São Paulo, Editora Ática, 2001.
- PCNs - Parâmetros curriculares nacionais: matemática. – Introdução, terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental,. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Ensinar: uma atividade complexa e laboriosa. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.); et al. Lições de Didática. 2.ª ed. São Paulo: Papirus, 2007. pp. 13–33.
- LÉVY, P. As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na Era da informática. - São Paulo: Editora 34, 2000.
- As Tecnologias da Inteligência. Editora 34, - São Paulo, 1993.

**O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TIC NO
PROCESSO DE ENSINO DA MATEMÁTICA**
**THE USE OF INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES - ICT IN
THE MATHEMATICS TEACHING PROCESS**
**EL USO DE LAS TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y LA COMUNICACIÓN -
TIC EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA DE LAS MATEMÁTICAS**

Fabio da Silva Vilanova
vilanovafabio@yahoo.com.br

VILANOVA, Fabio da Silva. **O uso das tecnologias da informação e comunicação - tic no processo de ensino da matemática.** Revista International Integralize Scientific, Ed.11, n.1, p. 93-98, abril/2022. ISSN/2675-5203.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo, discorrer sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC no processo de ensino, pois, como é sabido, as tecnologias produziram revoluções na microeletrônica, nas comunicações, na medicina, nos transportes, enfim, em praticamente todas as áreas do saber. Intimamente relacionadas, elas facilitam o contato com os acontecimentos mundiais numa velocidade talvez nunca vista antes na história da humanidade e viabilizam novas formas produtivas. Com a evolução da tecnologia, estão surgindo também novas possibilidades de ensino, que estão dando um novo significado na construção do conhecimento.

Palavras-Chave: Formação. Continuada. Tecnologias. Informação. Matemática.

ABSTRACT

This article aims to discuss the use of Information and Communication Technologies - ICT in the teaching process, because, as is known, technologies have produced revolutions in microelectronics, communications, medicine, transport, in short, in practically all the areas of knowledge. Intimately related, they facilitate contact with world events at a speed perhaps never seen before in the history of humanity and enable new forms of production. With the evolution of technology, new teaching possibilities are also emerging, which are giving new meaning to the construction of knowledge.

Keywords: Training. continued. Technologies. Information. Math.

ABSTRACTO

Este artículo tiene como objetivo discutir el uso de las Tecnologías de la Información y la Comunicación - TIC en el proceso de enseñanza, pues, como se sabe, las tecnologías han producido revoluciones en la microelectrónica, las comunicaciones, la medicina, el transporte, en fin, en prácticamente todas las áreas del conocimiento. Íntimamente relacionados, facilitan el contacto con los acontecimientos mundiales a una velocidad quizás nunca antes vista en la historia de la humanidad y posibilitan nuevas formas de producción. Con la evolución de la tecnología, también están surgiendo nuevas posibilidades de enseñanza, que están dando un nuevo sentido a la construcción del conocimiento.

Palabras clave: Formación. continuado. Tecnologías. Información. Matemáticas.

INTRODUÇÃO:

Parte-se do entendimento de que a escola nas suas múltiplas dimensões age como mediadoras do planejamento da aprendizagem, exercendo um papel de fundamental importância na organização dos trabalhos desenvolvidos por indivíduos que a compõem.

Como mediadora do processo ensino-aprendizagem sistematizado, a escola desenvolve diversas atividades (ações) através dos mais variados agentes para viabilizar meios para alcançar esse objetivo, para resolver seus problemas e para administrar seus conflitos de natureza político pedagógica.

O presente estudo justifica-se, por se tratar de uma temática atual, pois ela se encontra sempre presente nas discussões em congressos, seminários, colóquios, etc. Acredita-se que

pode vir contribuir na e para a melhoria do uso das TIC no ensino da matemática, como também no âmbito educacional.

Em se tratando de um estudo bibliográfico descritivo, os procedimentos metodológicos foram os seguintes: buscamos em artigos, revistas, monografias e literaturas sobre a temática abordada. Acorado nos aportes teóricos de autores que discutem sobre a temática aqui apresentada.

É necessário que os educadores promovam uma visão da Matemática como uma ciência em permanente evolução, que procura responder aos grandes problemas de cada um, mas que também cria seus próprios problemas; ou seja, a Matemática precisa ser bem compreendida para ser levada para a prática, para as situações do cotidiano dos alunos. Nesse sentido, a formação continuada para o uso das TIC deve contribuir para que cada professor possa fazer uso em suas respectivas áreas do conhecimento, procurando aptidões que despertam a curiosidade dos alunos.

Dentro dessa lógica, parte do entendimento de que o pensamento humano tem a matemática como um aspecto único, e sua história se refere na essência de todas as outras histórias. Quando observamos a natureza e as mudanças que o homem sofreu ao longo dos séculos, analisamos também os avanços da matemática, que se inclui no longo do caminho percorrido pela humanidade desde a Pré-História, interagindo com as transformações que ocorrem e que continuam a ocorrer na sociedade e no próprio homem.

Seguindo essa lógica de pensamento. Neto (2001) afirma que “A matemática foi criada e vem sendo desenvolvida pelos homens em função de necessidades sociais”. (p. 07). Nota-se, portanto, que ao longo dos tempos as necessidades sociais fizeram com que o homem buscasse novos conhecimentos matemáticos para responder a questionamentos que surgiram com o desenvolvimento da sociedade. Sendo assim, acredita-se que o homem necessita dominar certo grau de conhecimento matemático para que ao longo do processo de interação social não sofra a exclusão do grupo.

Pode-se dizer que a matemática é sem dúvida uma das ciências que melhor permite analisar o trabalho da mente e desenvolver um raciocínio aplicável ao estudo de qualquer assunto ou temática. Neto (2001), afirma ainda que

A matemática é a mais antiga das ciências, uma vez que já caminhou muito, já sofreu muitas rupturas e reformas, possuindo um acabamento refinado e formal. Caminhou muito, justamente por ser fácil. (NETO, 2001, p. 19).

Contextualmente falando, enxerga-se que a matemática originou-se nas civilizações mais antigas, a sua utilização e definição distingue-se da atual, ela representava o universo dos povos contribuindo para a formação da imagem finita e plástica do mundo. Diante do exposto, acredita-se que ela é uma manifestação cultural de todos os povos em todos os tempos de acordo com suas necessidades.

É sabido que desde o surgimento das civilizações, o ser humano sempre recorreu à Matemática para calcular, contar e medir, mesmo sem ter formalizado os conceitos relativos a tais assuntos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática apoiam o pensamento que para se exercer a cidadania é necessário saber calcular, medir, raciocinar, argumentar, tratar informações estatisticamente. Para tais perceptivas, é necessário: “Falar em formação básica

para a cidadania significa falar de inserção das pessoas no mundo do trabalho, das relações sociais e da cultura, no âmbito da sociedade brasileira.” (PCNs, 1998, p.29).

Atualmente, reconhece-se que não há verdadeira cidadania sem um domínio mínimo da Matemática. As relações sociais e comerciais estão imbuídas de linguagem matemática. A Matemática é uma das mais importantes ferramentas da sociedade moderna. Apropriar-se de conceitos e procedimentos matemáticos básicos contribui para a formação do futuro cidadão que se engajaram no mundo do trabalho, das relações sociais, culturais e políticas. A compreensão e uso das ideias básicas da Matemática no dia-a-dia é um direito de todos e não apenas de alguns.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo, discorrer sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC no ensino da matemática, pois, como é sabido, as tecnologias produziram revoluções na microeletrônica, nas comunicações, na medicina, nos transportes, enfim, em praticamente todas as áreas do saber. Intimamente relacionadas, elas facilitam o contato com os acontecimentos mundiais numa velocidade talvez nunca vista antes na história da humanidade e viabilizam novas formas produtivas.

No contexto educacional, temos os estudos como os de Pierre Lévy (1993) que, em algumas de suas obras, chamam a atenção para a necessidade de se pensar sobre o uso e a influência das tecnologias na sociedade atual.

A reflexão sobre o tema foi norteadada pelo entendimento de que a formação continuada de professores para o uso das TIC deve ser compreendida sob a constante articulação entre teoria e prática, ou seja, a formação continuada dentro dessa lógica, deve fornecer aos professores subsídios necessários para esses poderem incorporar o uso das TIC em suas práticas pedagógicas com clareza e em consonância com os conteúdos trabalhados em sala. (ARAÚJO, 2004), pois, se os professores recebem uma formação para incorporar e implementar o uso de tecnologias da informação e comunicação - TIC - nos processos pedagógicos e muitas vezes não o faz, pode-se dizer que esses cursos poderão incorrer para má utilização das TIC em sala, podendo reduzi-las a limites estreitos e, conseqüentemente, suas ações não passarão de modismos completamente desarticulados e descontextualizados.

Justifica-se, por se tratar de uma temática atual, pois ela se encontra sempre presente nas discussões em congressos, seminários, colóquios, etc. Acredita-se que esta pesquisa pode vir contribuir na e para a melhoria do uso das TIC no ensino da matemática, como também no âmbito educacional.

Em se tratando de um estudo bibliográfico descritivo, os procedimentos metodológicos foram os seguintes: buscamos em artigos, revistas, monografias e literaturas sobre a temática abordada. Ancorado nos aportes teóricos de autores que discutem sobre a temática aqui apresentada.

AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - TIC NO PROCESSO DE ENSINO DA MATEMÁTICA

Acredita-se que o estudo da Matemática costuma provocar duas sensações contraditórias por parte de quem ensina, como também, por parte de quem aprende: de um lado, a constatação de que se trata de uma área de conhecimento importante; de outro, insatisfação diante dos resultados negativos obtidos com frequência em relação à sua aprendizagem.

Pois, embora a Matemática seja cada vez mais imprescindível às atividades humanas, seu ensino, no entanto, apresenta-se hoje como um dos principais em índice de dificuldades de aprendizagem pelo alunado, já que, muitas pessoas, mesmo aquelas bem dotadas intelectualmente, após estudarem essa disciplina por muitos anos, ainda encontram dificuldades nas questões que envolvem noções elementares de Matemática. Dificuldades estas que podem levar ao desinteresse pela matéria, a falta de motivação, a uma real falta de afetividade com uma disciplina que está presente no nosso dia-a-dia.

Veiga (2000) aborda, em sua perspectiva teórica sobre o ensino, que a prática do ensino envolve tarefas articuladas que necessita da compreensão do processo didático promovendo o desenvolvimento profissional do docente. Muitos docentes ainda não compreendem o processo didático e o quanto é importante a sua participação nesse processo. Compreender que ensinar é complexo e requer a apropriação das teorias do ensino para que esse processo aconteça.

Com relação à Matemática, as TIC também devem ser levadas em consideração. A Matemática ocupa uma posição privilegiada nas escolas, pois é uma disciplina obrigatória no currículo nos diversos níveis de instrução em todo mundo (D'AMBRÓSIO, 1993). Isto se deve ao fato de ser considerada de grande importância para todos, quase sempre sob a justificativa de que ela desenvolve o raciocínio.

Entende-se que o espaço ocupado pela Matemática nas escolas deve ser bem aproveitado e que, nesse sentido, as TIC podem oferecer uma grande contribuição, à medida que: i) reforçam o papel da linguagem gráfica e de novas formas de representação; ii) relativizam a importância do cálculo; iii) permitem a manipulação simbólica (PONTE; OLIVEIRA; VARANDAS, 2003).

Pois, entende-se que pensar no uso das tecnologias em sala de aula se tornou fundamental, pois considerando que uma das tarefas essenciais da educação é levar o aluno a ter o gosto pelo saber, o professor pode se beneficiar de tais recursos para tornar suas aulas mais interessantes e participativas.

Justamente por ter se tornado desinteressante, a aquisição do conhecimento matemático se torna uma atividade cada vez menos produtiva, apesar da matemática estar presente no cotidiano da criança antes mesmo do ingresso na escola.

Moran (2009) afirma que "ensinar e aprender exige hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação".

A abordagem tradicional da matemática praticada em sala de aula, vem gerando conflitos no processo de ensino e aprendizagem, já que os alunos de hoje convivem diariamente com a rapidez e interatividade da tecnologia, são os chamados nativos digitais. Segundo Cosenza (2011) esses indivíduos nasceram em uma época na qual as tecnologias digitais faziam parte do cotidiano. Insistir no que é desinteressante ao aluno, prejudica e até impede o aprendizado. Sendo assim, a incorporação da tecnologia presente no cotidiano do aluno, integrando a matemática ao mundo moderno se torna essencial para o sucesso da aprendizagem.

Com a evolução da tecnologia, estão surgindo também novas possibilidades de ensino, em especial para o ensino da matemática que estão dando um novo significado na construção do conhecimento.

Para tanto, a formação continuada de professores para o uso da TIC assume relevante papel. Porém, chama-se atenção de que essa formação continuada de professores deve constituir-se numa questão psicossocial, em função da multiplicidade de dimensões, devendo ser pensada levando em consideração os seguintes pressupostos:

Especialidade – envolvendo a atualização do universo de conhecimentos dos professores. Deve ser ancorado na constante reavaliação do saber que deve ser escolarizável sendo, por isso a dimensão que mais direciona a procura por projetos de formação continuada;

Didática e pedagógica – envolve o desempenho das funções docentes e a prática social contextualizada. A prática docente é essencialmente uma prática social, historicamente definida pelos valores postos no contexto. Isso significa que, por vezes, propostas didáticas poderão se confrontar com as experiências, expectativas pessoais ou desejos dos docentes.

Pessoal e social – envolve a perspectiva da formação pessoal e do auto conhecimento, enfocada pela necessidade de interação em contextos diversos e a necessidade de entender o mundo e a sua inserção profissional neste mundo.

Expressivo-comunicativa – valorização do potencial dos professores, de sua criatividade e expressividade no processo de ensinar e aprender. É uma busca de caráter operacional, técnico.

Histórico cultural – envolve o conhecimento dos aspectos históricos, econômicos, políticos, sociais e culturais, incluindo a história da Educação da Pedagogia e sua relação com as necessidades educativas postas no contexto. (GATTI, 2003, p.23)

Como nos aponta Gatti (2003), a formação continuada não pode ser construído ignorando o conjunto das dimensões em que estão envolvidas, a natureza e as características psicossociais do ato educativo, visto que, os contextos institucionais e sociais que enquadram as práticas dos professores são diversos e as demandas por educação se constroem em campos bastante diferentes. Desta forma, pensar a formação continuada de professores não se restringe à realização de encontros e cursos periódicos, mas à realização de momentos sistemáticos, acompanhamento da ação e sistematização tanto do processo da ação quanto da reflexão da ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É necessário que os educadores promovam uma visão da Matemática como uma ciência em permanente evolução, que procura responder aos grandes problemas de cada um, mas que também cria seus próprios problemas; ou seja, a Matemática precisa ser bem compreendida para ser levada para a prática, para as situações do cotidiano dos alunos. Nesse sentido, a formação continuada para o uso das TIC deve contribuir para que cada professor possa fazer uso em suas respectivas áreas do conhecimento, procurando aptidões que despertam a curiosidade dos alunos. É fundamental refletir sobre os princípios metodológicos específicos de um trabalho com ensino de Matemática. Para tanto, a escola deve estar sempre atenta para que todo esse processo aconteça.

REFERÊNCIAS:

- COSENZA, R. M. Para atender os nativos digitais. Revista Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, ano IX, n. 28, p. 16–18, 2011.
- GARCIA, P.S. Desafios da formação de professores em relação às tecnologias de informação e comunicação. Salto para o Futuro. TV Escola, Jun. 2012.
- GATTI, Bernardete Angelina. A formação dos docentes: o confronto necessário professor X academia. Cadernos de Pesquisa, São Paulo: Fundação Carlos Chagas p. 70–74, maio, 2003.
- Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 57–70 abr. 2008.
- NETO, Ernesto Rosa. Didática da Matemática. 11.^a ed, 2.^a impressão. São Paulo, Editora Ática, 2001.
- PCNs - Parâmetros curriculares nacionais: matemática. – Introdução, terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental,. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Ensinar: uma atividade complexa e laboriosa. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.); et al. Lições de Didática. 2.^a ed. São Paulo: Papirus, 2007. pp. 13–33.
- LÉVY, P. As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na Era da informática. - São Paulo: Editora 34, 2000.
- As Tecnologias da Inteligência. Editora 34, - São Paulo, 1993.

RELAÇÃO ENTRE SERVIÇO SOCIAL E PACIENTE RENAL CRÔNICO RELATIONSHIP BETWEEN SOCIAL SERVICE AND CHRONIC KIDNEY PATIENT

RELACIÓN ENTRE EL SERVICIO SOCIAL Y EL PACIENTE RENAL CRÓNICO

Maria Cristina Antunes Martins
chrismartins73@hotmail.com

MARTINS, Maria Cristina Antunes. **Relação entre serviço social e paciente renal crônico**. Revista International Integralize Scientific, Ed.10, n.1, p. 99 -110, abril/2022. ISSN/2675-5203.

RESUMO

O tratamento de hemodiálise, realizado por doentes renais crônicos, é uma enfermidade que provoca desgaste e causa impactos psicológicos e sociais na vida do paciente. Este trabalho tem como finalidade analisar o significado que o paciente atribui a seu tratamento, conhecer as limitações de âmbito psicossocial experimentadas pelo doente renal em hemodiálise, os impactos causados ao enfermo e sua família, o trabalho da equipe multidisciplinar, a relação do serviço social com o paciente renal crônico e a importância da convivência do assistente social no cotidiano do paciente na clínica. A revisão de literatura reforça o que se vivencia na clínica. O estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. Os sujeitos participantes do trabalho são três pacientes portadores de doença renal crônica (**DRC**) de ambos os sexos, que realizam hemodiálise de dois a cinco anos na Clínica Renal do município de Uruguaiana. A coleta de informações ocorreu através de entrevista semiestruturada. A análise de informações obtidas confirma a vulnerabilidade dos pacientes quanto à garantia de seus direitos.

Palavras-chave: Serviço. Social. Paciente. Renal. Crônico.

ABSTRACT

The hemodialysis treatment, performed by chronic renal patients, is an illness that causes wear and causes psychological and social impacts on the patient's life. The purpose of this work is to analyze the meaning that the patient attributes to his treatment, to know the psychosocial limitations that the renal patient on hemodialysis experiences, the impacts that it causes on the patient and his family, the work of the multidisciplinary team, the relationship of the service social with the chronic kidney disease and the importance of the social worker's coexistence in the day to day of the sick person in the consultation. The literature review reinforces what was lived in the clinic. The study is a qualitative, descriptive and exploratory investigation. The subjects who participated in the work were three patients with chronic kidney disease (CRE) of both sexes, who underwent hemodialysis for two to five years at the Clínica Renal in the city of Uruguaiana. The information collection was carried out through a semi-structured interview. The analysis of the information obtained confirms the vulnerability of patients while guaranteeing their rights.

Keywords: Socia. Work. Chronic. Kidney. Patient.

ABSTRACTO

El tratamiento de hemodiálisis, realizado por pacientes renales crónicos, es una enfermedad que provoca desgaste y provoca impactos psicológicos y sociales en la vida del paciente. El propósito de este trabajo es analizar el significado que el paciente le atribuye a su tratamiento, conocer las limitaciones psicosociales que vive el paciente renal en hemodiálisis, los impactos que provoca al paciente y su familia, el trabajo del equipo multidisciplinario, la relación del servicio social con el enfermo renal crónico y la importancia de la convivencia del trabajador social en el día a día del enfermo en la consulta. La revisión de la literatura refuerza lo vivido en la clínica. El estudio es una investigación cualitativa, descriptiva y exploratoria. Los sujetos que participan en el trabajo son tres pacientes con enfermedad renal crónica (ERC) de ambos sexos, que se someten a hemodiálisis durante dos a cinco años en la Clínica Renal de la ciudad de Uruguaiana. La recolección de información se llevó a cabo a través de una entrevista semiestructurada. El análisis de la información obtenida confirma la vulnerabilidad de los pacientes en cuanto a la garantía de sus derechos.

Palabras clave: Trabajo. Social. Paciente. Renal. Crónico.

INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo deste trabalho abordar-se-á um pequeno relato da história da hemodiálise, suas experiências, seu surgimento no Brasil. Na sequência será apresentado o conceito de “hemodiálise”, de doença renal crônica (**DRC**) e o que é um transplante.

O objeto de estudo do presente artigo tem como tema “Relação entre serviço social e paciente renal crônico”.

Após situações vivenciadas na Clínica Renal da cidade de Uruguaiana – RS, durante o período de estágio obrigatório do curso de Serviço Social, foi possível conhecer o cotidiano do ator envolvido, adequando-se às condições presentes, criando-se meios e condições sob a realidade existente para o alcance da finalidade deste trabalho. O público-alvo desta pesquisa são pessoas de ambos os sexos em tratamento de hemodiálise. O objetivo deste estudo é levar orientação ao paciente e seus familiares sobre a nova realidade que se apresenta em suas vidas: os impactos psicológicos da doença e o tratamento que gera desgaste emocional a todos os envolvidos. Intervenção no tratamento: da família; da equipe multiprofissional, e a importância do serviço social no nosocômio e qual sua atribuição na defesa dos direitos dos pacientes renais crônicos.

A contribuição deste estudo faz-se por meio de instrumentos técnico-operativos, teórico- metodológico e ético-político empregado de acordo com o código de ética do assistente social que são mecanismos de informações, encaminhamentos e acompanhamentos aos pacientes no que tange à garantia de seus direitos e deveres. O estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. A população do estudo constitui-se de três pacientes renais crônicos de ambos os sexos submetidos a tratamento de hemodiálise de dois a cinco anos na Clínica Renal da cidade de Uruguaiana - Rs.

UM BREVE RELATO DA HEMODIÁLISE

A hemodiálise teve seu início no ano de 1830 quando o físico inglês Thomas Graham, verificou que, separando dois líquidos com substâncias dissolvidas numa membrana celulósica, estabelecia troca entre elas. Foi através dessa experiência que surgiu o nome "diálise". Na América, no ano de 1913, John Abel idealizou e utilizou o primeiro "rim artificial", e essa experiência foi aplicada nos cães sem rins.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, devido à terrível visão de doentes em uremia pela insuficiência renal aguda, o alemão Georg Haasveio a mudar o protótipo do "rim artificial" de seu colega John Abel. Haas aumentou a área das membranas, conseguindo assim esterilizar todos os componentes do circuito extracorporeal com etanol. Enfim, em 1926, aventurou-se a utilizar a diálise pela primeira vez no ser humano. Em meados de 1936, houve uma melhoria da diálise. Nesse mesmo ano foi possível aplicar a técnica a um ser humano com alguma segurança. Durante a Segunda Guerra Mundial (1940), o holandês Kolff (considerado por alguns “o pai da hemodiálise”) criou um "rim artificial". Três anos depois, Kolff utilizou pela primeira vez esse rim artificial numa pessoa com insuficiência renal aguda. Esse método de diálise foi igual ao que fez inicialmente Georg Haas: 0,5 l de sangue do doente que circulava no dito "rim artificial" e em seguida eram reinfundidos novamente. O ano de 1945 marcou a sobrevivência do primeiro paciente com rim artificial de Kolff, com uma insuficiência renal aguda. Tal sessão de hemodiálise durou 11 horas e o paciente recuperou posteriormente a sua função renal. Em meados dos anos 1950, a hemodiálise ainda era considerada experimental e feita em meia dúzia de hospitais, com resultados duvidosos. Foi só em 1960 que o primeiro

doente com insuficiência renal crônica começou a ser tratado por hemodiálise regular duas vezes por semana. Já nos dias de hoje o paciente se submete à hemodiálise três vezes por semana, por quatro horas diárias.

No Brasil o processo de hemodiálise teve início em 1949 por intermédio do Dr. Tito. Em 1966, criou-se a fístula arteriovenosa interna. A partir de então, os conhecimentos e a evolução tecnológica têm sofrido um espantoso desenvolvimento como a descoberta do catéter e de outros procedimentos.

O QUE É HEMODIÁLISE

Quanto à hemodiálise, pode-se dizer que o sentido da palavra revela a purificação do sangue, objeto deste estudo. Trata-se de um “processo extracorpóreo de depuração do sangue, mediado pela membrana de um dialisador” (BARROS; MANFRO; THOMÉ, 2006, p. 528). É, portanto, uma técnica utilizada para retirada das impurezas do sangue quando os rins perdem sua função. Esse procedimento baseia-se na filtração do sangue através de uma máquina dialisadora. Para que o líquido passe pela máquina é necessário a colocação de um catéter ou a confecção de uma fístula.

A hemodiálise é uma alternativa para quem sofre de insuficiência renal crônica e que perdeu a atividade do órgão responsável por regular a pressão arterial e controlar a quantidade de água e sal do corpo. Esse processo acontece quando são colocadas duas agulhas em que uma puxa o sangue e leva até um capilar eliminando as substâncias tóxicas que estão no sangue. Depois, o sangue volta ao paciente pela outra via.

Nesse processo de hemodiálise, o sangue que está com as toxinas é desviado do paciente para o dialisador onde o sangue vai ser filtrado e devolvido ao indivíduo. Segundo Smeltzer et al. (2009), difusão, osmose e ultrafiltração são os princípios nos quais se baseia a hemodiálise.

DOENÇAS RENAIS CRÔNICAS

A doença renal crônica (DRC) caracteriza-se pela perda irreversível da função dos rins, causada por algum tipo de lesão.

Quando o rim perde a capacidade de realizar suas funções, tem-se o início da **DRC**. Esta se refere a um diagnóstico sindrômico no qual ocorre perda progressiva e irreversível da função renal de depuração, ou seja, da filtração glomerular (BARROS et al, 2006).

A **DRC** trata-se de uma lesão presente por um período igual ou superior a três meses que se manifesta por anormalidades estruturais e funcionais dos rins, sendo assintomática nas suas fases iniciais (BASTOS et al, 2004).

TRANSPLANTE

O transplante é a substituição dos rins doentes por um rim saudável de um doador. Constitui o método mais efetivo e de menor custo para a reabilitação de um paciente com insuficiência renal crônica. Todo o paciente renal crônico pode se submeter a um transplante desde que apresente algumas condições clínicas, como suportar uma cirurgia com duração de quatro a seis horas; não ter lesões em outros órgãos que impeçam o transplante, como cirrose, câncer ou acidentes vasculares; não apresentar infecção ou focos ativos na urina, nos dentes,

tuberculose ou fungos; e não ter problemas imunológicos adquiridos por muitas transfusões ou várias gestações. Além disso, o transplante pode ser de doador vivo ou de cadáver.

Os gastos de um transplante são mínimos em relação a anos de tratamento dialítico. Segundo Bennet-Jones (2000), o transplante traz resultados positivos em relação à sobrevida dos pacientes renais, e a maioria dos indivíduos que se submetem ao transplante possuem uma vida normal.

OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA DOENÇA E DO TRATAMENTO SOBRE O PACIENTE

O primeiro impacto da doença vem com o diagnóstico que muda radicalmente sua vida. Tal choque emocional afeta os aspectos social, econômico e até mesmo o estético que, até então, para ele era extremamente importante. Essa revelação causa danos psicológicos no paciente renal, em sua família e, de certa forma, atinge todos os envolvidos, pois é uma doença que destrói lentamente a todos. Além disso, surgem vários conflitos nos relacionamentos dos doentes que se dão em vários níveis: com a equipe do serviço de nefrologia, com a família, com o cônjuge e com seus amigos.

Para Busato (1976), quando a doença renal crônica final é descoberta abruptamente, tanto o paciente como a família sofrem profunda depressão e decepção necessitando algum tempo para serem superadas. Os pacientes renais crônicos, até atingirem a fase final, passam por um período mais ou menos longo de evolução, dependendo da etiologia da doença.

Segundo Busatto (1976), o paciente com IRC passa por diversas fases: em um primeiro momento, ele se encontra em estado de alerta, tenso, agitado e na expectativa de que algo está para acontecer, o que lhe ocasiona um desgaste físico e emocional muito grande.

Em seguida vem à fase de alerta e de adaptação aparente. O paciente não aceita a doença e o tratamento, mas demonstra calma, tranquilidade e não se apavora diante das situações emergenciais. Realiza o tratamento normalmente, cumpre o seu horário e segue à risca as orientações médicas. Os dias que se passam são rotina em sua vida.

Num terceiro momento, quando suas defesas estão baixas, há mudanças no comportamento: o paciente tem atitudes inesperadas, começa a violar a dieta, faltar às sessões de hemodiálise e ter atritos nas relações e, na sequência, ainda surge a depressão agravando seu quadro clínico. É nesse momento que ainda há o afastamento de pessoas próximas com vínculos efetivos. A consequência disso tudo será um atraso em seu tratamento.

Meleti (2003) cita que as hipóteses levantadas com relação a essas disfunções abarcam não só a enfermidade física, como também as razões psicológicas – como sentimento de dependência real do procedimento da hemodiálise, a impotência perante ele mesmo e os outros, na medida em que, em muitos casos, há a inversão de papéis na família, quando, diante das necessidades financeiras, cabe ao cônjuge sair para trabalhar fora de casa, restando ao paciente algumas atividades domésticas; além da depressão, que tem concomitantes físicos que incluem o estresse e a capacidade sexual diminuída.

Meleti (2003) relata também a perda da independência e da liberdade dos pacientes em função do tratamento e das intercorrências, que, muitas vezes, os confinam em casa ou no hospital, acamados.

A INTERVENÇÃO NO TRATAMENTO DA FAMÍLIA

A presença da família no processo de adoecer serve como suporte para a nova etapa de sua vida, uma vez que esse apoio pode ajudar na aceitação do tratamento. A presença de familiares e amigos junto ao paciente proporciona força e coragem para continuar a lutar contra os medos e os sofrimentos inerentes à sua situação. O apoio incondicional de pessoas queridas que convivam no seu dia a dia é de extrema importância no momento de ansiedade, angústia e fragilidade em que o doente se encontra.

Em relação ao apoio da família do paciente renal crônico, Dyniewicz, Zanella & Kobus (2004, p. 199 – 212), ao citarem Silva et al. (2002, p. 566), descrevem que a avaliação de uma pessoa em relação à sua qualidade de vida está muito relacionada ao apoio que recebe da família, e que este fato a faz sentir melhor. Consideram que a “doença, de certa forma, também é da família e, quando os familiares estão presentes, dando apoio constante, a dor do doente renal crônico é compartilhada, diluída”.

Também é importante a família estar atenta quanto aos cuidados com a dieta e com a administração dos medicamentos. Isso irá produzir uma resposta positiva ao tratamento e ao bem-estar do paciente.

DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

O trabalho da equipe multidisciplinar é importante para que o doente alcance uma boa qualidade de vida e possam viver longos anos. Quando um paciente começa a fazer hemodiálise, geralmente tem de interromper suas atividades profissionais. Tal situação gera um problema muito importante na família. Assim, uma das grandes preocupações da equipe multidisciplinar é integrar a família no tratamento do paciente para amenizar os impactos citados acima.

O termo equipe multiprofissional refere-se a um grupo de especialistas que atua de forma independente em um mesmo local de trabalho. Especificamente na área da saúde, esses especialistas atuam de forma interdependente, buscando resultados por meio da somatória de conhecimentos específicos, experiências e estudos que focalizem a qualidade de vida dos pacientes (DINIZ; CARVALHAES, 2002).

Nas clínicas de hemodiálise trabalha-se com a interdisciplinaridade, pois se agrega não só o trabalho de nutricionista, psicóloga, enfermeiras e médicos, mas também o de assistente social.

O papel da equipe multiprofissional, como um todo, segundo Silva e Silva (2003), é buscar o mais alto bem-estar para o paciente, dentro de suas possibilidades, respeitando sua individualidade e opções, buscando assisti-lo como um todo, holisticamente, no complexo biopsicossocial, tendo em mente que, em diálise peritoneal ambulatorial contínua (DPAC), o principal responsável pelo sucesso do tratamento será o próprio paciente.

DO SERVIÇO SOCIAL COM O PACIENTE RENAL CRÔNICO

O assistente social que atua em uma clínica de hemodiálise tem como objetivo uma ação interventiva com compromisso ético-político, teórico-metodológico e técnico-operativo do Serviço Social. A ação profissional é permeada pelo atendimento integral ao paciente portador de insuficiência renal crônica em programa de hemodiálise, visando à garantia da melhoria da qualidade de vida do paciente.

A ação profissional é definida por Nogueira e Miotto (2006, p.9) como.

Conjunto de procedimentos, atos, atividades pertinentes a uma determinada profissão e realizadas por sujeitos/profissionais de forma responsável e consciente. Contém tanto a dimensão operativa quanto uma dimensão ética, e expressa no momento em que se realiza o processo de apropriação que os profissionais fazem dos fundamentos teórico-metodológico e ético-político da profissão em determinado momento histórico.

Essa prática se constitui no acolhimento do paciente com insuficiência renal crônica e seus familiares frente ao contexto da situação doença como processo social, no acompanhamento a fim de enfrentar esse processo de mudança da realidade na qual se insere e na viabilidade de ampliação de seus direitos e efetivação da cidadania.

O assistente social em uma clínica de hemodiálise tem como atribuição desenvolver atividades junto aos pacientes diante de várias perspectivas, problemas ou dificuldades apresentadas, na área das necessidades humanas e sociais, tais como repassar à equipe de trabalho os aspectos sociais do paciente para haver melhor condução nas intervenções profissionais; elaborar o perfil socioeconômico do paciente com insuficiência renal crônica (**IRC**); escutar suas queixas; realizar visitas domiciliares e encaminhar o paciente para serviços em rede.

O trabalho do assistente social tem necessidade de desenvolver estratégias com ações que favoreçam e priorizem o enfoque individual e coletivo e que diminuam a morbidade e a mortalidade pela doença renal crônica (**DRC**). Faz-se necessário refletir sobre estratégias que contribuam para maior efetividade do tratamento, bem como descrever propostas de intervenção baseadas numa relação de proximidade e respeito entre a equipe de saúde e o paciente, de forma a torná-lo capaz de compreender a sua condição de saúde e de se responsabilizar por seu cuidado. Em última instância, pretende-se alcançar uma mudança de comportamento e, conseqüentemente, maior efetividade do tratamento.

Ainda para (Nogueira e Miotto, 2006), os processos de Planejamento e Gestão estão vinculados a um conjunto de ações profissionais que no âmbito das

instituições e serviços se voltam para o planejamento e a gestão dos mesmos, da informação, organização e gerenciamento de programas e projetos.

Através de um protocolo de avaliação, o profissional tem por finalidade conhecer o paciente, avaliar suas necessidades, orientar, esclarecer, informar e sanar dúvidas frequentes sobre a doença, o tratamento e os direitos que lhe são assegurados por lei.

O SERVIÇO SOCIAL NA DEFESA DOS DIREITOS DOS PACIENTES RENAIIS CRÔNICOS

O serviço social tem um compromisso ético-político com os pacientes renais crônicos, com o intuito de contribuir para o bem-estar social do doente, proporcionar condições favoráveis ao tratamento, informar sobre seus direitos, realizar estudo social e encaminhamentos de acordo com a cartilha de direitos dos pacientes renais crônicos.

A ação profissional do assistente social junto aos portadores de insuficiência renal se configura, portanto, como uma ação importante por analisar os aspectos sociais, econômicos e culturais relacionados ao processo saúde x doença, buscando formas de enfrentamento individual e coletivo, objetivando trabalhar as relações sociais sub-bases democráticas, em que fluam informações, conhecimentos e experiências necessárias à busca da realização dos direitos sociais (PALHETA, 2001).

Assim, no âmbito da saúde, tendo em vista a operacionalização do trabalho e a efetivação do projeto ético-político profissional, o assistente social desenvolve seus processos de trabalho mediando o acesso e a garantia das condições necessárias ao alcance da saúde individual e coletiva, bem como aos bens e serviços indispensáveis para a sua materialização e dos demais direitos sociais.

A saúde emerge como direito universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação, com responsabilidade atribuída ao Estado e devendo ser garantida mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos (CAMARGO; MACIEL, 2008).

Cabe salientar que o assistente social tem um papel essencial na conscientização dos pacientes renais de seus direitos sociais, como também na luta pela efetivação dos mesmos, através do apoio e engajamento a entidades e associações que defendem coletivamente os direitos e interesses dos portadores de doença renal e seus familiares, tendo em vista o que destaca (Vasconcelos, 1994; apud Vieira, 2006, p. 13):

O assistente social, na sua prática profissional, se depara com uma população desinformada a respeito de seus direitos sociais. Essa desinformação contribui para que os usuários sejam utilizados pelas instituições e não as utilizem enquanto direito social, impedidos, então, de ampliar, consolidar e exercer sua cidadania.

Como um bom ouvinte, e através da técnica de observação, o assistente social toma conhecimento dos problemas enfrentados pelos pacientes e seus familiares, buscando recursos para que os pacientes obtenham acesso aos direitos sociais: benefício de prestação continuada (**BPC**), auxílio-doença para os que contribuem com o Instituto Nacional de Seguridade Social (**INSS**), transporte especial, resgate do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (**FGTS**) para quem se enquadra no perfil do benefício, isenção de Imposto de Produto Industrializado (**IPi**) e isenção do Imposto de Renda (**IR**), entre outros. O acompanhamento social também estimula os pacientes a não abandonarem os seus tratamentos de saúde.

REVISÃO DE LITERATURA

Quanto à hemodiálise, pode-se dizer que o sentido da palavra revela a purificação do sangue, objeto deste estudo. Trata-se de um “processo extracorpóreo de depuração do sangue, mediado pela membrana de um dialisador” (BARROS; MANFRO; THOMÉ, 2006, p. 528).

A hemodiálise é o método de diálise mais comum, oferecendo uma alteração mais rápida na composição plasmática e de remoção do excesso de líquido corporal. É utilizado por pacientes que estão agudamente doentes e que necessitam de diálise por curto período de tempo, bem como para pacientes que necessitam de um tratamento em longo prazo ou permanente. Os pacientes hemodialisados devem se submeter ao tratamento três vezes por semana, com quatro horas de duração cada sessão. Em cada sessão de hemodiálise, o paciente deverá atingir o peso seco, sendo esse o peso ideal do paciente. (DAUGIRDAS, 2003; THOMAS, 2005).

A hemodiálise pode prolongar a vida do paciente, entretanto ela não altera a evolução natural da doença renal subjacente nem substitui por completo a função renal. (SMELTZER, 2002).

A insuficiência renal crônica (**IRC**) é uma doença que acomete os rins, prejudicando suas funções, entre elas a de excreção. A excreção está intimamente ligada aos aspectos qualitativos e quantitativos do que é ingerido ou administrado com produtos derivados do catabolismo, ou transformações metabólicas. Os sintomas não são usualmente aparentes ou observados até que a doença renal progrida significativamente e a capacidade dos rins esteja reduzida a 25% do normal. Quando essa capacidade estiver reduzida a menos de 15%, está caracterizada a insuficiência renal crônica, sendo uma condição frequentemente irreversível (CARVALHO et al., 1992; DAUGIRDAS, 2003).

Quando ocorre a possibilidade de um transplante também é considerado um tratamento. Os gastos de um transplante são mínimos em relação a anos de tratamento dialítico.

Segundo Bennet-Jones (2000), o transplante traz resultados positivos em relação à sobrevivência dos pacientes renais, ou seja, a maioria dos indivíduos que se submetem ao transplante possuem uma vida normal.

Além disso, há também o impacto psicológico que o tratamento impõe como a perda da individualidade, mudanças na imagem corporal, diminuição ou perda da autoestima e sentimento de menos valia. O impacto social inclui mudanças substanciais nas relações familiares e de amigos como também no trabalho. Com grande frequência os quadros de depressão estão presentes nesse contexto (LAZARETTI, 2002; ALMEIDA, 2003; HSIEH et al., 2007; ARENAS et al., 2007).

Thomas (2005), Menezes (2007) e Quintana (2006) asseguram que se faz importante que o paciente não perca o contato com seu meio social, amigos e familiares, pois estes fazem parte do pilar do paciente e o auxiliam na adesão ao tratamento. Os familiares se tornam intermediários entre a equipe médica e o paciente, afirmam Cesarino (1998) e Resende (2007).

Rudnicki (2006) e Otero (1990) ressaltam que, quando se trabalha com pacientes renais em uma equipe multidisciplinar, é preciso verificar os aspectos emocionais e sociais, juntamente com o auxílio do processo saúde/doença e na adequação de sua nova vida. Podem-se estabelecer benefícios como redução do número de hospitalizações, melhores níveis de hipertensão arterial, melhor controle dos distúrbios metabólicos e da anemia, finalizando com um melhor preparo psicológico para o processo do tratamento da **DRC**.

O trabalho do assistente social nos diversos espaços em que atua é sem dúvida um desafio posto à categoria, principalmente no que diz respeito à garantia dos direitos dos usuários. De acordo com Silva (2000), as transformações ocorridas na contemporaneidade, impostas pelo modelo econômico vigente o capitalismo, exige o redimensionamento das funções do assistente social como também uma maior qualificação para o exercício da profissão.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os sujeitos participantes do trabalho foram três pacientes portadores de doença renal crônica (**DRC**) de ambos os sexos, que realizam hemodiálise de dois a cinco anos na Clínica Renal do município de Uruguaiana/RS. A coleta de informações ocorreu através de entrevista semiestruturada. A análise de informações obtidas confirmou a vulnerabilidade dos pacientes quanto à garantia dos direitos.

O questionário, segundo Cervo e Bervian (2002), é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita mediar com melhor exatidão o que se deseja por meio das respostas às questões em que o próprio informante preenche, devendo ter a natureza impessoal, ser limitado em sua extensão e finalidade.

GRÁFICO

	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO	TEMPO DE TRATAMENTO
PACIENTE 1	M	69	E.F.INCOMPLETO	APOSENTADO	05 ANOS

PACIENTE 2	M	51	ANALFABETO	APOSENTADO	02 ANOS E 8 MESES
PACIENTE 3	F	54	E.F.INCOMPLETO	APOSENTADA	04 ANOS

Legenda: M – masculino F- feminino Fontes: Dados da pesquisa

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi realizada a caracterização dos participantes da pesquisa quanto a sexo, idade, escolaridade, ocupação de tempo de descobrimento da doença renal crônica (**DRC**) e tempo de tratamento de hemodiálise. Foram três participantes da pesquisa, cuja faixa de idade fica entre 51 e 69 anos. Todos têm um grau de escolaridade baixo, somente um dos participantes é do sexo feminino, todos eles têm renda, aposentadoria ou BPC, e o tempo de hemodiálise varia entre dois a cinco anos.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

As suas atividades cotidianas e de sua família sofreram alterações devido ao tratamento?

P1 – Mudou muita coisa na minha vida: a rotina, alimentação também me sinto cansada, minha vida pessoal também mudou, tenho o apoio da minha mãe e irmã, mas o meu marido me abandonou e moro sozinha com meu filho.

P2 – Eu era um homem trabalhador, chefe de família que gostava de comer bem e passear com a família, hoje eu passo 4 horas nesta cadeira, três dias por semana, tenho que comer e beber controladamente.

P3 - Eu já era um homem aposentado quando tudo aconteceu, após anos trabalhando achei que iria aproveitar minhas férias merecidas. Mas da noite para o dia venho (*sic*) a notícia que eu precisava fazer hemodiálise. Minha vida mudou. Se beber muita água, eu incho e o meu peso aumenta de dois a três quilos. Alguns alimentos também são proibidos por causa do potássio.

O que você acha do profissional de serviço social diariamente na clínica?

P1- Ótimo, eu iria ter com quem conversar e o tempo passaria mais rápido, além de ter alguém para me orientar sobre os meus direitos.

P2- Muito importante ter alguém para nos dar informação.

P3- Seria muito bom ter alguém para nos dar apoio, escutar e dar informações e orientações quando necessário.

A informação dos seus direitos como paciente em tratamento de hemodiálise foi comunicada de forma clara?

P1- Alguma coisa eles informam, por exemplo, o vale-transporte, sobre alguns limites que a doença impõe.

P2- Os médicos e enfermeiros nos passam informações, mas alguma coisa sempre fica faltando.

P3- Muita coisa nem sabia que tinha direitos.

PARECER DO GRUPO REFERENTE À ENTREVISTA REALIZADA

Ficou evidente, através da pesquisa e da convivência durante o estágio com os pacientes renal crônico e seus familiares, que eles desconhecem os recursos disponíveis, ou seja, não têm as devidas informações sobre o acesso aos direitos sociais e públicos.

É de extrema importância a presença de um profissional da área do serviço social na clínica, para orientar os usuários a conviver com a nova realidade a ele imposta mediante situação existencial, informá-los sobre os direitos fundamentais assegurados por lei, contribuir para o bem-estar social do paciente e seus familiares e facilitar o acesso do usuário ao serviço em rede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização de estudos e pesquisas, considerou-se que a hemodiálise ocasiona mudanças no estilo de vida e causa alterações corporais e comportamentais nos doentes renais crônicos (**DRC**). Vale destacar que, apesar da presença de revolta, o indivíduo em tratamento hemodialítico não pode abandonar a luta e a busca por melhor condição de vida, pois a hemodiálise é uma opção de sobrevivência, uma oportunidade de continuar a vida e de adquirir possibilidades de realização de um futuro transplante renal.

Conclui-se que a relação do assistente social com o paciente renal crônico representa um consultor de recursos que irá possibilitar ao doente e à família melhoria na autoestima e na capacidade de resolver problemas nos três níveis de competência do serviço social.

A prática do profissional assistente social tem o intuito de atender o paciente nos diversos aspectos que envolvem sua vida social, familiar e comunitária, uma vez que o trabalho do Serviço Social em Política Pública de Saúde, especialmente no tratamento de paciente em programa de hemodiálise, visa cada vez mais prestar atendimento integral, aprimorando as técnicas e processos de trabalho, possibilitando, assim, uma melhoria na qualidade de vida do paciente renal e de sua família.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A.M. O papel da saúde mental na qualidade de vida e sobrevida nos pacientes com insuficiência renal crônica. J Bras Nefrol 2003; 25: 209-14.
- BASTOS, Marcus G. et al. Doença renal crônica: problemas e soluções. Jornal Brasileiro de Nefrologia, São Paulo, v. 26, n. 4, dezembro 2004. Disponível em: <<http://www.sbn.org.br/jbn>>. Acesso em: 30 ago. 2006.
- BARROS, Elvino et al. Nefrologia: rotinas, diagnóstico e tratamento. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BENNET-JONES, David. Insuficiência Renal: prevenção e tratamento. Update: Revista de Educação Permanente em Clínico Geral, Lisboa: 2000 V.11, n.135, p 44-46.
- BUSATO, Otto. "Transplante Renal: aspectos emocionais". In: MARTINS, Cyro et perspectiva da Relação Médico-Paciente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1975. Hemodiálise – O que é?. Artigo ABC da Saúde, 2001. Revisão: 2003. Disponível em: <http://www.abcdasaude.com.br/artigo.php?224> - Acessado em: 24/11/2007.
- CAMARGO, M. ET al. Os Processos de Trabalho do Assistente Social na Atenção Básica em S CARVALHO, I. M. P.; MELO R. L.; ANDRAUS, L. M. S. - Produção científica de enfermagem em nefrologia, no Brasil, no período de 1989 até 1999. Revista Eletrônica de Enfermagem (online), Goiânia, v.3, n.2, jul-dez. 2001. Disponível: <http://www.fen.ufg.br/revistaaude> Coletiva. Ciência et Praxis v. 1, n. 2, 2008.
- CERVO. A.L; P.A. Metodologia científica. 5 ed. São Paulo: Pertence Hall, 2002.48 p.

- CESARINO, C.B.; CASAGRANDE, L.D.R. Paciente com insuficiência renal crônica em tratamento hemodialítico: atividade educativa do enfermeiro. *Rev.latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 4, p. 31-40, outubro 1998.
- COSTA, M.D.H. O trabalho nos serviços de saúde e a inserção dos (as) Assistentes Sociais. Natal: UFPE, 1998. (Dissertação de Mestrado).
- DAUGIRDAS, J.T.; BLAKE, P.G. In TODD, S. Manual de Diálise. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DINIZ, D.P.; CARVALHAES, J. T.A. Equipes multiprofissionais em unidades de diálise: contribuição ao estudo da realidade brasileira. *Jornal Brasileiro de Nefrologia*, v. 24 n. 2, p. 88-96, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 março 2008.
- DYNIWICZ, Ana Maria; ZANELLA, Eloísa; KOBUS, Luciana S. G., 2004. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista6_2/pdf/Orig7_narrativa.pdf. Acessado em: 24/11/2007.
- História dahemodiálise-SaúdeGeriatrica.www.saudegeriatrica.com.br/medicina/saude/geriatria/.../publica17.html
- LAZZARETTI, C.T. Transplante Renal: Trajetória e reconstrução de identidade social. 222. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Programa de Pós Graduação em Sociologia, U15
- MENEZE, Cleovaldo Leite de; MAIA, Evanira Rodrigues; LIMA JÚNIOR, José Ferreira. O Impacto da Hemodiálise na vida dos portadores de Insuficiência Renal Crônica: uma análise a partir das necessidades humanas básicas. *Nursing* (São Paulo), São Paulo, v.10, n.115, p.570-576, dez.2007.
- NOGUEIRA, Vera Maria Ribeiro; MIOTTO, Regina Célia Tamasso. Sistematização e avaliação das ações dos assistentes sociais no campo da saúde. In: MOTA, Ana Elizabete da et al. Serviço social e saúde: formação e trabalho profissional. Disponível em: <http://fnepas.org.br/pdf/servico_social_saude/inicio.htm>. Acesso em: maio 2010.
- OTERO MARTINEZ, Haydee e VERDES, Ma. Del Carmen. Atención psicológica a pacientes com insuficiência renal crônica. *Revista Cubana de Psicología*, 1990, vol. 7, n. 2, p. 105-108.
- PALHETA, L.A.S. O fazer profissional do assistente social e os portadores de insuficiência renal crônica: uma reflexão dos impactos biopsicossociais causados nos pacientes. [Monografia]. Universidade da Amazônia. Belém. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 abril 2008.
- QUINTANA, Alberto M.; MULLER, Ana Cláudia. Da Saúde à Doença: representações sociais sobre a insuficiência renal crônica e o transplante renal. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v.24, n.44, p.73 – 80 jan/mar, 2006.
- RESENDE, Marineia Crosara de; SANTOS, Francisco Assis dos; SOUZA, Melissa Macedo de and MARQUES, Thatianna Pereira. Atendimento psicológico a pacientes com insuficiência renal crônica: em busca de ajustamento psicológico. *Psicol. Clin.* [online]. 2007 vol.19, n.2, [citado 13 de outubro de 2009] p.87-99.
- RUDNICKI, Tânia. Sol de invierno: aspectos emocionales del paciente renal crónico. *Diversitas*, dez. 2006, vol.2, no. 2, p.279-288.
- SILVA, H. G.; SILVA, M. J. Motivações do paciente renal para a escolha a diálise peritoneal
- SMELTZER, Suzanne C.; BARE, Brenda G. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. Eletrônica de Enfermagem, v. 5, n. 1, p. 10-14, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 15 agosto 2007.
- THOMAS, Caroline Venzon e ALCHIERI, João Carlos. Qualidade de vida, depressão e características de personalidade em pacientes submetidos à hemodiálise. *Aval. psicol.*, jun. 2005, vol.4, n.1, p.57-64.
- VIEIRA, Cristina. A atuação do Serviço Social junto ao paciente renal crônico e sua família, 2006. Disponível em:<<http://www.jornalorebate.com/colunistas/cris6.htm>>. Acesso em 21 de julho de 2008.



Publicação Mensal da INTEGRALIZE

Aceitam-se permutas com outros periódicos.

*Para obter exemplares da Revista impressa, entre em contato com a Editora Integralize pelo **(48) 99175-3510***

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande,

CEP 88032-005.

Telefone: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.onlin>